

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV**

HALYSSON OLIVEIRA DANTAS

ESTUDO DA REDE DE REMISSIVAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES

**Fortaleza
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HALYSSON OLIVEIRA DANTAS

ESTUDO DA REDE DE REMISSIVAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: descrição do português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Emilia Maria Peixoto Farias

Fortaleza

2009

HALYSSON OLIVEIRA DANTAS

ESTUDO DA REDE DE REMISSIVAS EM DICIONÁRIOS ESCOLARES

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Área de concentração: descrição do português.

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Emíla Maria Peixoto Farias (orientadora)
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Prof^a. Dra. Eulália Vera Fraga Leurquin (suplente)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Dedico este trabalho a todos aqueles, que em algum momento e/ou de alguma forma, colaboraram para o desenvolvimento dos meus estudos e pesquisas, em especial aos meus pais, meus irmãos e à minha esposa Aurelice, pessoas que souberam me compreender e me apoiar nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, força maior que rege todo o Universo, pelos desígnios que deu à minha vida; aos meus pais, Nyldemar Gonçalves Dantas e Wanda Maria de Oliveira Dantas, e aos meus irmãos por serem a base desta empreitada; postumamente, a meus avós Raimundo Gonçalves, Maurício Rodrigues (o Baldarate) e Maria Evangelista, pelas lições de vida; à minha avó paterna Maria Valderília Gonçalves Dantas, por investir e acreditar no meu sucesso pessoal e profissional; à professora Dra. Emília Maria Peixoto Farias, por também ter acreditado no meu trabalho e pela orientação acadêmica e humana que me concedeu; à professora Dra. Maria Elias Soares por ter intercedido no momento certo para que pudesse trilhar o melhor caminho para minha formação, além de sempre ter sido fundamental em suas colocações para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de meu trabalho; ao professor Dr. Antônio Luciano Pontes pelo embasamento teórico e acadêmico que me deu ao longo dos meus estudos de graduação e de pós-graduação, além das orientações para vida; e agradeço sobremaneira à minha esposa Aurelice Barbosa de Oliveira, pela paciência em ler os escritos desta pesquisa, e também ao meu filho Juan Pablo de Oliveira Dantas, por ser a motivação mais especial que tenho para seguir em frente.

“Dicionário é como supermercado: você entra para buscar uma coisa e sempre sai com muito mais.”

Luís Fernando Veríssimo

RESUMO

Nas últimas décadas, os estudos em Lexicologia têm-se desenvolvido bastante, especialmente, em relação às discussões teóricas acerca de obras lexicográficas. Paralelamente a isso, a lexicografia, que se notabiliza como a arte de fazer dicionários, também testemunha um grande avanço, sobretudo, no que diz respeito aos novos parâmetros para a confecção de dicionários. Assim, novas áreas de interesse ganham destaque dentro dos estudos lexicográficos como, por exemplo, a lexicografia pedagógica ou lexicodidática, que se refere aos estudos de obras voltadas para aprendizes. Nosso trabalho, pois, seguindo os princípios da metalexicografia, que se ocupa da análise e da crítica a obras lexicográficas, tem por objetivo descrever e analisar o sistema de remissivas em dois dicionários escolares, a saber, Mini Aurélio jr. (2005) e Mini Houaiss (2004). Para tanto, selecionamos de forma aleatória nove verbetes, constantes da nomenclatura das obras em questão. Os verbetes escolhidos levam em consideração apenas três categorias gramaticais – substantivo, adjetivo e verbo – pelo fato de que estas categorias gramaticais possuem uma alta produtividade de palavras na língua portuguesa, favorecendo, assim, o estabelecimento de remissões nos dicionários. Em seguida, fizemos a descrição das remissivas presentes nos dois dicionários em análise, observando a variação em relação aos índices utilizados para a remissão. Os resultados das análises que foram feitas apontam uma certa discrepância entre o que preceitua a metalexicografia e o que realmente se pratica, em termos de medioestrutura nos dicionários escolares. O que resulta em comprometimento do fluxo da informação presente entre as entradas dos dicionários.

Palavras-chave: *Dicionários escolares, metalexicografia e remissivas.*

ABSTRACT

In recent decades, studies in Lexicology have been developed considerably, especially in relation to theoretical discussions about lexical works. Alongside this, lexicography, which distinguishes it as the art of making dictionaries, has also witnessed a great progress, especially with respect to new parameters for the construction of dictionaries. Thus, new areas of interest gain prominence within the lexical studies such as the pedagogical lexicography, which refers to studies of works devoted to apprentices. Our work, therefore, following the principles of metalexicography, which deals with analysis and criticism of the lexical works, aims to describe and analyze the system of cross-references in two learner's dictionaries, namely Mini Aurélio jr. (2005) and Mini Houaiss (2004). For this, randomly selected from nine entries, in the nomenclature of the work in question. The entries selected belong to three grammatical categories - noun, adjective and verb - once that these grammatical categories have a high productivity of words in the Portuguese language, favoring thus the establishment of references in dictionaries. We present the description of the cross-references in the two dictionaries under review, noting the variation in relation to the indices used for reference. The results of analyses show a discrepancy between metalexicographic principles and what is actually presented in terms of medioestructure in learner's dictionaries. This results is an impairment of the flow of information between entries in the dictionaries.

Key-words: Learner's dictionaries; Metalexicography; Cross-references.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Planilha de descrição da medioestrutura, adaptada de Damim (2005)	74
Quadro 02: Planilha de símbolos utilizados nas análises da medioestrutura, adaptada de Damim (2005)	74
Quadro 03: Artigos léxicos que constituem o <i>corpus</i>	77
Quadro 04: Planilha de análise da medioestrutura dos DE's, adaptada de Damim (2005)	106
Quadro 05: Planilha de símbolos utilizados nas análises, adaptada de Damim (2005)	107

LISTA DE ABREVIATURAS

Cf.: confronto ou conferir

V.: ver ou veja

Mod.: modelo

D.E.: dicionário escolar

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PNLD: Programa Nacional de Distribuição do Livro Didático

MEC: Ministério da Educação

MAu05: Minidicionário Aurélio Jr. (2005)

MHou04: Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004)

Sumário

Dedicatória	IV
Agradecimentos	V
Epígrafe	VI
Resumo	VII
Abstract	VIII
Lista de quadros.....	IX
Lista de abreviaturas	X
Sumário.....	XI
Introdução	12
2 Metalexigrafia: a avaliação de dicionários	17
Lexicologia	17
Lexicografia	19
A lexicografia prática	21
Lexicografia teórica ou Metalexigrafia	23
A avaliação de dicionários	27
3 Dicionário: definição e taxonomia	30
O que é um dicionário?	30
Tipologias de dicionários	32
Estruturas do dicionário	38
A megaestrutura	40
A macroestrutura	41
A microestrutura	50
A medioestrutura	64
4 Metodologia	69
Método de abordagem	69
Dos procedimentos	70
Da técnica	70
Dos critérios de análise	71
A composição do corpus	75
5 Descrição e análise dos dados	78
Considerações iniciais	78
Da sistematicidade da rede de remissivas	78
A medioestrutura dos substantivos no MAu05 e no MHou04	81
A medioestrutura dos adjetivos no MAu05 e no MHou04	92
A medioestrutura dos verbos no MAu05 e no MHou04	101
Aspectos gerais da medioestrutura do MAu05 e do MHou04	106
Quadro comparativo da medioestrutura do MAu05 e do MHou04	106
Descrição geral da medioestrutura do MAu05 e do MHou04	107
Conclusão	110
Referências	113
ANEXOS	118
ANEXO 1: artigos léxicos correspondentes aos substantivos	119
ANEXO 2: artigos léxicos correspondentes aos adjetivos.....	131
ANEXO 3: artigos léxicos correspondentes aos verbos.....	135

ANEXO 4: textos iniciais do MAu05.....	139
ANEXO 5: textos iniciais do MHou04.....	141
ANEXO 6: textos dos livros didáticos	143

INTRODUÇÃO

Embora nas últimas décadas alguns lexicógrafos, como por exemplo, Wiegand (1984), Hernández (1989) e Ripfel (1990) tenham se debruçado sobre os estudos a respeito de dicionários, suas perspectivas ainda eram centradas em análises quantitativas baseadas em enquetes e questionários, que visavam a estabelecer resultados estatísticos sobre o uso destas obras, sobretudo por estudantes de língua estrangeira. Desta forma, os dicionários produzidos nesse período tomavam por base estes resultados, que revelavam, por exemplo, a frequência com que tal palavra era pesquisada, ou que grupo de estudantes de língua estrangeira mais utilizava o dicionário.

Contudo, vale salientar que, com o desenvolvimento das ciências do léxico tais como a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, devido principalmente às contribuições advindas da Sociolinguística, da Pragmática, da Semântica, da Análise do Discurso e da Pedagogia das línguas, observamos que as preocupações em relação à confecção e ao uso de dicionários têm sido expandidas para além de simplesmente saber com qual frequência estudantes consultam estas obras.

Assim, é que, a partir de então, muitos pesquisadores passaram a fazer análises mais apuradas de dicionários e da relação aluno-dicionário no ensino-aprendizagem de línguas, levando em consideração, pois, o escopo da Lexicografia Pedagógica, que abrange duas grandes vertentes: a descrição e o uso de dicionários escolares (Metalexigrafia).

Na Espanha, trabalhos como os de Izquierdo (2000), Martín (2000) e Arroyo (2003) demonstram uma crescente necessidade de relacionar-se, de maneira mais explícita, a relação entre o dicionário e a sala de aula. Essas discussões acerca do fazer lexicográfico e de práticas pedagógicas voltadas para o uso deste material no ensino de língua materna, já fazem parte da tradição lexicográfica espanhola. Também autores ingleses e alemães, têm-se dedicado ao estudo da Lexicografia Didática, citem-se, por exemplo,

Hausmann (1985), Hartmann (1999) e Muráth (2005), que pesquisaram a respeito das definições dos dicionários e suas implicações para o ensino de língua estrangeira.

Conforme se observa, muitas pesquisas, cuja essência é a relação entre dicionários e aprendizagem, vem sendo desenvolvidas fora do Brasil, nos últimos tempos. Em relação aos trabalhos nesta área, feitos por pesquisadores brasileiros, podemos destacar alguns como os de Biderman (2001), de Damim (2005), de Krieger (2006) e o de Humblé (2008). Todos estes trabalhos refletem, pois, uma nova vertente dos estudos lexicográficos, a Metalexigrafia, que tem testemunhado um grande avanço, especialmente, na década atual.

Tal avanço, contudo, está intimamente ligado ao fato de que a distribuição de livros didáticos, sobretudo, de dicionários, tornou-se uma das mais fortes políticas governamentais voltadas para a educação pública, uma vez que a partir de 2001, o Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional de Distribuição do Livro Didático (PNLD), massificou a distribuição de obras de referência como os dicionários, entregando um para cada aluno do Ensino Fundamental.

Esta política de distribuição de livros didáticos e de dicionários, teve, e ainda tem, um impacto muito relevante para o mercado editorial brasileiro¹, devido ao fato de que, já em 2001, o MEC estabeleceu alguns critérios para a seleção de dicionários, que figurariam entre os *recomendados*, *recomendados com ressalva* e os *não-recomendados*. Essa classificação fez com que as editoras² buscassem cada vez mais melhorar a qualidade das obras que submetiam à análise governamental, buscando, para tanto, subsídios teórico-metodológicos na Metalexigrafia.

¹ A respeito do crescente interesse do mercado editorial brasileiro em dicionários e sua relação com o PNLD, sugerimos a leitura do excelente artigo de Krieger (2006, p.235-252) publicado nos Cadernos de Tradução n. 18.

² Para maiores informações sobre as novidades do mercado editorial brasileiro, ver o sítio www.abrelivros.org.br.

Vale ressaltar ainda que a necessidade de produzirem-se cada vez mais estudos Metalexigráficos, cresce em virtude não só da importância dessa disciplina como ramo da Lingüística Aplicada, mas também por conta do aprimoramento dos mecanismos de avaliação de dicionários, instituídos pelo MEC, a cada novo ciclo de seleção destas obras para distribuição nas escolas públicas de todo o país³.

Assim, estudos como os de Assad (2004) e de Damim (2005) contribuem para que se estabeleçam critérios mais técnicos, que norteiem, não apenas as etapas de confecção de dicionários, mas também as análises quantitativas e qualitativas feitas sobre eles. Nosso trabalho, pois, insere-se neste rol de pesquisas que visam contribuir para a evolução do binômio dicionário/aprendizagem, levando-se em conta todas as peculiaridades que este tipo de obra pode apresentar.

Dentre as peculiaridades que o dicionário escolar apresenta, interessa-nos, especificamente, a dinâmica que se estabelece entre as *referências cruzadas* na macro e na microestrutura dos dicionários, que constituem a rede de remissivas, presente, no que alguns lexicógrafos mais atuais, especialmente os alemães, chamam de *medioestrutura*⁴.

Este termo diz respeito, portanto, ao sistema de remissões ou referências cruzadas, quer dizer, formas de remeter-se o consulente de um lugar a outro. Essas remissões podem ser externas, remetendo a fontes, nas quais o lexicógrafo escolheu seus dados; e internas, remetendo a outras palavras presentes na macro e na microestrutura do dicionário.

Conforme se percebe, a medioestrutura nos dicionários se expande para além das relações de sinonímia e de antonímia. Por conta disso,

³ Em 2010, será feito um novo certame para a escolha de novos dicionários a serem distribuídos para as escolas públicas brasileiras. Vale ressaltar que tais obras já deverão estar em consonância com as novas regras ortográficas da Língua Portuguesa.

⁴ Termo mais empregado por autores alemães, segundo Welker (2006).

o fazer lexicográfico sugere que os itens que cumprem o papel de remeter o consulente de um lugar a outro sejam padronizados e explicitados previamente para facilitar a consulta e a busca por informações complementares. A partir de tais premissas, surgiu-nos a seguinte questão investigativa, que norteou todo nosso trabalho: *a falta de sistematicidade na medioestrutura dos dicionários escolares compromete o fluxo da informação?*

Assim sendo, tomando como motivação inicial a avaliação e classificação de dicionários feitas pelo MEC, nossa pesquisa se propõe, pois, a descrever e analisar como se estabelece a remissão nos dicionários escolares, sua organização e seus princípios, por meio da comparação de duas obras apontadas pelo MEC como recomendadas com distinção, o grau máximo de excelência atingido por um dicionário, de acordo com a classificação desta instituição. Nosso intuito ainda, é contribuir com os estudos metalexográficos, no Brasil, além de tentar facilitar a compreensão por parte de professores e alunos das características próprias destas obras lexicográficas.

Para tanto, distribuimos em seis capítulos conceitos, métodos e análises, que demonstram a relevância do estudo da *medioestrutura*, especialmente, nos dicionários escolares.

Iniciamos a dissertação com uma breve introdução, na qual apresentamos o estado da arte e a motivação inicial de nosso trabalho, bem como a questão de pesquisa que norteou nossas análises.

Em seguida, elencamos nos capítulos 2 e 3 os principais referenciais teóricos que fundamentaram nosso estudo. Levamos em conta as contribuições da Lexicologia e da Lexicografia, a fim de discutirmos o que vem a ser o dicionário escolar, no conjunto das taxonomias apresentadas por diversos autores, além de apresentar alguns conceitos que serviram de base para o desenvolvimento de nossa investigação. Conceitos como microestrutura, medioestrutura e macroestrutura.

No capítulo 4, apresentamos a metodologia utilizada para a seleção das obras analisadas e para a constituição do *corpus* de nossa pesquisa.

A partir de então é que, no capítulo 5, passamos a desenvolver a descrição e a análise das redes de remissivas dos dicionários escolares Mini Aurélio jr. 2005 e Mini Houaiss 2004, tecendo algumas reflexões sobre como elas se apresentam nestas obras, destacando a importância do consulente, com suas necessidades e expectativas, na busca pelo significado.

Ainda no capítulo 5, destacamos a comparação estabelecida entre a rede léxico-semântica das duas obras em questão, a fim de enfatizar seus contrapontos e suas semelhanças.

Por fim, a conclusão demonstra nossas considerações finais a respeito das análises feitas, relacionando-as com os questionamentos, os objetivos e as hipóteses preliminarmente traçados.

2 METALEXICOGRAFIA: A AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Lexicologia

A Lexicologia é a disciplina que estuda as palavras de uma língua, em discursos individuais e coletivos. É ela que trata das relações de sentido que existem entre as palavras que constituem o léxico de uma língua. Além disso, tem ainda a tarefa de estabelecer a lista de unidades que compõem o léxico de uma dada língua.

Para Pontes (2007, p.04) o campo de estudo da Lexicologia "compreende questões relativas à morfologia lexical e à semântica lexical, uma vez que o léxico não é apenas uma lista de palavras, mas se organiza, a partir de dois planos: o do sentido e o da forma."

Barbosa (1991) define Lexicologia como sendo:

O estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia - bem como, elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma "visão de mundo", de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

A Lexicologia, pois, assume um *status* científico e tem-se desenvolvido bastante nos últimos tempos, a partir de estudos que analisam o

léxico com base em **corpora** constituídos por palavras retiradas de contextos reais de uso como notícias, anúncios, textos conversacionais entre outros, veiculados nos mais diversos suportes textuais⁵.

Destaque-se ainda que o crescimento desta disciplina, hoje em dia, deve-se muito às contribuições da Pragmática em relação ao papel da situacionalidade, que interferem a comunicação humana; da Análise do Discurso e os estudos sobre gêneros textuais; da Lingüística Cognitiva e as noções de categorização, léxico mental e figuratividade; além da Sociolingüística e o entendimento das diversas variantes lingüísticas presentes na língua; entre outras.

Além do mais, o estabelecimento da Lexicologia como ramo da Lingüística moderna tem influenciado não só estudos de temas como metáfora, polissemia, sinonímia, só para citar alguns, como também as análises de dicionários quer sejam de língua comum, quer sejam de língua de especialidade.

Contudo, há que se estabelecer, ao tratar-se de dicionários a distinção que se faz atualmente entre a Lexicologia, entendida como a disciplina que se ocupa das reflexões teóricas sobre os dicionários e a Lexicografia, que diz respeito às questões práticas de elaboração e confecção de dicionários.

Deste modo, corroboramos com o que preceitua Martín (2000, p. 22), ao estabelecer a distinção entre Lexicologia e Lexicografia:

Considera-se, assim, hoje em dia, a Lexicografia como uma disciplina de caráter prático, encarregada da elaboração de dicionários, enquanto a Lexicologia se ocupa do estudo do léxico, sem que esteja

⁵ Por suportes textuais, entendemos o lugar físico que embasa a veiculação dos diversos gêneros de textos. Por exemplo, a notícia precisa ser veiculada em um jornal ou numa revista, já o verbete precisa estar inserido no âmbito maior do dicionário.

necessariamente relacionada com a elaboração de dicionários. As relações entre ambas são evidentes, assim como com respeito à Semântica que se ocupa da significação.[...]⁶

Sendo assim, fica claro que o escopo referente tanto à Lexicologia quanto à Lexicografia está bem definido no âmbito do que atualmente, costuma-se designar como "Ciências do léxico".

Lexicografia

A Lexicografia se caracteriza para muitos autores, como a "arte" ou "técnica" de fazer dicionários. Ancorada nos preceitos teóricos estabelecidos pelos estudos lexicológicos, que foram feitos nos últimos tempos, a Lexicografia surge como a aplicação prática dessas teorias lexicológicas. Por isso mesmo, tem sido classificada como estando no âmbito da Linguística Aplicada.

Para Casares (1992, p.10-11), apesar de serem disciplinas que têm o mesmo objeto de estudo - o léxico - diferenciam-se pelo enfoque que lhe é dado:

É de igual maneira que distinguimos uma ciência da gramática e uma arte da gramática, podemos distinguir duas facultades que têm sua origem num objeto comum, a forma e o significado das palavras: a Lexicologia, que estuda estas matérias do ponto de vista geral e científico, e Lexicografia, cujo sentido, principalmente usual, define-se acertadamente em nosso léxico como "a arte de compor dicionários."⁷

⁶ "Se considera así hoy em dia a la Lexicografia como uma disciplina de carácter práctico encargada de la elaboración de los diccionarios, mientras la Lexicologia se ocupa del estudio del léxico, sin estar necesariamente relacionada com la elaboración de diccionarios. Las interrelaciones entre ambas son evidentes, así como com respecto a la semântica, que se ocupa de la significación.(...)" (MARTÍN, 2000, p.22)

⁷ "Y de igual manera que distinguimos una ciencia de la gramática y un arte de la gramática, podemos distinguir dos facultades que tienen por objeto común el origen, la forma y el significado de las palabras: la lexicología, que estudia estas materias desde el punto de vista general y

Esta concepção apresentada por Casares (1992) tem sido bastante aceita e difundida pela maioria dos teóricos que se preocupam com o estudo do léxico, por concordarem que a Lexicografia está notabilizando-se como a parte prática da Lexicologia. O que parece ser de extrema importância para que não se confundam as duas disciplinas como se tratando de uma só.

Entretanto, alguns autores mais atuais como é o caso de Hernández (2000) vão mais além, quando afirmam que “a Lexicografia não se limita apenas à prática, ela também apresenta uma vertente teórica autônoma, mas de base lexicológica”. Para ele, a Lexicografia pode ser dividida em “Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica (ou Metalexicografia)”.⁸

Essa divisão da Lexicografia em duas vertentes distintas, já havia sido proposta na década de 80 por Werner (1982, p.83) apud Fernández (2003, p.35), que apenas preferiu denominar a Lexicografia Teórica como Teoria da Lexicografia:

A Lexicografia diz respeito ao domínio da descrição léxica que se concentre no estudo e descrição dos monemas e simonemas individuais dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas lingüísticos individuais e dos sistemas lingüísticos coletivos [...] e **Teoria da Lexicografia** para designar a metodologia científica da Lexicografia.⁹

científico la lexicografía, cuyo cometido, principalmente utilitário, se define em nuestro léxico como el ‘arte de componer diccionarios’,” (CASARES, 1992, p.10-11)

⁸ Traduzido por Pontes (2007)

⁹ “[...] la Lexicografía para todo el dominio de lè descripción léxica que se concentre em el estudio y descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos [...] y *teoría de la lexicografía* para designar la metodología científica de la lexicografía.” (WERNER, 1982, p.93)

Ainda sobre a divisão da Lexicografia em Lexicografia Teórica e Lexicografia Prática, Ahumada (1989, p.18) coloca que:

Enquanto a primeira se ocupa do estudo dos princípios e métodos seguidos na redação de dicionários, a Lexicografia Prática - ou Lexicografia no sentido mais tradicional do termo - ocupa-se das tarefas próprias da confecção de dicionários.¹⁰

Tal distinção entre os ramos da Lexicografia deve ser colocada sempre de forma clara, especialmente aos que se ocupam com a análise e a confecção de dicionários. Conforme se observa, apesar de ambas lidarem com o mesmo objeto, o enfoque que lhe é dado é bastante diferente.

A lexicografia prática

O desenvolvimento de tratamentos informáticos no estudo do léxico, bem como a demanda por novas tecnologias e a pressão comercial pela confecção de bons dicionários têm feito com que a Lexicografia Prática dê um enorme salto, atraindo cada vez mais a atenção de muitos lingüistas.

Assim, muitos dicionários têm deixado de ser apenas normativos e passaram a ser mais descritivos e a ser elaborados de acordo com os princípios estabelecidos pelo fazer lexicográfico. Deixa-se de lado, pois, o caráter predominante nos dicionários anteriores ao surgimento da Lexicografia Prática, que cumpriam apenas a função de simples repositórios de significados.

¹⁰ “Mientras que la primera se ocupa del estudio de los principios y métodos seguidos en la redacción de diccionarios, la lexicografía práctica - o lexicografía en el sentido más tradicional del término - se ocupa de las tareas propias de la confección de diccionarios.” (AHUMADA, 1989, p. 18)

Vale ressaltar que essa mudança na forma como se produzem os dicionários, atualmente, tem por base "a preocupação com os usos da língua e com a educação lingüística de um povo". (PONTES, 2007, p.05)

Outro aspecto importante que favorece o desenvolvimento da Lexicografia Prática é o fato de ela ser considerada um ramo da Lingüística Aplicada. Pois, de acordo com Fernández (2003, p.38):

Os avanços que tem experimentado a Lexicografia nas duas últimas décadas do século XX impedem que ela seja considerada como uma tarefa meramente prática, subsidiária da Lexicologia, senão que, como uma disciplina a mais que é da Lingüística Aplicada, compreende a atividade prática do recolhimento e seleção do material léxico e a redação de repertórios lexicográficos, fundamentalmente dicionários(...).¹¹

Aliada a essa maior preocupação, em relação à produção de dicionários, há que se ressaltar também o avanço dos estudos que se ocupam da crítica e avaliação deste tipo de obra. A Metalexigrafia, pois, vem se notabilizando como área importantíssima para o estabelecimento de uma relação mais próxima entre o fazer lexicográfico e as expectativas dos usuários, redundando na busca de uma qualidade cada vez maior dos dicionários que estão dispostos no mercado.

Lexicografia teórica ou metalexigrafia

¹¹ "Los avances que há experimentado la lexicografía en lãs dos últimas décadas del siglo XX impiden que se la considere como una tarea meramente práctica, subsidiaria de lê lexicología, sino que, como una disciplina más que es de la lingüística aplicada, comprende la actividad práctica de la recolección y selección del material léxico y la redacción de repertórios lexicográficos fundamentalmente diccionarios[...]" (FERNÁNDEZ, 2003, p.38)

O fazer lexicográfico está intimamente ligado aos avanços das teorias da Lingüística moderna. Deste modo, muito além da simples confecção e elaboração de dicionários, a Lexicografia tem se dedicado a outros aspectos relativos a estas obras, como, por exemplo, o uso de dicionários escolares e a crítica que a eles se faz.

Como adverte Fernández (2003, p.38) "a Lexicologia como disciplina científica abarcaria, pois, outros conteúdos como a teoria lexicográfica, a história da lexicografia, as investigações em torno do uso de dicionários e a crítica a eles."

Essa definição dada pela autora à Lexicografia, parece reforçar a idéia de que esta disciplina se subdivide em duas partes. Uma teórica e outra realmente prática.

Para Ahumada (1989, p.18) essa distinção é bem clara, porque "enquanto a primeira se ocupa do estudo dos princípios e métodos seguidos na redação de dicionários, a Lexicografia Prática - ou Lexicografia no sentido mais tradicional do termo - ocupa-se das tarefas próprias da confecção de dicionários."

Assim, é que já a partir dos anos 60 e 70 do séc. XX, começa-se a falar sobre a Lexicografia Teórica ou, para usara um termo mais atual e cunhado por Hausmann (1988), sobre a Metalexicografia. Segundo esse mesmo autor, "apesar de comumente apontarem-se os anos 60 e 70 como o período em que se iniciaram os estudos efetivos sobre teoria lexicográfica, essa disciplina já existia desde sempre nos prólogos dos dicionários e nos artigos das enciclopédias."

Todavia, a Metalexicografia tem presenciado um grande avanço, devido às mais diversas razões, como assinala Martín (2000, p.23):

Em primeiro lugar há razões de tipo conjuntural: o aumento do número de estudantes, o desenvolvimento da

Lingüística, e de ramos como a Lingüística Aplicada, o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e os centros de ensino, assim como o desenvolvimento de grandes projetos lexicográficos.¹²

Já Hausmann (1988) adverte que além das razões acima, há outras mais profundas que têm favorecido o crescimento da Metalexigrafia:

O declínio da Lingüística de componente sintático, e o retorno a estudos que têm redescoberto o vocabulário. O que não supõe, naturalmente, o desaparecimento da sintaxe, mas a recuperação do aspecto léxico.¹³

A Lexigrafia Teórica ou Metalexigrafia é um espaço multidisciplinar que absorve as contribuições que lhe são dadas pelas várias outras disciplinas da Lingüística Moderna, tais como, a Semântica, a Gramática, a Pragmática, etc.

A Metalexigrafia conta com uma metodologia própria, a qual Morkovkin (1992, p.159)¹⁴ descreve:

Por **teoria lexicográfica** entendemos um conhecimento científico convenientemente organizado que oferece uma visão integral e sistêmica de todo o conjunto de problemas relacionados com a criação de dicionários. A **teoria lexicográfica** tem vários componentes compreendidos entre eles: a) o estudo da extensão, o conteúdo e a

¹² . “En primer lugar hay razones de tipo conyuntural: el aumento del número de estudiantes, el desarrollo de la lingüística, y de ramas como la lingüística aplicada, la didáctica de lenguas extranjeras y los centros que las imparte, así como el desarrollo de grandes proyectos lexicográficos.” (MARTÍN, 2000, p.23)

¹³ Traduzido por Welker (2004)

¹⁴ MORKOVKIN, Valery V. Fundamentos teóricos de la lexicografía docente contemporánea. **Actas del IV Congreso Internacional EURALEX 90**. 1992, p. 359-368. Apud Martín (2000, p.24)

estrutura do conceito de Lexicografia; b) a Lexicologia dicionarística, quer dizer, aquela que serve para criar as obras lexicográficas; c) o estudo dos gêneros e tipos de dicionários; d) a teoria de elementos e parâmetros de um dicionário; e) o estudo dos fundamentos da conformidade de obras lexicográficas e da computação do trabalho lexicográfico; f) a teoria das fichas e conformidade de materiais primários; g) o planejamento e organização do trabalho lexicográfico; h) a conformidade e delimitação das regras lexicográficas.¹⁵

Para Pontes (2007, p.05) as pesquisas que se baseiam nos métodos da Metalexicografia "servem de fundamentos sólidos para o fazer lexicográfico e para as discussões relativas à Lexicografia Aplicada". Este ramo dá conta dos estudos do dicionário em sala de aula. O que mais tem se estudado nesta área são as atitudes e as crenças dos alunos diante dos dicionários, suas dificuldades de uso, as estratégias de leitura, entre outras.¹⁶

Outro ramo da Lexicografia que tem apresentado um espetacular avanço é a Lexicografia Pedagógica ou Lexicografia Didática, que diz respeito às análises e considerações feitas sobre o uso do dicionário como instrumento didático, voltado para um público definido e com uma finalidade específica: o ensino-aprendizagem de línguas.

¹⁵ "Por *teoría lexicográfica* entendemos um conocimiento científico convenientemente que ofrece una visión integral y sistémica de todo el conjunto de problemas relacionados con la creación de diccionarios. La teoría lexicográfica tiene varios componentes comprendidos entre ellos: a) el estudio de la extensión, el contenido y la estructura del concepto de lexicografía; b) la lexicología dicionarista, es decir aquella que sirve para crear las obras lexicográficas; c) el estudio de los géneros y tipos de diccionarios; d) la teoría de los elementos y parámetros de un diccionario; e) el estudio de los fundamentos de la conformación de obras lexicográficas y de la computarización del trabajo lexicográfico; f) la teoría del fichado y conformación de materiales primarios; g) la planificación y organización del trabajo lexicográfico; h) la conformación y delimitación de las reglas lexicográficas." (MORKOVKIN, 1992, p.159)

¹⁶ Para obter mais informações sobre como se dá o relacionamento de alunos com o dicionário, sugiro consultar trabalho anterior desenvolvido por mim, em 2002, intitulado *O uso do dicionário em sala de aula: uma análise lexicológica e lexicográfica*.

Desta forma, a Lexicografia Pedagógica cumpre um papel importante, pois os estudos vinculados a esta corrente teórica analisam o uso do dicionário em situações reais de sala de aula, quer seja em língua materna, quer seja em língua estrangeira. Tais estudos contribuem ainda para que as obras lexicográficas sejam aperfeiçoadas, a fim de atenderem às necessidades reais de consulta dos estudantes.

A avaliação de dicionários

Alguns estudos têm sido importantes para o desenvolvimento da Metalexigrafia, enquanto um ramo da Lexicologia e da Lexicografia. Dentre eles, destaquem-se pesquisas como a de Miller e Gildea (1984), que constataram ser a má qualidade das definições um fator importante para a interrupção do fluxo das informações, buscadas pelos consulentes; contribuem para o desenvolvimento da Lexicologia e da Lexicografia.

Outro trabalho de grande relevância é o de Hatherall (1984), que demonstra que o êxito das consultas depende muito do nível de escolaridade dos consulentes; na mesma linha citem-se ainda os estudos de Tono (1984), Wiegand (1985) e Diab (1990).

A propósito destas pesquisas, que apontam uma crescente preocupação em relação à Lexicologia e à Lexicografia, muitas ramificações dessas áreas vêm surgindo e vêm se desenvolvendo. Dentre elas, destaca-se a Lexicografia Didática, que se dedica à análise de dicionários pedagógicos e suas implicações para o ensino de línguas, visando a fornecer a formação e a prática pedagógica dos professores.

No Brasil, diversos pesquisadores como Biderman (2000), Fernández (2003) e Damim (2005), entre outros, têm buscado analisar com mais afinco a intrínseca relação entre os dicionários e o ensino de línguas. Contudo, há ainda uma carência muito grande de bons trabalhos voltados para dicionários pedagógicos em língua materna, ao passo que em língua estrangeira, as pesquisas metalexigráficas já apresentam um certo avanço.

Um exemplo disso, é a pesquisa de Amaral (1995) que, trabalhando com dicionários bilíngües (espanhol-português/português-espanhol), estudou a relação aluno-dicionário no processo de ensino-aprendizagem do espanhol para brasileiros, chegando à conclusão de que alunos de níveis iniciais preferem consultar dicionários bilíngües, ao invés de consultar dicionários monolíngües.

Esse foco nas análises de dicionários de língua estrangeira, talvez seja explicado pelo fato de que a Lexicologia e a Lexicografia, enquanto disciplinas importantes para a formação curricular de estudantes dos cursos de Letras, sejam, na maioria dos cursos, opcionais e mais voltadas para aqueles que se dedicam ao estudo das línguas estrangeiras, visando a especializar-se em tradução.

Como se percebe, essa atenção maior aos dicionários de língua estrangeira, que foi também reforçada pelo mercado editorial, acabou relegando um lugar menor à análise e à descrição de dicionários de língua materna. Porém, de acordo com os registros feitos por Welker (2006), somente a partir de 2001 com o estabelecimento pelo MEC (Ministério da Educação) de critérios para a escolha de dicionários, que seriam distribuídos para alunos de escolas públicas por intermédio do PNLD (Programa Nacional de Distribuição de Livros Didáticos), alguns pesquisadores brasileiros começaram a concentrar suas atenções nas questões relativas à confecção e ao uso de dicionários escolares em língua materna.

Diversos trabalhos importantes foram desenvolvidos, tendo como norte as obras lexicográficas que seriam adotadas nas escolas públicas brasileiras. Dentre estes trabalhos, destacam-se pesquisas como a de Biderman (2003) que analisou dois dicionários (*Aurélio* e *Houaiss*), a fim de destacar semelhanças e diferenças entre eles, no que diz respeito à macro e à microestrutura, à luz da Metalexigrafia; ou o estudo de Assad (2004), no qual a autora faz uma análise comparativa de como os dicionários *Aurélio*, *Houaiss* e *Caldas Aulete* estabelecem as relações de sinonímia em seus verbetes; mas, talvez a que mais se destaca, é a pesquisa de Damim (2005), que visa estabelecer parâmetros para a análise de dicionários escolares, no intuito de subsidiar a escolha de tais obras por parte de professores e pelo próprio Ministério da Educação.

Estes trabalhos, pois, só têm reforçado a idéia de que a necessidade de criar-se uma atmosfera de estudos metalexigráficos em

língua materna, que contribua para o aprimoramento dos professores, cresce em razão do enorme *déficit* de aprendizagem de nossos alunos. Assim sendo, um professor que careça de uma formação adequada para o uso do dicionário escolar, possivelmente conduzirá seus alunos a relegá-lo a um lugar menor, cumprindo apenas a função de tira-dúvidas. O que é muito pouco, frente à gama de possibilidades que o dicionário apresenta ao consulente no momento da consulta, pois, pode proporcionar a absorção não só de significados, mas também de conhecimentos enciclopédicos e científicos, que facilitam o aprendizado dos alunos em língua materna e nas outras disciplinas escolares.

Deste modo, à luz desta nova perspectiva a consulta ao dicionário deve seguir procedimentos específicos, que precisam ser conhecidos pelo professor para que ele possa conduzir seu aluno a desvendar o leque de possibilidades que se abre no momento da consulta deste instrumento de pesquisa.

3 DICIONÁRIO: DEFINIÇÃO E TAXONOMIA

O que é um dicionário?

O dicionário é um produto ainda inacabado da memória e cultura de um povo. Nele, não só se armazena a bagagem cultural e histórica de uma sociedade, como também podem ser evidenciadas as transformações por que ela passou e passa¹⁷.

Na verdade, a idéia mais generalizada sobre o dicionário é que ele se apresenta como uma obra organizada em ordem alfabética, numa coleção de palavras ou termos, que retratam um momento de uma dada língua e é depositário do saber humano. Há ainda a idéia de que o dicionário é "um compêndio alfabético de toda a língua", como coloca Martín (2000, p.26).

Esta forma de encarar o dicionário reflete uma perspectiva que remonta aos períodos em que os avanços das teorias lexicográficas não reverberavam na confecção e elaboração de obras lexicográficas. Hoje, porém, essa realidade tem sido modificada como afirma Martín (2000, p.26):

Este é um dos aspectos que mais está mudando na Lexicografia atual: a imagem monolítica de um dicionário como compêndio alfabético de toda uma língua, o dicionário polivalente, segundo Haensch, está dando espaço à necessidade de criar dicionários 'unifuncionais' que satisfaçam as necessidades específicas dos usuários.¹⁸

¹⁷ É importante lembrar que "ao considerarmos a evolução do homem, podemos dizer que os dicionários são parte integrante da evolução da língua." (FARIAS, 2000)

¹⁸ "Este es uno de los aspectos que más está cambiando en la lexicografía actual: la imagen monolítica de un dccionario como compendio alfabético de toda una lengua, o diccionario polivalente, según Haensch, está dejando paso a la necesidad de crear diccionarios 'unifuncionales' que satisfagan necesidades específicas de los usuarios." (MARTÍN, 2000, p.26)

Desta forma, podem-se destacar como duas das propriedades fundamentais do dicionário sua orientação prática e sua finalidade didática. Caracterizando-se, pois, como uma obra de consulta importantíssima, no universo de nossa cultura.

Souto e Pascual (2003, p.57), por exemplo, chamam atenção para o fato de que ao dicionário especialmente, aos dicionários lingüísticos acudimos habitualmente para solucionar problemas relativos ao léxico, sejam de natureza que sejam.

Outro aspecto de extrema relevância, é o fato de o dicionário, hoje, ser visto como "um gênero de uso constante" (PONTES, 2007). É muito consumido pelo grande público, mas apesar disso, a maior parte das pessoas que o utilizam desconhece os procedimentos necessários para se consultar de forma proficiente um dicionário.

Sobre esse aspecto, novamente Souto e Pascual (2003, p.57) destacam que "os dicionários são textos em conformidade com diversos estudos realizados".

Biderman (1998, p.20) reforça ainda mais a idéia de que o dicionário é um gênero textual, afirmando que:

O dicionário é também e, sobretudo, um produto lingüístico; constitui o resultado de uma infinidade de atos verbais que na experiência social, desligaram-se de seus atores para passar a fazer parte do patrimônio cultural coletivo, especialmente, o que foi dito inteligentemente no seio dessa sociedade.

Jean e Claude Dubois (1971) apresentam algumas perspectivas que servem para caracterizar o dicionário:

Em primeiro lugar, consideram-no um **objeto manufaturado** cuja produção responde a exigências de informação e comunicação. Têm ademais um **objetivo pedagógico**, posto que são instrumentos de educação permanente. Por outro lado, os dicionários estão ligados fundamentalmente ao desenvolvimento da comunicação escrita. São também objetos culturais¹⁹ e podem conceber-se eles mesmos como obras literárias.²⁰

E corroborando com a idéia de que o dicionário apresenta um caráter textual, os mesmos autores afirmam que "o dicionário é, assim, também um texto, um discurso fechado, sobre a língua e a cultura, porque o dicionário pode considerar-se como uma práxis ou como um produto, de acordo com o ponto de vista que se adote".

Tipologias de dicionários

Afirmar categoricamente qual é a classificação que é dada às diversas obras lexicográficas, que existem no mercado e circulam no mundo, não parece uma tarefa assim tão fácil. Ao longo da evolução dos estudos lexicográficos, tem-se buscado padronizar uma classificação que melhor se adeqüe às características apresentadas pelos diferentes tipos de dicionários.

Contudo, alguns autores como Al-Kasimi (1977), Biderman (2001), Damim (2005), Haensch (1982), Sčerba (1940), Souto e Pascual (2003) e Pontes (2007) apresentam classificações diferentes, com base em critérios que levam em consideração a extensão da obra, o propósito a que se destina e a demanda dos consulentes.

¹⁹ Grifo do autor

²⁰ "En primer lugar lo consideran un objeto manufaturado cuya producción responde a exigências de información y comunicación. Tienen además un objetivo pedagógico puesto que son instrumentos de educación permanente. Por outro lado los diccionarios están ligados fundamentalmente al desarrollo de la comunicación escrita. Son también objetos culturales y pueden concebirse ellos mismos como obras literárias." (JEAN; CLAUDE DUBOIS, 1971, apud MARTÍN, 2000, p.26)

A seguir, apresentaremos algumas das classificações feitas pelos referidos autores sobre os diversos tipos de dicionários, por considerarmos que nosso trabalho mantém certa consonância com as tipologias dadas por eles às diversas obras lexicográficas, em especial, àquelas que se destinam a estudantes.

A quantidade de lemas constantes numa obra lexicográfica pode ser colocada como um dos critérios para sua classificação. Pois, de acordo com Biderman (2001, p.132)

o repositório maior de uma língua é o tesouro lexical, que contém entre 100.000 e 400.000 palavras. Esse conjunto pode estar subdividido em obras como o dicionário padrão, que possui 50.000 e 70.000 palavras; o dicionário escolar, que apresenta em torno de 25.000 palavras; e o dicionário infantil, que tem entre 5.000 e 10.000 palavras.

Apesar de o critério quantitativo ser muito aceito, especialmente pelo senso comum, classificar uma obra lexicográfica com base apenas na quantidade de entradas constantes de sua macroestrutura não é suficiente. Não só pelo caráter relativo de tal classificação, como também porque ela acaba deixando de lado outros critérios como a demanda dos consulentes e o propósito a que se destina o dicionário, já citados anteriormente.

Souto e Pascual (2003, p.61) defendem a idéia de que

os diferentes tipos de dicionários são gerados a partir de fatores tão diversos como a natureza das consultas que a obra terá de suprir, o público a que se destina, a organização dos artigos lexicográficos, o critério seguido na eleição das vozes, o número de línguas implicadas,

etc. A condição, pois, das informações incorporadas ao dicionário é diversa: cada inventário responde a algumas demandas concretas dos usuários e se projeta em função de alguns interesses determinados. Conhecer o alcance e propriedades de cada uma destes inventários redundaria em seu maior aproveitamento, ao mesmo tempo que nos permite atribuir julgamentos corretos em relação à qualidade dos exemplares que manejamos.²¹

²¹ . “Los distintos tipos de diccionarios se gestan al calor de factores tan diversos como la naturaleza de las consultas que há de solventar la obra, el público al que va dirigida, la organización de los artículos lexicográficos, el criterio seguido en la elección de las voces, al número de lenguas implicadas, etc. La condición, pues, de las informaciones incorporadas al diccionario es diversa: cada inventario responde a unas demandas concretas de los usuarios y se proyecta em función de unos intereses determinados. Conocer el alcance y propiedades de cada uno de estos inventarios redundaria em sumayor aprovechamiento, al tiempo que nos permite valorar com juicios certeros la calidad de los ejemplares que manejamos.” (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 61-62)

As características apresentadas pelas próprias obras lexicográficas também figuram como um fator importante para classificar tais obras. Assim sendo, Sčerba (1940)²² afirma que

As características dos diferentes dicionários podem gerar seis tipos de contrastes:

- a) normativo vs. Descritivo
- a) enciclopédia vs. Dicionário (o dicionário também deve arrolar nomes próprios, mas as informações são diferentes daquelas encontradas nas enciclopédias)
- b) dicionário comum vs. 'concordância' geral (nesta última, todas as palavras são ilustradas junto com todas as citações/abonações que podem ser encontradas em textos , por exemplo, no caso de uma língua morta)
- c) dicionário comum vs. Dicionário ideológico (que agrupa idéias ou assuntos)
- d) dicionário com definições (monolíngüe) vs. Dicionário com traduções (bilíngüe ou multilíngüe)
- e) dicionário histórico vs. Dicionário não hitórico.

Welker (2004, pp.35-54) ainda apresenta os estudos de outros autores como Sebeok (1962), que estabeleceu sua classificação com base em dicionários existentes numa língua única (Cheremis); ou Al-Kasimi (1977), que em sua obra cita outros trabalhos como o de Malkiel (1962). Este autor defendia que poderiam ser considerados como critérios para classificar um dicionário: sua abrangência, sua perspectiva e sua apresentação.

O próprio Al-kasimi (1977) sugere, com base só em dicionários bilíngües, uma classificação a partir dos seguintes critérios:

²² SCERBA, Lev V. Opyt obscej teorii leksikografii. In: **Leksikograficeskij Sbornik**, Caderno 3, 1940, p. 89-117 Apud Welker (2004, p.35).

- (dicionários) para falantes da língua-fonte / para falantes da língua-alvo
- Da língua literária / da língua falada
- Para a produção / para a compreensão
- Para o usuário humano / para a tradução computacional
- Históricos / descritivos
- Lexicais / enciclopédicos
- Gerais / especiais

Como se pode observar, as tipologias de dicionários variam de autor para autor e de acordo com o critério de classificação que utilizam, o que contribui ainda mais para que seja difícil padronizar uma classificação no âmbito da Lexicografia.

Contudo Haensch (1982), também citado por Welker (2004), apresenta uma extensa e coerente classificação para as obras lexicográficas, partindo de contribuições dadas por estudos anteriores ao seu. Para ele a classificação dos dicionários deveria ser pautada a partir de dois fundamentos básicos: 1. do ponto de vista da Lingüística teórica e 2. de acordo com critérios histórico-culturais e práticos.

Do ponto de vista da Lingüística teórica, Haensch (1982) coloca que podem servir como exemplos, glossários e vocabulários de obras literárias, atlas lexicais, dicionários de regionalismos, de pronúncia, de construção, de colocações, de dúvidas, de fraseologias, de neologismos, dicionários inversos, bilíngües, multilíngües, enciclopédicos, onomasiológicos, além de enciclopédias. Já com base nos critérios histórico-cullturais, tem-se as diferentes obras lexicográficas produzidas ao longo dos séculos. No último subitem, denominado critério prático, Haensch estabelece uma extensa classificação, que, no seu modo de entender, está mais próxima da realidade das obras lexicográficas.

Para Haensch (1982), podem-se apresentar tipologias de dicionários com base nos seguintes critérios práticos:

- Formato e extensão;
- Caráter lingüístico ou enciclopédico;
- Sistema lingüístico em que se baseia a obra;
- Número de línguas;
- Classificação conforme a seleção do léxico:
 - Geral ou parcial; se é parcial, pode-se tratar de lexemas marcados de diversas maneiras (regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos, etc)
 - Exaustivo ou seletivo;
 - Critério cronológico;
 - Prescritivo ou descritivo;
- Ordenamento do material lingüístico;
- Finalidades específicas:
 - Dicionários de abreviaturas;
 - Onomásticos;
 - Paradigmáticos
 - De sinônimos, de antônimos, de parônimos
 - Outros
 - Ortoépicos
 - Ortográficos
 - Sintagmáticos
 - De construção e regime
 - De colocações
 - De fraseologismos
 - De provérbios
 - De citações
 - De estilo
 - Gramaticais
 - De dúvidas e dificuldades

- Dicionário tradicional ou eletrônico²³

Damim (2005) buscando estabelecer uma síntese das diferentes classificações, que, segundo a autora, “podem ser variadas na sua maior ou menor amplitude de critérios e no rigor que lhes conferem seus autores”; defende que as taxonomias dos dicionários partem de três critérios básicos:

- a) **critérios fenomenológicos**, que correspondem às características observadas e mediadas pelo sujeito;
- b) **critérios lingüísticos**, que estão baseados nas características das línguas e/ou de uma teoria da linguagem;
- c) **critérios funcionais**, que dizem respeito ao emprego que será dado ao dicionário.

Tais critérios, devem ser considerados, sobretudo, no que diz respeito aos dicionários voltados para estudantes, tendo em vista que devem apresentar o máximo de informações novas possíveis, a fim de suprir as demandas dos consulentes. Além disso, este tipo de obra já é essencialmente funcional.

Estruturas do dicionário

O fazer lexicográfico possui nuances, que não só servem de ponto de partida para o lexicógrafo, no instante em que para este se apresenta a tarefa de analisar um dicionário, como também e, talvez, com um grau de dificuldade ainda maior, quando ele assume a responsabilidade de produzi-lo.

Deste modo, não basta apenas decidir que tipo de dicionário será produzido ou para quem ele se destinará, é preciso ainda e, sobretudo, ter-se de maneira bem clara como irá se estruturar a obra lexicográfica em questão.

²³ Tradução nossa.

Isso implica dizer que um dicionário deve ser, pois, um todo harmônico, onde cada uma das partes que o compõe se relacionam de modo a favorecer a um entendimento mais completo daquilo que se busca no ato de uma consulta a um dicionário. Portanto, as informações contidas em uma obra lexicográfica não devem e não podem ficar restritas ao espaço da definição de uma entrada, ao contrário, elas precisam ir muito mais além e contemplarem o que se apresenta em todos os textos, figuras, gráficos e símbolos, que constituem um dicionário.

Assim, a tendência atualmente é levar também em consideração, para compor a estrutura de um dicionário, os **textos externos** – em alemão *Außertexte* - (HAUSMANN; WIEGAND, 1989), pois eles estão presentes na maioria das obras lexicográficas, especialmente naquelas que se destinam a estudantes.

Welker (2004, p.78-79) coloca como exemplos de elementos que constituem a parte externa dos dicionários:

Prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informações sobre pronúncia, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas, lista de verbos irregulares, lista de nomes próprios, lista de provérbios, bibliografia, fontes, às vezes, certas curiosidades.

Além desses elementos, constitui ainda um dicionário a lista das palavras que fazem parte da sua nomenclatura e as informações que formam seus verbetes. Sendo assim, pode-se afirmar que uma obra lexicográfica é formada pela *megaestrutura* (HARTMANN; JAMES, 1995, p.93; apud WELKER, 2004), pela *macroestrutura*, pela *microestrutura* e pela *medioestrutura*.

É nessa perspectiva, pois, que Pontes (2007, p.10) defende que

O texto lexicográfico se forma a partir de uma sucessão de informações que se apresentam com algum tipo de dependência mútua, isto é, suas informações que aparecem na sua composição de maneira aleatória ou ao acaso, pois se é um texto, é possível identificar os traços característicos que fazem que a sucessão de informações tenha coerência e, além disso, estejam conectadas entre as porções internas do produto.

Levando-se em conta estas colocações, vejamos agora as estruturas que compõem o dicionário. Dentre as quais merece destaque, no escopo de nosso trabalho, a medioestrutura.

A megaestrutura

Designa-se como megaestrutura o conjunto formado pelos textos externos e a nomenclatura, ou seja, o corpo do dicionário. Este conceito é relativamente novo e é atribuído a Hartmann e James (1998, p.92)²⁴, que o considera muito mais adequado para se referir à estrutura geral do dicionário. Outros autores como Martinez de Sousa (1995, p.259) e Hausmann e Wiegand (1989), também citados por Welker (2004, p.79), utilizam os termos *macroestrutura e texto do dicionário inteiro*, respectivamente.

Ainda de acordo com Welker (2004, p.79), Hartmann e James (1998, p.92) preferem fazer uma divisão da megaestrutura em *front matter (textos antepostos)*, *middle matter (textos interpostos)* e *back matter (textos pospostos)*.²⁵

²⁴ HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of lexicography**. London: Routledge, 1998. Apud Welker (2004, p.79)

²⁵ Damim (2005) também afirma que “a megaestrutura seria uma espécie de estrutura geral do dicionário compreendendo todas as suas partes principais: as **páginas iniciais**, o **corpo do dicionário** e as **páginas finais** do dicionário”.

É fundamental, pois, o reconhecimento da megaestrutura, principalmente por usuários iniciantes de dicionários, visto que a leitura dos textos iniciais, conforme já constatamos em trabalho anterior, não faz parte da prática deste tipo de usuário consultar as orientações preliminares do dicionário, nem tampouco o material posposto (DANTAS, 2008).

É justamente na megaestrutura que se encontram informações a respeito de como usar o dicionário, as abreviaturas, revisão gramatical, modelos de conjugação verbal, moedas e bandeiras de alguns países, as fontes utilizadas pelo lexicógrafo para a confecção do dicionário, entre outras coisas. Pode-se dizer, pois, que a megaestrutura engloba a macro, a médio e a microestrutura.

A macroestrutura

Há no âmbito da Lexicografia Teórica uma discussão sobre o que se entende por *macroestrutura*. Como vimos, Para Martinez de Sousa (1995, p. 259) macroestrutura se refere à estrutura geral do dicionário. Para Rey-Debove (1971, p.21) a macroestrutura seria “o conjunto das entradas que compõem um dicionário”. Biderman (1998, p.131) coloca o termo *nomenclatura* como sendo sinônimo de macroestrutura.

Para o desenvolvimento de nosso trabalho, preferimos balizar nossos estudos na acepção de macroestrutura apresentada por Rey-Debove (1971, p.21)²⁶

O dicionário está constituído por um número determinado de artigos, dispostos, habitualmente, de forma alfabética de acordo com o lema ou entrada que os encabeça. A soma dos lemas ou entradas que possuem uma leitura vertical parcial constitui, pois, a *macroestrutura* do dicionário, conhecida também como *nomenclatura*.

²⁶ REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. La Haya-Paris: Mouton, 1971. Apud Carballo (2003, p.81)

Assim, é que o estabelecimento e a organização da macroestrutura de um dicionário se apresenta como uma das etapas de fundamental importância do fazer lexicográfico. As decisões tomadas pelo lexicógrafo a cerca de quantas entradas irão compor a nomenclatura do dicionário, diz muito sobre o propósito de tal obra, bem como sobre as relações que irão ser estabelecidas entre os artigos léxicos nela constantes.

Por isso mesmo, Béjoint (2000, p.13) considera a seguinte opinião a respeito do termo macroestrutura:

“Alguns usam *macroestrutura* como sinônimo de *nomenclatura*, mas é preferível usar este último termo como equivalente de *word-list*, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários.”²⁷

Nessa perspectiva, a organização da macroestrutura segue alguns princípios pré-estabelecidos pela Lexicografia, como por exemplo, a lematização, a ordenação das entradas, de maneira vertical e em ordem alfabética, o tamanho da nomenclatura do dicionário, assim como as fontes de onde foram extraídos os artigos léxicos. No caso dos dicionários escolares, por exemplo, esses princípios parecem assumir uma importância ainda maior justamente pelo fato de que presume-se, para este tipo de obra, um certo padrão, que é, na verdade, estimulado por órgãos reguladores como o INEP (Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas Anísio Teixeira).

A lematização e a ordenação das entradas

²⁷ Traduzido por Welker (2004, p.81)

A lematização é um dos processos primordiais para a constituição de um dicionário e diz respeito à possibilidade de transformar um dado paradigma em uma forma canônica ou básica, que represente todas as variantes da palavra. A tradição lexicográfica consagrou este processo como sendo uma forma de proporcionar uma consulta mais rápida a palavras constantes na nomenclatura de uma obra lexicográfica, apesar de que alguns lexicógrafos como é o caso de Welker (2004, p.91) defenderem que “seria importante o dicionário apresentar formas flexionadas bem diferentes das formas básicas.”

Assim, o produto gerado por esse processo é o *lema*, também denominado pelos termos *entrada* ou *palavra-entrada*. É exatamente com o lema que o lexicógrafo irá proceder ao tratamento lexicográfico que dará origem à nomenclatura do dicionário, levando em conta como unidade léxica não apenas a palavra propriamente dita, mas também as palavras gramaticais e os fraseologismos.

Dapena (2002, p.137)²⁸ reforça essa idéia, quando afirma que

[...]convém ter em conta que na prática lexicográfica ocidental, especialmente na hispânica, considera-se que as unidades de tratamento lexicográfico serão todas as palavras, inclusive as gramaticais, sem excluir os afixos, ou alguns elementos não propriamente lexicais, como é o caso das letras.²⁹

A necessidade de ampliar o conceito de unidade léxica para além da palavra, propriamente dita, faz-se ainda mais presente em obras como o

²⁸ DAPENA, J. A. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002. Apud Carballo (2003: 83)

²⁹ “(...) conviene tener em cuenta que em la práctica lexicográfica occidental, y especialmente em la hispánica, se considera que las unidades de tratamiento lexicográfico serán todas las palabras, incluso las gramaticales, sin obviar los afijos, o algunos elementos no propriamente lexicales, como es el caso de las letras.” (DAPENA, 2002, p.137 apud CARBALLO, p. 81)

dicionário escolar, em que o consulente/estudante se depara a todo instante, por exemplo, com afixos que não fazem parte de seu vocabulário.

No que diz respeito às palavras, que compõem as entradas (ou lemas) dos verbetes de um dicionário, podem-se destacar algumas normas a serem seguidas, para aquelas que possam ser flexionadas, de acordo com a categoria gramatical a que pertençam.

Dapena (2002, p.176-177)³⁰ apresenta algumas dessas normas:

a) os substantivos, de acordo com o gênero que possuam, aparecerão representados pela forma do masculino singular ou do feminino singular (**dente** m. / **escuela** f.), e, se apresentarem flexão de gênero, pela forma do masculino e do feminino singular (**lixeiro, -ra**). No caso dos pluralícios, pois, a forma canônica será, obviamente, a forma do plural (**núpcias**);

b) os adjetivos se lematizam mediante sua forma singular. Nos de duas terminações, será registrado o masculino acompanhado do feminino, e nos de uma terminação, sua única forma – masculina e feminina – (amável, hábil); ainda que também, sendo invariáveis, existem alguns que são usados somente como adjetivos masculinos (**pitorro** ‘refere-se ao carneiro com chifres bem fortes e largos’) ou como femininos (**grávida**);

c) **os pronomes, habitualmente, representam-se de forma similar aos adjetivos (este, -ta, -to, algum, -ma);** a não ser, os pronomes pessoais e as formas átonas dos possessivos, em que se registram todas as suas variantes em artigos independentes;

d) o artigo apresenta no dicionário uma entrada diferente para cada uma de suas formas;

e) os verbos são catalogados pela forma do infinitivo. Às vezes, incluem-se em um artigo à parte o participio correspondente, quando apresentar valor de adjetivo.

³⁰ *Op. Cit.*

Assim mesmo, alguns dicionários, com uma finalidade essencialmente didática, podem contemplar as formas irregulares.

Outro ponto que se pode destacar, no âmbito da macroestrutura, é de que forma serão ordenadas as entradas no dicionário. Como a maioria destas obras se caracteriza por se organizar em ordem alfabética, permanece no imaginário da maioria das pessoas que as consultam, o velho conceito de que o dicionário, portanto, é uma obra em que se reúne uma parte considerável do léxico de uma língua e que este pode sempre ser acessado rapidamente somente por meio de sua ordenação alfabética.

Ora, esse critério é, pois, característico de obras lexicográficas que balizam sua nomenclatura por uma ordenação semasiológica, ou seja, partindo das palavras para chegar-se às idéias. Neste caso, o lexicógrafo deve levar em consideração o aspecto ortográfico dos lemas, porque num dicionário ordenado de maneira semasiológica a busca se baseia na “decodificação da mensagem” (CARBALLO, 2003, p.85).

Contudo, numa direção contrária à estabelecida pela ordenação semasiológica, temos a ordenação onomasiológica que parte do conceito, isto é, das idéias para se chegar às palavras. Isto porque, “sua finalidade essencial é a codificação, na medida em que ajuda o usuário a dispor dos vocábulos que designam com exatidão as idéias que quer expressar” (CARBALLO, 2003, p. 85).

Desta forma, os dicionários que seguem este critério de ordenação são denominados *dicionários ideológicos*, e têm sido cada vez mais prestigiados por especialistas, tendo em vista que estes defendem o caráter mais científico de tais obras, em detrimento àquelas ordenadas semasiologicamente. Muito embora, autores como Haensch (1982) defendam que usuários comuns, consideram a busca em dicionários ideológicos um tanto

complicada e, na maioria das vezes, recorrem à listagem de palavras em ordem alfabética que acompanham esses dicionários.

A idéia fundamental de uma agrupação onomasiológica é a de ter em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto desde o ponto de vista de uma língua, quanto desde o das coisas; Estas associações são obtidas de maneiras distintas; porém, os sistemas de ordenação assim criados nunca terão o mesmo rigor que o alfabético. Por isso, é conveniente colocar, no final dos dicionários onomasiológicos (geralmente não alfabéticos), um índice alfabético de todas as palavras registradas.³¹

Contudo, há ainda outras formas de ordenação do léxico em um dicionário. Podemos considerar, pois, o critério etimológico, por meio do qual se agrupam as unidades léxicas com base nas famílias de palavras; bem como, o critério estatístico, em que se leva em consideração o grau de freqüência de uma palavra.

O arranjo das entradas

A forma de estabelecer-se o arranjo das entradas nos dicionários depende muito da decisão do lexicógrafo de como elas serão ordenadas, de modo semasiológico ou onomasiológico, por exemplo. Entretanto, ao que parece, a maioria dos dicionaristas preferem adotar uma seqüência da nomenclatura que se fundamente numa organização com base num arranjo alfabético, ainda que alguns dicionários agrupem numa mesma entrada sublemas, que não seguem a ordem alfabética, mas que se relacionam com a mesma por conta de critérios etimológicos e morfossintáticos.

³¹ “La idea fundamental de la agrupación onomasiológica es la de tener en cuenta las asociaciones que existe entre contenidos, tanto desde el punto de vista de la lengua como desde el de las cosas. Estas asociaciones se pueden tener en cuenta de distintas maneras; pero los sistemas de ordenación así creados nunca tendrán el mismo rigor que el del alfabeto. Por esto, es conveniente poner, al fin de los diccionários onomasiológicos (generalmente no alfabéticos), un índice alfabético de todas las voces registradas”. (HAENSCH, 1982)

Wiegand (1983, p.432) afirma que o arranjo alfabético pode se dar de diversas maneiras:

- a) ordem alfabética linear: consiste em seguir estritamente a ordem alfabética;
- b) ordem alfabética com agrupamentos: a organização espacial vai apresentar uma quebra de linearidade passando a trabalhar com blocos (ou parágrafos) que incluem um lema principal e um ou mais sublemas;
- c) ordenação não estritamente alfabética com agrupamentos: significa que, dentro de um bloco, colocam-se, em ordem alfabética, lexemas relacionados com o lema principal, embora, em ordem alfabética linear, eles devessem aparecer depois do lema principal seguinte.³²

Mesmo parecendo um ponto de consenso entre aqueles que se lançam na hercúlea tarefa de produzir dicionários, o arranjo alfabético apresenta alguns problemas. Baldinger (1960, p.525)³³ citado por Welker (2004, p.82) alerta para o fato de que “palavras cuja ortografia muda são arroladas em lugares diferentes em dicionários que adotam a nova ortografia, além das derivadas que são separadas das palavras-base”.

Uma outra crítica que se faz ao arranjo alfabético é o fato de ser ele baseado apenas na grafia das palavras, deixando de lado a pronúncia, tornando, assim, mais difícil a busca de uma palavra por parte de quem não conhece a sua forma gráfica. Além disso, há um certo distanciamento entre palavras homófonas no interior da nomenclatura de dicionários que adotam a ordem alfabética. Rey (1977, p.20) também citada por Welker (2004, p.82) corroborando com as críticas feitas à ordem alfabética, chega ao ponto de classificá-la como “um absurdo conceitual e lingüístico reconhecido universalmente”.

³² Traduzido por Welker (2004, p.82)

³³ BALDINGER, Kurt. **Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch? Zeitschrift für romanische Philologie**. 1960. Traduzido por Welker (2004).

De qualquer modo, mesmo contrariando as críticas colocadas por alguns lexicógrafos, como vimos anteriormente, em relação ao arranjo alfabético das entradas, acreditamos ser este um expediente que cumpre uma função muito importante, no que diz respeito à forma de relacionamento entre o usuário e o dicionário, pois a consulta de uma palavra a partir de sua grafia parece ser mais prática e eficaz do que aquela que se faz, tomando por base sua pronúncia ou campos ideológicos (ordenação onomasiológica).

A extensão da nomenclatura

A quantidade de entradas presente na nomenclatura dos dicionários varia de acordo com as escolhas feitas pelo lexicógrafo e pelo propósito que ele tem ao produzir uma obra lexicográfica. Isto é, com base nas perspectivas dos consulentes, o lexicógrafo pode alongar ou reduzir a lista de palavras constantes no dicionário. Deste modo, a maioria dos dicionaristas sempre pretende, mesmo que virtualmente, fazer com que sua obra consiga abranger o maior número possível de palavras constantes no léxico de uma língua.

Biderman (1998, p.130) adverte que “nenhum dicionário por mais volumoso que seja, dará conta integral do léxico de uma língua de uma civilização”, o que nos parece perfeitamente coerente, visto que, dada a dinamicidade das línguas, surgem novas palavras, devido ao desenvolvimento cultural, científico e tecnológico das sociedades. Assim, a nosso ver, é muito complicado um dicionário registrar novas palavras, na mesma velocidade em que elas surgem.

O fato de um lexicógrafo ter que escolher entre classificar uma palavra como polissêmica ou apenas como um caso de homonímia, é também um fator que influencia bastante no tamanho da nomenclatura de um dicionário, pois este pode apresentar um número elevado de verbetes, cumprindo, assim, muitas vezes, exigências de mercado feitas pelas editoras, porém tais verbetes

podem não ser de grande valia para o usuário. Isso ocorre, devido ao fato de que algumas obras lexicográficas apresentam mais de uma entrada para palavras que poderiam ser agrupadas em um só verbete. Além do mais, muitas palavras raras, geralmente, fora de uso, e também contribuem para elevar a extensão da nomenclatura de um dicionário.

Como se pode observar, o tamanho da nomenclatura de uma obra lexicográfica não segue, a priori, um padrão, ele depende, sobretudo, das escolhas do lexicógrafo e das pressões de mercado. No entanto, muitos autores como Biderman (1984, p.27), Martinez de Sousa (1995, p.271) e Welker (2004, p.84) concordam que há números ideais de verbetes para cada tipo de dicionário e estabelecem padrões semelhantes para a quantidade de entradas que devem figurar em cada uma dessas obras.

A nosso ver, definindo uma média entre o que preceituam os lexicógrafos supracitados, podemos dizer que um dicionário infantil deve possuir entre 2.500 a 5.000 verbetes; o dicionário escolar ou minidicionário de 10.000 a 30.000; o dicionário padrão ou médio de 50.000 a 100.000; e o *Thesaurus*, que deve ultrapassar a barreira dos 100.000 verbetes.

A microestrutura

A estruturação de um dicionário não é tarefa fácil como já pudemos observar nas seções anteriores que tratavam da mega e da macroestrutura. Tão importantes quanto as decisões que o lexicógrafo deve tomar para estabelecer o “plano de confecção do dicionário”, em relação a essas partes da obra, são as decisões sobre quais informações devem constar no interior dos verbetes, ou seja, como ele deve ser constituído, de modo que atenda às necessidades dos consulentes.

Assim, a essas informações presentes nos verbetes e a organização que delas se faz, dá-se o nome de *microestrutura*. É importante, pois, que a microestrutura seja ordenada de forma constante e padronizada,

sobretudo, no que diz respeito aos dicionários escolares, para evitar que se torne ainda mais confusa a consulta por parte dos estudantes. “Sendo fixado esse padrão, todas as informações apresentadas devem ser funcionais”. (DAMIM, 2005)

Barbosa (1996, p.266) também alerta para o fato de que a microestrutura deve seguir um padrão constante:

A microestrutura de base [...] é composta das ‘informações’ ordenadas que seguem a entrada e têm uma estrutura constante, correspondendo a um programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada. Denominamos ‘verbete’ esse conjunto de *Entrada + Enunciado Lexicográfico*.

A microestrutura pode ainda ser dividida em *concreta* e *abstrata*. A primeira, diz respeito às informações que são apresentadas no artigo léxico e podem ser acessadas pelo consulente. É aquilo que efetivamente é visto logo após o lema, de maneira concreta. Ao passo que a segunda, refere-se ao que Welker (2004, p.108), importando termo utilizado por Rey-Debove, chama de ‘programa constante de informações’, Damim (2005) também utiliza este termo; isto é, um modelo abstrato de informações é elaborado para que se possa preenchê-lo posteriormente com as informações que constituirão a microestrutura concreta do artigo léxico³⁴. Neste caso, principalmente, Welker (2004, p.108) defende que “a padronização é imprescindível tanto para o usuário [...] quanto para os redatores que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes.”

Escribano (2003, p.105) afirma que

³⁴ Artigo léxico e verbete são termos sinônimos e de corrente uso no âmbito da teoria lexicográfica. Contudo, ao longo deste trabalho, demos preferência ao uso do segundo, por tratar-se de termo também usado na língua comum.

As informações apresentadas por cada dicionário podem variar em função do seu propósito, de seus usuários e destinatários, ou de outros fatores. Assim, os dicionários podem apresentar informação sobre a etimologia, a pronúncia e a ortografia, a categoria gramatical e o número, as restrições de uso (que marcam se essa unidade tem plena vigência na língua, se é utilizada em uma determinada área geográfica, se é própria de uma determinada profissão ou atividade, ou se está restrita a um determinado nível de registro lingüístico, etc), os sinônimos e antônimos, as combinações léxicas em que aparecem, os aspectos sintáticos relevantes (as preposições com que se constroem, as limitações combinatórias, etc.), as irregularidades morfológicas (plurais irregulares, participios, conjugações verbais, etc.), e, certamente, as definições das diversas acepções, com seus exemplos de uso. Precisamente, a definição é considerada como o eixo central do artigo léxico [...].³⁵

A partir do que coloca Escribano (2003, p.105), podemos dizer que o artigo léxico se organiza com base em dois planos distintos: um formal e outro semântico; sendo este ligado às demandas do significado dos lemas e aquele às demandas de pronúncia, de grafia e de informações gramaticais.

Hausmann e Wiegand (1989, p.341) expõem de forma mais sucinta as informações mais relevantes, que devem constar nos verbetes:

³⁵ . “Las informaciones recogidas por cada diccionario pueden variar en función del propósito del diccionario, de sus usuarios y destinatarios o de otros factores. Así, los diccionarios pueden recoger información sobre la etimología, la pronunciación y la ortografía, la categoría gramatical y el número, las restricciones de uso (que señalan si esa unidad tiene plena vigencia en la lengua, si se utiliza en una determinada área geográfica, si es propia de una profesión o actividad, o si está restringida a un determinado nivel o registro lingüístico, etc), los sinónimos y antónimos, las combinaciones léxicas en que aparece, los aspectos sintáticos relevantes (las preposiciones con que se construye, las limitaciones combinatórias, etc), las irregularidades morfológicas (plurales irregulares, participios de pasado, conjugaciones verbales, etc.) y, por supuesto, las definiciones de las diversas acepciones, con sus ejemplos de uso. Precisamente la definición está considerada como el eje central del artículo léxico(…)” (CARBALLO, 2003, p.105)

- a) informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão);
- b) informação que identifica o lema a diacronia (etimologia);
- c) marcas de uso;
- d) informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas);
- e) informação sintagmática (construção, colocações, exemplos);
- f) informação paradigmática (sinônimos, antônimos etc);
- g) vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas);
- h) observações (por exemplo, sobre o uso do lema);
- i) ilustrações (desenhos, gráficos);
- j) elementos de ordenamento (por exemplo, diversos símbolos);
- k) remissões;
- l) símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições).³⁶

Vejamos a seguir os elementos que devem constituir a microestrutura de um verbete, sobretudo em verbetes de dicionários escolares, devido ao propósito de tais obras e ao perfil de seus usuários.

O verbete

Welker (2004, p.110) afirma que pode ser considerada a cabeça do verbete a junção do “lema com as informações anteriores à(s) definição(ões), a saber, variantes ortográficas, a pronúncia, a categoria gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, a etimologia, marcas de uso.”

Assim, é necessário que o lexicógrafo leve em consideração que em seu plano de elaboração dos verbetes, há que se levar em conta que a

³⁶ Traduzido por Welker (2004, p.108)

seleção de um lema para figurar como palavra-entrada na nomenclatura de um dicionário, implica necessariamente que possam ser estabelecidas suas características formais. Sedo, pois, tais informações extremamente relevantes para quem, por exemplo, consulta um dicionário no intuito de aprender a pronúncia ou a grafia correta de uma palavra.

Grafia e variantes ortográficas

É necessário que o dicionário apresente a grafia adequada das palavras, de acordo com o que é prescrito pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), da Academia Brasileira de Letras. Escribano (2003, p.113) adverte que “em muitas ocasiões o dicionário é consultado com o propósito único de conhecer a grafia correta de uma palavra”. No entanto, tão importante quanto apresentar a forma de maior prestígio social, é válido também que o lexicógrafo deixe bem claro as possíveis variantes ortográficas que possam existir. Sendo esta variante, geralmente, marcada nos dicionários pela abreviatura *Var.* .Estrangeirismos que ainda não tenham sido adaptados, ou seja, que ainda não podem ser considerados empréstimos ao português, devem obedecer a grafia oficial estabelecida em sua língua.

Separação silábica

Deixar claro a separação correta das sílabas da palavra-entrada é de grande valia para estudantes, que, muitas vezes, deparam-se com situações de sala de aula, em que precisam desta informação, visto que a separação silábica “é um objeto que normalmente suscita dúvida entre os estudantes”. (DAMIM, 2005) Em geral a separação das sílabas é feita diretamente no lema, utilizando-se pontos entre as sílabas (**can.ta.da**), ou barras verticais (**can|ta|da**).

Pronúncia

Informar sobre a pronúncia das palavras, talvez seja tão importante quanto mostrar como ela é grafada corretamente. Isto porque, há

palavras que apresentam alterações fonéticas, quando estão no plural (olho), ou há aquelas que mudam de sentido, com base na mudança de um fonema aberto para um fechado (sede/sede). Além do mais, a informação sobre a pronúncia de uma palavra no dicionário é uma ferramenta bastante utilizada por estrangeiros.

Contudo, tal informação não se limita aos dicionários bilíngües, está presente também em dicionários monolíngües para esclarecer algumas dúvidas como as que exemplificamos acima.

Para Escribano (2003, p.111) “ainda que se trate de uma informação mais habitual nos dicionários bilíngües, pode ser encontrada também nos dicionários monolíngües, especialmente aqueles que são direcionados a estrangeiros.”

Informações gramaticais

O artigo léxico apresenta algumas informações que esclarecem sobre a categoria gramatical do lema, flexões de gênero, de número, de grau, bem como sobre a flexão dos verbos irregulares. Tais informações, são de grande valia para aqueles que utilizam o dicionário como material de estudo. Assim, um dicionário que apresenta de forma clara e precisa essas informações gramaticais serve muito mais a um propósito de estudo, deixando de ser um livro de consulta apenas.

Dentre as informações gramaticais apresentadas num dicionário, pode-se dizer que a mais tradicional é a categoria gramatical, que é apresentada depois do lema e antes da definição. A categoria gramatical é expressa por meio de abreviaturas, que mostram se a palavra-entrada é um substantivo (**s.**), um adjetivo (**adj.**), um advérbio (**adv.**), etc.

As informações sobre a flexão de gênero, em geral, aparece juntamente com a categoria gramatical. Explicitar logo de início o gênero da

palavra é uma estratégia importante utilizada pelos lexicógrafos, pois além de esclarecer possíveis dúvidas que porventura surjam em relação a palavras, que na sua forma aparentam ser femininas, mas, na verdade, são do gênero masculino (**poeta**); serve também para “tirar as dúvidas sobre flexões de gênero que fogem à regra, como a flexão de *maestro* (**maestrina**)”. (DAMIM, 2005)

De acordo com Escribano (2003, p.123)

À exceção de abreviaturas que indicam categoria gramatical, que em todos os dicionários aparecem imediatamente depois da entrada, o resto das informações se localizam em lugares distintos, dependendo dos dicionários. Há dicionários que dispõem parte desta informação antes da definição, entre parênteses; outros utilizam notas ao final do artigo léxico; informações como o regime preposicional ou as colocações podem aparecer de forma implícita nos exemplos; por fim, alguns dispõem de quadros gramaticais repartidos pelo dicionário, ou situados no final, como apêndices.³⁷

³⁷ “A excepción de las abreviaturas que indican categoría gramatical, que en todos los diccionarios aparecen inmediatamente después de la entrada, el resto de las informaciones se localizan en distintos lugares, según los diccionarios. Hay, diccionarios que disponen parte de esta información antes de la definición, entre paréntesis; otros utilizan notas al final del artículo; informaciones como el régimen preposicional o las colocaciones pueden aparecer de forma implícita en los ejemplos; por fin, algunos disponen de cuadros gramaticales repartidos por el diccionario, o situados al final, en forma de apéndices”. (ESCRIBANO,2003, p.123)

Além das informações sobre categoria gramatical e flexão de gênero, na microestrutura devem constar ainda informações funcionais sobre a flexão de número, necessária para esclarecer dúvidas em relação às exceções da regra de plural; informações sobre o coletivo de alguns nomes, que devem fazer parte também da medioestrutura, a partir de um sistema de remissões (*alcatéia* direcionando o consulente à entrada *lobo*); informações sobre o grau dos nomes, especialmente o superlativo absoluto sintético, tendo em vista que o seu uso é bastante difundido na mídia, porém, na maioria das vezes, de forma errônea (cite-se, por exemplo, a analogia que se faz entre *chiquérrimo* e *paupérrimo*); as flexões irregulares de alguns verbos; bem como, a transitividade dos verbos, o que pode facilitar num possível agrupamento de definições, economizando espaço, e também para identificar os regimes preposicionais, que podem gerar dúvidas, dadas as disparidades entre uso e norma.

Marcas de uso

De acordo com Escrivano (2003, p.115) “as marcas são utilizadas para assinalar restrições de uso de uma palavra”. Deste modo, elas cumprem uma função importante, pois para além da normatização do uso de certas palavras, as marcas descrevem em que condições se dá esse uso. “As marcas, inicialmente normativas vão despojando-se deste valor para tornarem-se mais descritivas”. (LARA, 1997, p.248 apud ESCRIBANO, 2003, p.115)³⁸

As marcas de uso são normalmente abreviadas, aparecendo antes da definição. Como vimos, as marcas têm um caráter mais descritivo do que normativo, não devendo, pois, ser confundidas com as abreviaturas, que se referem às informações gramaticais.

As marcas, portanto, servem para rotular os usos que estão presentes na língua corrente, numa certa comunidade lingüística. Podem ser verificados usos relativos ao fato de uma palavra já ser considerada obsoleta,

³⁸ LARA, L. F. **Teoria del diccionario monolingüe**. Mexico: El Colegio de Mexico, 1997.

antiquada na língua (*Marcas diacrônicas*); ou à região em que tal palavra é utilizada, considerando-se as restrições de tipo geográfico (*Marcas diatópicas*); o grau de formalidade da palavra e de estratificação social de seu uso, “popular” ou “cult”, (*Marcas diafásicas e diastráticas*), por exemplo, devem ser contempladas na microestrutura dos dicionários, sobretudo os escolares; informações sobre palavras que são utilizadas em contextos técnicos e/ou científicos (*Marcas diatécnicas*); há ainda a possibilidade de marcar-se o uso metafórico de algumas palavras (*Marcas de transição semântica ou marca de figurado*), porém não parece ser prioritário para o G3 marcar tal uso.

Exemplos ou Abonações

As abonações são bastante relevantes na microestrutura dos dicionários. Muitas vezes, demonstrar um lema inserido em determinado contexto pode reforçar ainda mais o entendimento de seu significado ou até ampliá-lo.

Escribano (2003, p.119) faz uma advertência em relação aos dicionários espanhóis que serve também para os dicionários brasileiros:

Todos os lexicógrafos admitem, pois, os exemplos, ainda que a tradição dos dicionários espanhóis seja caracterizada por uma escassez de exemplos em suas páginas. Paradoxalmente, o primeiro dicionário acadêmico, o de *Autoridades*, tinha como uma de suas características mais importantes a de incorporar uma ou mais citações de autores clássicos para ilustrar as definições. Sem dúvida, ao reduzir o dicionário para sua publicação em um tomo, foram sacrificadas as citações e o dicionário ficou praticamente desprovido de exemplos, e esta tendência tem sido mantida até nos últimos tempos

do século XX, com exceção do DUE de Maria Moliner e tem sido corrigido com os últimos dicionários publicados.³⁹

Os exemplos, também chamados por alguns de *abonações* (WELKER, 2004, p.150), aparecem imediatamente após a definição e são diferenciados tipograficamente em itálico ou em negrito. Podem ser citações de trechos presentes em clássicos da literatura, o que ocorre com frequência no *Aurélio*; podem ser exemplos reais, extraídos de vários **corpora** de uso da língua corrente; ou, podem ser inventados pelo próprio lexicógrafo, com base em sua experiência e competência enquanto falante nativo da língua.

A respeito dos exemplos inventados, Biderman (1984, p.41) afirma que

[...] Na redação de pequenos dicionários os lexicógrafos, geralmente constroem os exemplos de contextos ilustrativos. De fato, como esse tipo de dicionário tem uma finalidade pedagógica, os dicionaristas poderão manipular melhor as informações léxicas se elaborarem eles próprios as frases e os contextos que ilustrarão as acepções do verbete.[...]

Particularmente, acreditamos que os exemplos são importantes não só para comprovar que a palavra registrada no dicionário já foi utilizada por um falante nativo qualquer ou por uma grande autoridade literária, como também para reforçar o uso da palavra em discursos reais, o que facilita na produção de textos.

³⁹ “Todos los lexicógrafos lo admiten así, aunque la tradición de los diccionarios españoles se caracteriza por una más que escasa presencia de ejemplos en sus páginas. Paradójicamente, el primer diccionario académico, el de *Autoridades*, tenía como una de sus características más importantes la de incorporar una o más citas de autores clásicos para ilustrar las definiciones. Sin embargo, al reducir el diccionario quedó prácticamente desprovisto de ejemplos, y esta tendencia se ha mantenido hasta bien avanzado el siglo XX, con la excepción del DUE de María Moliner, y se ha corregido con los últimos diccionarios publicados”. (ESCRIBANO, 2003, p.119)

As remissivas

As relações léxico-semânticas se estabelecem no interior dos dicionários por meio de remissões (também conhecidas como *referências cruzadas*) de um termo a outro e devem de alguma forma ser explicitadas. É bastante comum nos dicionários a presença de sinônimos e antônimos, que podem figurar inseridos na própria definição da palavra, logo após a definição ou no final do verbete.

Em relação ao que se pode considerar como sinônimo e antônimo, há muitas opiniões divergentes tanto no âmbito da Metalexicografia quanto da própria Lingüística, porém, ao nosso trabalho interessará a visão de sinônimos e antônimos como palavras, que apesar de serem diferentes na sua forma, apresentam alguma analogia semântica. No caso dos dicionários escolares, objeto de nosso estudo, Damim (2005) afirma que a sinonímia e a antonímia devem ser “um resultado aproximado, e não total, de similaridade e oposição e significado entre duas palavras, como é o caso de *guria* e *menina* e *dentro* e *fora*, respectivamente.”

Nessa perspectiva, recorrer a sinônimos e antônimos seria uma forma de complementar o significado da palavra consultada. Contudo, essa complementação não deve ser restrita apenas à relação entre a palavra-entrada e os sinônimos e antônimos, tem-se ainda a complementação por meio de consulta aos textos externos e às fontes pesquisadas pelo lexicógrafo na elaboração do dicionário.

As formas de remissão que são utilizadas variam nos diversos dicionários, mas pode-se dizer que as mais freqüentes são aqueles que utilizam o verbo *Ver* ou sua forma abreviada *V.*, setas e nos textos externos usa-se a sigla *Cf.*

Trataremos mais da questão das remissões, em seção posterior, a cerca da medioestrutra.

Definição

Dentre os paradigmas que compõem o artigo léxico, o definicional é certamente aquele em que se encontram as maiores dificuldades para o lexicógrafo. Na verdade, alguns autores como Imbs (1960, p.9)⁴⁰ afirmam que a “arte suprema, em lexicografia, é a da *definição*”. Sob este ponto de vista, podemos dizer que um bom lexicógrafo se reconhece pelas definições que apresenta.

Damim (2005) diz que “a microestrutura deve comportar uma *definição* da palavra em questão”. No entanto, a respeito de como devem ser elaboradas as definições, ainda há muito o que se discutir, a própria autora afirma que “elucidar o que é a definição é um problema teórico-conceitual que tem gerado inúmeras discussões, sem que se tenha chegado a um consenso sobre a sua natureza ou sobre quantos tipos de definições existem.” (DAMIM, 2005)

Assim, sobre definição podemos apenas falar a cerca do que deve ou não estar presente nelas, visto que não há uma padronização ou regras absolutas, pelas quais devem-se pautar os lexicógrafos. Aliás, atualmente, percebe-se que as pressões comerciais têm exercido forte influência na forma como alguns dicionaristas elaboram as definições em seus dicionários. O que existe, na verdade são limites, os quais o lexicógrafo não deve ultrapassar para estabelecer o significado de uma palavra. Krieger (1993, p.68) ilustra bem esse aspecto quando diz que “definir, do ponto de vista filosófico, quer dizer delimitar. A definição equivale a uma delimitação, isto é, a indicação dos fins do limite de um ente em relação aos demais”.

A definição pode ser enciclopédica, que é uma espécie de resumo de conhecimentos e figura nas enciclopédias ou em alguns dicionários, assumindo nestes, o *status* de informação enciclopédica; pode-se falar também

⁴⁰ IMBS, Paul. Au seuil de la lexicographie. In: **Cahiers de lexicologie** 2, 1960, p. 3-17. apud Welker (2004, p.117)

em definição terminológica, que é, segundo Silva (2003, p.45) “uma operação que consiste em determinar um conjunto de caracteres que fazem parte da compreensão de um conceito”, sendo a definição, por excelência, dos dicionários técnico-científicos; por fim, tem-se a definição lexicográfica, que nos interessa em nosso trabalho, visto que tal definição refere-se às palavras constantes na língua comum de uma dada comunidade. Para Imbs (1960, p. 10)⁴¹ a definição lexicográfica “não tem, efetivamente, nenhuma pretensão à objetividade, querendo apenas traduzir o que, a respeito de um dado ‘objeto’, a palavra sugere à mente num dado ambiente histórico”.

Há, portanto, diversos modelos a serem utilizados para definir palavras, como, por exemplo, “definição como reconstrução dos significados” (LARA, 1997, p.230), “definições em forma de orações” (LANDAU, 2001), entre outras. Todavia, destacaremos a “definição analítica ou aristotélica” e a “pseudodefinição” (IMBS, 1960, p.13), por serem aquelas que mais aparecem nos dicionários monolíngües, como aponta trabalho desenvolvido por Damim (2005) em relação aos dicionários escolares.

A definição analítica ou aristotélica tem por princípio buscar a essência das coisas, ou seja, o *genus proximum*, que seria algo de compreensão mais abstrata e geral que a palavra a ser definida, e também a *differentiae specificae*, ou algo que especifique a palavra dentro da generalidade apresentada pelo *genus proximum*. Welker (2004, p.118), a respeito da definição analítica, utiliza a palavra *cadeira* como exemplo, em que “usa-se o *genus proximum* (gênero próximo), isto é, o hiperônimo, *móvel* e as *diferentiae specificae* (diferenças específicas) ‘para sentar-se’, ‘encosto’ e, eventualmente, outros semas.”

Com relação às pseudodefinições, que são feitas a partir da relação biunívoca entre a palavra-entrada e um sinônimo ou um antônimo, pode-se dizer que elas não são bem vistas no âmbito da lexicografia, pois para alguns autores, como é o caso de Imbs (1960, p.13), este é “o método menos científico possível”, Béjoint (2000, p.198), ao posicionar-se criticamente em

⁴¹ *Op. Cit.*

relação às pseudodefinições, diz que o “tipo mais prestigioso de definição é a definição analítica, intensional, aristotélica”. Na verdade, uma definição baseada em sinônimos e antônimos acaba por criar um “círculo vicioso” (IMBS, 1960, p. 13), sendo, pois, mais aconselhável a remissão a sinônimos e antônimos, uma forma de complementar a informação semântica e não apropriar informação semântica. Assunto que abordaremos na seção que fala sobre medioestrutura.

Para Guerra (2003, p.132-133) as boas definições devem cumprir algumas condições:

O principal problema está no fato de que os redatores têm que se ater a uma série de normas ou condições deduzidas da prática lexicográfica e das imposições editoriais. Normas que se supõem devem cumprir-se terminantemente. Entre estes requisitos, além da *sistematicidade* e da *coerência* que devem reger todo o dicionário e, por conseguinte, as definições, encontram-se os seguintes: 1. a unidade léxica definida não deve figurar na definição; 2. a definição não deve transparecer nenhuma ideologia; 3. a definição deve levar em conta as características da língua de sua época e as palavras com que se codifique têm de ser simples, claras e precisas.⁴²

Como se pode observar, definir uma palavra é muito mais complexo do que se imagina. Há que se ter em conta, também para a definição, o propósito do dicionário e as perspectivas do consulente, como já

⁴² “El principal problema estriba en que los redactores há de atearse a una serie de normas o condiciones deducidas de la práctica lexicográfica y de las imposiciones editoriales. Normas que se supone deben cumplirse tajantemente. Entre estos requisitos, además de la *sistematicidad* y la *coherencia* que deben regir en todo el diccionario y, por descontado, en las definiciones, se encuentran los siguientes: 1. la unidad léxica definida no debe figurar en la definición; 2. la definición no debe translucir ninguna ideología; 3. la definición debe participar de las características de la lengua de su época y las palabras con que se codifique han de ser sencillas a la vez que claras y precisas.” (GUERRA, 2003, p.132-133)

advertimos em seções anteriores. Em relação aos dicionários escolares, por exemplo, o cuidado com as definições deve ser ainda maior, tendo em vista que os seus usuários buscam esclarecer dúvidas e não torná-las ainda piores.

A medioestrutura

Tradicionalmente, costuma-se analisar a organização dos dicionários em geral, a partir de dois pontos fundamentais: a macroestrutura e a microestrutura.

Contudo, de acordo com o que destaca Welker (2004) “entre essas duas ‘estruturas’ há uma outra, denominada, às vezes, *medioestrutura* (termo empregado mais na Alemanha, mas aparecendo como lema também em Hartmann e James 1998). Trata-se de um sistema de remissões (ou referências cruzadas, al. *Verweise*, esp. *Remisiones*, fr. *Renvois*, ingl. *Cross-references*), isto é, de maneiras de se remeter o usuário de um lugar a um outro.”

Há, portanto, remissões que são externas, referindo-se às fontes de consulta utilizadas pelo lexicógrafo para a produção do dicionário, ou internas, que dizem respeito às informações presentes nos verbetes.

As remissivas, portanto, podem ser obrigatórias ou facultativas, cumprindo, desta forma, a função de evitar repetições. A respeito dessa classificação, Welker (2004, pp.178-179) expõe o entendimento de Wiegand (1996, p.35):

- diretamente de um lema a outro; o lexema representado pelo lema não é definido; como não há nenhuma ou quase nenhuma informação sobre o lema, WIEGAND (1983) chamou tal tipo de *lema remissivo* (*Verweislemma*); trata-se de uma *remissão obrigatória* (Wiegand, 1996a:35), pois o usuário

recebe a informação desejada apenas se seguir essa remissão; ela ocorre em várias situações:

- 1) de um lexema mais raro remete-se a um sinônimo ou uma variante ortográfica mais freqüente; a causa da baixa freqüência geralmente é devida ao fato de que o lexema não pertence ao registro neutro da língua;
 - 2) o lema é uma forma flexionada; remete-se ao lema da forma canônica;
 - 3) o lema não constitui um lexema, mas apenas faz parte de um lexema complexo; remete-se ao verbete onde está registrado;
- dentro do verbete, notam-se os seguintes tipos de remissões (que Wiegand classifica como *facultativas*, pois o consulente somente as segue se quiser, isto é, se desejar mais informações:
 - 1) para lexemas relacionados semanticamente (sinônimos, antônimos, hiperônimos etc.);
 - 2) para lexemas relacionados etimologicamente;
 - 3) para variantes ortográficas;
 - 4) de lexemas compostos ou complexos para lexemas simples;
 - 5) para informações contidas em alguma parte do próprio verbete (onde constam, por exemplo, formas flexionadas);
 - 6) para informações nos textos externos (por exemplo, para um resumo da gramática ou uma tabela de conjugação);
 - 7) para ilustrações gráficas.

Como se pode observar, a rede léxico-semântica que se estabelece no interior dos dicionários é muito mais complexa do que parece e envolve muito mais do que simplesmente palavras sinônimas ou antônimas. Há que se considerar ainda que o desconhecimento das remissões por parte de quem consulta dicionários é um fator que contribui para uma má consulta, que por vezes não supri a demanda do consulente. Isto porque a informação que ele busca pode até estar no dicionário, mas o fato de não saber como utilizá-lo,

acaba gerando-lhe frustração e conseqüente antipatia, em relação a esse instrumento de consulta.

Ainda sobre a classificação de Wiegand (1996, p.35), é importante salientar que ela centra-se muito na relação entre os artigos léxicos que compõem o dicionário, o que propicia o desenvolvimento da expansão vocabular. Contudo, para além das referências intra e inter-verbetes, temos também as remissões feitas aos textos externos e às fontes de consulta utilizadas pelo lexicógrafo. Essas remissões são fundamentais principalmente para estudantes, pois podem facilitar compreensão de conteúdos essencialmente escolares, como, por exemplo, a conjugação verbal.

Além do mais, há que se considerar também que problemas na rede medioestrutural podem comprometer o fluxo da informação ao longo do dicionário e, por conseguinte, frustrar o consulente, frente ao insucesso de sua consulta. Dentre esses problemas, destacam-se as PISTAS FALSAS e a CIRCULARIDADE, que evidenciam não só a má qualidade dos elos remissivos de um dicionário, como também dos verbetes que o compõem.

As pistas falsas ocorrem quando o consulente é remetido a um outro verbete, que não consta na nomenclatura do dicionário, ou a uma informação inexistente no interior do próprio verbete ou dos textos externos. Como exemplo disso, podemos citar a remissão facultativa a modelos de conjugação verbal, a regras de regência ou a mapas, que não figuram na megaestrutura do dicionário.

A não apreensão da informação buscada dificulta as tarefas de compreensão e produção desenvolvidas em sala de aula pelos estudantes. Mais grave do que não encontrar no dicionário um paradigma de conjugação verbal é não encontrar na macroestrutura o verbete que pode esclarecer o significado inicialmente pretendido pelo usuário.

Alguns dicionários buscam “economizar” na quantidade de palavras elencadas na nomenclatura, talvez por escolha própria do lexicógrafo, talvez por pressões do mercado editorial.

A esse respeito, Humblé (2006, p.165) adverte que:

O papel do dicionário num processo de *compreensão*, geralmente de um texto escrito, é relativamente simples, certamente mais simples do que a *produção*. O mais importante é a *macroestrutura*. Esta deve ser a mais extensa possível: quanto mais palavras listadas, melhor. Ao tentar compreender um texto, é mais provável que um usuário procure uma palavra rara do que uma palavra comum. Ele já sabe o que significa “cat”, “house”, “car”, etc., mas terá problemas com palavras como “deceptive” ou “grind”, para citar dois exemplos aleatórios. A inclusão de palavras pouco freqüentes é o primeiro requisito para um bom dicionário de compreensão.

A circularidade ocorre pelo fato de que um termo remete a outro e vice-versa, numa relação biunívoca, não acrescentando, assim, a informação nova inicialmente demandada pelo consulente. Portanto, remissões deste tipo também contribuem para frustrar o usuário e despertar-lhe certa aversão ao ato de consultar dicionários. No entanto, ressalte-se que a escolha dos termos que constarão como remissivas no interior dos verbetes depende muito da experiência e da sensibilidade do lexicógrafo.

A medioestrutura, pois, como se percebe, merece do lexicógrafo o mesmo esmero que ele dispensa à macroestrutura e à microestrutura, uma vez que problemas na rede de remissivas dificultam a apreensão das informações pretendidas pelo usuário. A esse respeito trataremos mais detalhadamente no capítulo referente às análises dos verbetes dos dois dicionários escolares objetos de nosso estudo.

4 METODOLOGIA:

Método de abordagem

Como expusemos nos capítulos anteriores, a elaboração de dicionários, em especial, aqueles que são voltados para estudantes, segue alguns princípios que estão em consonância com as contribuições teórico-metodológicas da Lexicologia e da Lexicografia.

Assim, o presente estudo desenvolveu-se com base no *método indutivo* de investigação científica, pois logo a princípio surgiu-nos uma situação-problema, motivada pela dificuldade que tivemos, enquanto professor de língua portuguesa, em perceber algum tipo de padronização, com relação à *medioestrutura*, nas obras lexicográficas em questão, o MAu05 e o MHou04⁴³ (Minidicionário Aurélio Jr. 2005 e Minihouaiss 2004, respectivamente). Como desdobramento de tal situação-problema, formulamos a seguinte questão: A não padronização da rede de remissivas nos dicionários escolares compromete o fluxo da informação e, por conseguinte, o sucesso da consulta por parte do aluno/consulente?

A partir dessa questão inicial sobre a existência ou não de uma padronização da *medioestrutura* em dicionários escolares, formulamos nossa hipótese de investigação que apresenta a não-padronização da *medioestrutura* como a causa principal para a quebra do fluxo de informações demandadas pelo consulente no ato da consulta.

Para tanto, lançamos mão de um procedimento *tipológico* e da técnica de *documentação indireta*, a fim de buscar comprovar a hipótese que levantamos inicialmente.

⁴³ Para a composição das abreviaturas dos nomes dos dois dicionários escolares, adaptamos as orientações de Hartmann (2001, p.11), colocando os respectivos nomes das obras abreviadamente e seguidos dos dois algarismos finais referentes ao ano de sua publicação.

Dos procedimentos

Nosso trabalho, desde o princípio, teve como ponto de partida a observação da padronização em relação ao sistema de remissivas constante nos dicionários escolares. Em especial, chamaram-nos a atenção dois dicionários o MAu05 e o MHou04, tendo em vista o fato de que estas obras são bem conceituadas não só pelo Ministério da Educação, mas também no âmbito da crítica lexicográfica.

Desta forma, decidimos, a priori, estabelecer uma comparação entre as referidas obras, no intuito de selecionar semelhanças e diferenças, no que diz respeito ao seu sistema de remissivas para posteriormente estabelecermos um *tipo ideal* de dicionário escolar, no qual as remissivas estejam adequadas aos princípios do fazer lexicográfico. Caracterizando, desta forma, o método de pesquisa *tipológico*.

Da técnica

Com relação à técnica utilizada, valemo-nos da *técnica de documentação indireta*, tendo em vista o fato de que nos serviram de objeto de pesquisa dois dicionários escolares, o MAu05 e o MHou04. Portanto, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, visto que toda a seleção dos dados teve como fonte as referidas obras.

O passo seguinte, portanto, foi a descrição e a análise da organização medioestrutural desses dois dicionários escolares, em estudo. Procuramos estabelecer, pois, como se dá a relação de referência entre as informações constantes na micro e na macroestrutura dos dicionários, bem como sua relação com os textos externos. Para isso, utilizamos os critérios que apresentaremos a seguir.

Dos critérios de análise

A medioestrutura, ao contrário da micro e da macroestrutura, não tem sido muito discutida no âmbito da lexicografia. Isto se dá, talvez, pelo fato de ser este um conceito relativamente novo e mais utilizado por autores alemães, como salienta Welker (2006). Contudo, apesar do caráter de novidade do termo, o conceito ao qual ele se refere já existe há algum tempo, não só nos prefácios dos dicionários, mas também no arcabouço teórico da Lexicografia.

Assim, pode-se afirmar que não há regras preestabelecidas que regem a medioestrutura nos dicionários, mas há, na verdade, princípios básicos que devem ser observados por aqueles que se lançam na árdua tarefa de produzi-los. Por conta disso, motivamo-nos a fazer esta pesquisa sobre as redes de remissivas que se estabelecem nos dicionários escolares, em especial, no MAu05 e no MHou04, por entendermos que este é um aspecto relevante, para determinar a qualidade de uma obra lexicográfica. Seguimos, pois, algumas etapas as quais descrevemos abaixo:

1. identificação da microestrutura abstrata dos verbetes dos dois dicionários.

Inicialmente, foi necessário descrever a microestrutura abstrata de cada um dos artigos léxicos dos dois DE's, selecionados para compor o **corpus** de nossa pesquisa. O estabelecimento da microestrutura abstrata foi de fundamental importância para que pudéssemos avaliar com mais clareza o plano lexicográfico que subjaz cada verbete analisado, além de ser um expediente importante para podermos determinar o tipo de remissiva utilizada nos dois DE's. Com isso, foi possível reunir elementos mais objetivos, a fim de identificar as variações entre os tipos de remissivas em um mesmo dicionário e entre um dicionário e outro.

2. aplicação da microestrutura abstrata a diferentes verbetes com vista à confirmação ou não de uma padronização na rede de remissivas.

Considerando as possíveis variações constantes nas redes de remissivas do MAu05 e do MHou04, passamos para a etapa seguinte de nossa investigação que teve como base justamente a confirmação ou não da existência de uma padronização em relação às remissões feitas nos dois dicionários em questão. Para isso, levamos em conta o fato de haver prováveis disparidades entre a forma de remissão nos diferentes verbetes de um mesmo dicionário, bem como uma provável diferença entre os índices remissivos dos dois DE's.

É importante salientar ainda que para a descrição dos tipos de remissivas constantes nos DE's em questão, observamos de que maneira elas eram apresentadas no prefácio das referidas obras, se havia algum tipo de informação, quer seja nas instruções de consulta ao dicionário, quer seja em suas listas de abreviaturas, que se aplicassem aos tipos de remissivas encontradas ao longo das análises dos verbetes que foram selecionados.

3. busca, nos dicionários, das palavras-entrada: substantivo, adjetivo e verbo.

Outro expediente metodológico relevante, do qual lançamos mão, foi o fato de, a partir das três categorias gramaticais pré-estabelecidas (V. seção 4.2.), formar as *sub-redes de remissivas*. Tais sub-redes foram de extrema relevância para que avaliássemos com mais clareza o encadeamento das informações que se complementam, gerando, deste modo, um fluxo contínuo e, por vezes até, circular. Além do mais, a quebra de tais sub-redes, também serviu-nos de base para reconhecer as pistas falsas, que interrompem o fluxo da informação.

4. comparação da medioestrutura dos dois DE's.

Por fim, a última etapa de nossa pesquisa foi justamente proceder a uma comparação da medioestrutura do MAu05 e do MHou04. Para tanto, seguindo metodologia proposta por Damim (2005), utilizamos planilhas

que pudessem facilitar e tornar mais objetiva a apreensão das semelhanças e das diferenças entre as redes de remissivas dos dois DE's estudados.

Para efeito de comparação e para a constituição das planilhas, considerarmos, conforme descrição nos textos iniciais dos DE's, as seguintes abreviaturas como índices de remissão: *cf.* (confronte, conferir), *v.* (ver, veja), *q.v.*(queira ver), além de levarmos em conta outros índices que estabelecessem as relações no interior dos verbetes, entre um verbe e outro, ou com os textos externos.

Outros aspectos importantes que foram analisados e constam na planilha são os seguintes: ocorrência de remissão por meio de sinonímia; ocorrência de remissão por meio de antonímia; ocorrência de pistas falsas; explicação prévia nos textos iniciais dos dicionários sobre o tipo de remissão e sobre as abreviaturas utilizadas para este fim; remissões aos textos externos, bem como a modelos de conjugação verbal; ortografia e símbolos fonéticos; existência ou não de uma padronização da medioestrutura.

Quadro 01: Planilha de descrição da medioestrutura. Adaptada de Damim (2005)

Elementos da medioestrutura	MAu05	MHou04
Há remissões facultativas? (Considerar afirmativa caso haja índices remissivos como abreviaturas e símbolos)		
Há sinonímia?		
Há antonímia?		
Há ocorrência de pistas falsas?		
Há circularidade nas definições?		
Há explicação prévia sobre os mecanismos de remissão e sobre as abreviaturas utilizadas para este fim?		
Há remissões aos textos externos?		

Há padronização do sistema de remissivas?		
---	--	--

Para cada aspecto avaliado na medioestrutura dos dicionários escolares MAu05 e MHou04, utilizamos a convenção de símbolos adotada em Damim (2005), a fim de estabelecermos sua ocorrência nos dois DE's.

Quadro 02: Planilha de símbolos utilizados nas análises da medioestrutura, adaptada de Damim (2005).

SÍMBOLO	SIGNIFICADO DO SÍMBOLO
√	Presença do elemento em questão
∅	Ausência do elemento em questão
~	Elemento presente em alguns casos e ausente em outros

A composição do *corpus*

A escolha dos dicionários

Nesta pesquisa, descrevemos e analisamos a rede léxico-semântica em dois dicionários escolares: Mini Aurélio jr. (2005) e Mini Houaiss (2004). Esses dicionários foram escolhidos por fazerem parte juntamente com o Michaellis (2003), do que Welker (2006) chama de G3, ou grupo dos três grandes dicionários da língua portuguesa; também pelo fato de serem bem conceituados, no que se refere à avaliação de dicionários escolares, instituída pelo MEC (Ministério da Educação) por meio do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), que já existe há quase 70 anos, mas só a partir de 2001, os dicionários foram incluídos como obras de referência a serem distribuídas para alunos da escola pública, no Brasil.

Em 2001, o PNLD avaliou pela primeira vez 35 dicionários sendo 06 *recomendados com distinção*, dentre eles figuram o Mini Aurélio (2000) e o Mini Houaiss (2001), 06 *recomendados*, 11 *recomendados com ressalvas* e 12 *excluídos*. Em 2006, uma nova avaliação de dicionários foi feita pelo MEC por meio do PNLD e, novamente, os dicionários Mini Aurélio jr. (2005) e o Mini Houaiss (2004), agora nas versões que foram objetos de nossa pesquisa, figuram entre as *obras recomendadas com distinção*, de acordo com classificação estabelecida pelo MEC, pautada na colaboração de lexicógrafos, professores de língua portuguesa e pedagogos, dentre eles podemos destacar a coordenadora da avaliação, a lexicógrafa Maria Tereza Camargo Biderman.

Portanto, a escolha dos dois dicionários que serviram de objeto de estudo para o nosso trabalho levou em consideração não só o prestígio que tais obras lexicográficas têm no âmbito da Lexicografia, como também o fato de serem bem conceituados em guias de livros didáticos enviados às escolas públicas brasileiras e produzidos com base em avaliações feitas pelo órgão máximo da Educação de nosso país, o Ministério da Educação.

A seleção dos verbetes

A seleção dos verbetes se deu a partir da extração de três palavras, coletadas com base em textos de livros didáticos, adotados no Ensino Fundamental do Colégio da Polícia Militar do Ceará. Esses livros integram a relação de livros didáticos das disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. É importante salientar ainda que a escolha das palavras obedeceu também o critério de pertencerem às três classes gramaticais previamente definidas, a saber: substantivo, adjetivo e verbo.

Para a delimitação das três classes gramaticais, consideramos ainda o fato, de quase consensualidade entre lingüistas e gramáticos, como Cunha (1985), Perini (2002) e Duarte (2003), de que o substantivo, o adjetivo e o verbo são extremamente produtivos no que concerne à criação de novos

vocábulos, além de constituírem a base, para os alunos do nível de ensino em questão, no que diz respeito à construção de sentenças.

Procedemos, pois, a uma pesquisa bibliográfica, por tratar-se da análise de dois dicionários escolares. A composição do **corpus** tomou por base apenas uma amostra, para fazer uma análise probabilística do sistema de remissivas nos dicionários escolares MDAu05 e MDHou04, uma vez que analisar integralmente as obras em questão transcenderia o escopo desta pesquisa.

A análise dos verbetes

Para a análise do **corpus**, organizamos os verbetes em grupos, que constituem as *sub-redes de remissivas* presentes no MAu05 e no MHou04. Cada sub-rede teve como ponto de partida um verbete principal que estivesse em consonância com a classe gramatical em análise, ou seja, formamos, por exemplo, três grupos cujo primeiro verbete tinha como palavra-entrada um substantivo, o segundo um adjetivo e o terceiro um verbo.

Os verbetes selecionados no Mini Aurélio jr. (2005) e no Mini Houaiss (2004) são os seguintes:

Quadro 03: Artigos léxicos que constituem o **corpus**

substantivo	adjetivo	verbo
base	genético	medir
<i>apoio</i>	<i>gênese</i>	<i>mediar</i>
<i>fundamento</i>	<i>genésico</i>	<i>mediocre</i>
<i>sustentáculo</i>	<i>genótipo</i>	<i>mediano</i>
<i>vestígio</i>	<i>fenótipo</i>	<i>notificar</i>
<i>rasto</i>	<i>inóspito</i>	<i>notar</i>
<i>rastro</i>		
<i>generosidade</i>		
<i>fruto</i>		

Todos os verbetes que compuseram o **corpus** de nossa pesquisa, bem como os textos de onde foram extraídas as palavras-entrada aparecem reproduzidos fielmente, assim como são apresentados nos dois DE's e nos livros didáticos (Cf. anexos).

No próximo capítulo, procederemos à descrição e à análise dos dados coletados, tomando como fundamento os postulados teórico-metodológicos da Metalexigrafia.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerações iniciais

De acordo com o que foi exposto em capítulos anteriores, apresentamos nessa seção a descrição e a análise dos dados coletados em nossa pesquisa. Decidimos unir descrição e análise num mesmo capítulo, por considerarmos que desta forma a visualização dos resultados é mais eficaz.

Assim, é que com base num *corpus* constituído por trinta verbetes de cada um dos dois DE's selecionados para o desenvolvimento de nosso trabalho, buscamos descrever a rede de remissivas de cada um deles, com base em dados concretos presentes em sua microestrutura, bem como estabelecer as comparações necessárias no que se refere à organização medioestrutural dos dois dicionários.

Ao final desta seção, apresentamos esta análise comparativa das medioestruturas do MAu05 e do MHou04, produzida a partir de critérios, que refletem a expectativa dos usuários de dicionários.

Da sistematicidade das redes de remissivas

Com base nos questionamentos preliminares que fizemos sobre a organização medioestrutural dos dois dicionários objetos de nosso estudo e a partir dos preceitos teórico-metodológicos da Metalexigrafia, levantamos inicialmente as seguintes hipóteses que nortearam as análises que apresentaremos ao longo deste capítulo:

- não há sistematicidade rigorosa na medioestrutura dos dois dicionários;

- a falta de sistematicidade e as pistas falsas comprometem o fluxo contínuo da informação.

As hipóteses acima elencadas apresentam alguns desdobramentos relevantes para a análise proposta em nossa pesquisa. Apresentamos, pois, tais desdobramentos.

A primeira hipótese, por exemplo, que se refere ao fazer lexicográfico propriamente dito, toma como norte a qualidade das remissões constantes nos dois dicionários em estudo:

- a) As remissões são, em geral, facultativas e se limitam apenas ao interior dos verbetes, sendo raras as referências aos textos externos e às fontes de consulta do lexicógrafo. Este também é um aspecto relevante, especialmente no que diz respeito aos verbos, tendo em vista que eles são apresentados na nomenclatura em sua forma infinita, mas a demanda do consulente, na maioria das vezes, é por sua forma declinada. Por isso mesmo, partimos do princípio de que são extremamente importantes as remissões às listas de conjugação de verbos, que devem compor os textos externos dos dicionários escolares; Além do mais, a utilização de diferentes índices para estabelecer a remissão entre os verbetes pode comprometer a percepção, por parte do consulente, de como se organiza a medioestrutura nos dicionários em questão, sobretudo se estes índices não forem previamente explicados nos textos iniciais do dicionário;
- b) A linguagem não é clara, apresentando nas acepções termos de significado desconhecido e marcados por índices de remissão facultativa, levando, desta forma, o consulente a ter de consultar vários verbetes, a fim de conseguir a informação inicialmente pretendida. O que caracteriza a circularidade nas definições. Este, na verdade, é um outro fator que demonstra a qualidade ou não de uma obra lexicográfica, visto que quem a consulta, sobretudo estudantes, busca a informação de forma rápida e dinâmica;

Vale ressaltar ainda que as distinções em relação à forma de fazer-se as remissões, nos dicionários MAu05 e MHou04, evidenciam certo distanciamento destas obras frente aos preceitos teóricos da Lexicografia, no que concerne à produção de obras lexicográficas. Além do mais, leve-se em consideração também a idéia de que a padronização das remissões favorece a uma maior eficácia na consulta do usuário.

Com relação à segunda hipótese, podemos afirmar que deve fazer parte do plano inicial do lexicógrafo, ao produzir um dicionário, o cuidado em observar se os direcionamentos dados no interior do verbete por meio de remissivas levam realmente a informações que constem na obra, quer sejam referentes a outros verbetes, quer sejam referentes aos textos externos. Visto que, os termos que integram as diferentes acepções nem sempre constam na nomenclatura dos dicionários.

Partindo do princípio de que o dicionário deve suprir uma busca por informação, não é previsível, por parte de quem o consulta, que não terá sua demanda suprida. Desta forma, as pistas falsas se apresentam como um elemento complicador e até desmotivador para o consulente, evidenciando um aspecto negativo das obras lexicográficas analisadas. No entanto, as pistas falsas podem evidenciar muito mais uma pressão de mercado sobre o lexicógrafo do que uma falta de zelo, para que este venha a “reaproveitar” verbetes de um dicionário geral, fazendo alguns “recortes” a fim de adequá-los aos limites de um dicionário escolar.

Desta forma, desenvolvemos nossa análise levando em conta o plano inicial dos lexicógrafos que compuseram as obras em estudo. Este plano é evidenciado pela configuração da microestrutura abstrata dos verbetes dos dicionários MAu05 e MHou04, um expediente fundamental para a organização de qualquer obra lexicográfica, visto que ela serve de fundamento para que se desenvolva um padrão estrutural para os verbetes dos dicionários.

Vejamos, pois, a descrição e análise da medioestrutura de alguns verbetes dos dois dicionários escolares objetos de nossa pesquisa. As análises estão organizadas de acordo com as categorias gramaticais definidas na metodologia.

A medioestrutura dos substantivos no MAu05 e no MHou04.

Antes de qualquer aspecto a ser destacado na descrição da rede de remissivas estabelecida a partir do verbete BASE no MAu05, é importante salientar o fato de que nos textos antepostos ou textos iniciais, o MAu05 enfatiza apenas um tipo de remissão como sendo a única a ser utilizada ao longo do dicionário.

Claramente, o MAu05 deixa transparecer, para quem deseja consultar informações em sua macroestrutura, que só deve ser considerada como remissiva a *remissão facultativa* feita por meio da sigla *V.*, que na lista de abreviaturas do mesmo dicionário consta como sendo equivalente a *Veja* (Cf. textos antepostos do MAu05 nos anexos). No entanto, há outras formas de remissão tão importantes quanto aquela estabelecida pela sigla *V.* e que não estão descritas nos textos antepostos do MAu05. Dentre elas, merecem ser citadas as *remissões obrigatórias* que ocorrem no interior da definição de alguns verbetes e também algumas remissões aos textos externos que compõem o dicionário.

No que se refere ao verbete BASE (Cf. anexos), podemos observar a ocorrência de uma remissão facultativa marcada pela sigla *V.*. Esta remissão diz respeito à palavra *ortonormal*, que é parte da lexia complexa⁴⁴ BASE ORTONORMAL.

[...]Centro de lançamento de foguetes e satélites. **Base ortonormal.** *V. ortonormal.*

⁴⁴ Por lexia complexa, consideramos ser a expressão composta por dois ou mais vocábulos, em que se pode constatar a presença da palavra-entrada ou lema inicialmente buscado.

Tremer nas bases. 1. Bras. Sentir-se seriamente ameaçado[...] (verbetes 'BASE' MAu05)

É comum o fato de que muitos usuários de dicionários busquem no ato da consulta muito mais informações do que inicialmente buscavam. Ao consultar uma palavra em um dicionário, o consulente pode deparar-se com uma nova demanda por significados que complementem e esclareçam melhor o significado que buscavam a priori. Este é um aspecto natural da consulta a dicionários e demonstra que o fluxo das informações no interior dos verbetes é contínuo.

Ao que parece, pois, a referência à palavra *ortonormal* reforça ainda mais a necessidade de que a informação inicial da definição da palavra BASE requer um complemento, justamente porque a lexia complexa formada - BASE ORTONORMAL – assume um novo significado. Porém, no MAu05, o usuário que deseja expandir os seus conhecimentos, em relação ao que vem a ser BASE ORTONORMAL, não poderá fazê-lo, visto que a palavra *ortonormal* não consta na nomenclatura da referida obra.

Assim, podemos afirmar que ocorre neste caso uma quebra no fluxo de informações do verbete BASE, pelo fato de que a remissiva *V. ortonormal* constitui uma **PISTA FALSA**, ou seja, remete o consulente, de um verbete a outro, sem que haja na nomenclatura do dicionário um verbete correspondente a essa remissão. Em trabalho anterior, constatamos ser, o fato de não encontrar as informações buscadas, uma das causas de frustração do aluno frente ao dicionário (DANTAS, 2007).

As pistas falsas constituem, desta forma, um *déficit* comum a muitos dicionários que se rotulam escolares, mas que, na verdade, aparentam mais serem apenas recortes dos grandes dicionários gerais, talvez por conta de pressões do mercado editorial. Este também, como se pode observar, parece ser o caso do MAu05, que em sua medioestrutura apresenta ocorrência de pistas falsas, frustrando os alunos/consulentes, revelando-se como um

aspecto negativo para uma obra de referência como esta e que tem sido bem conceituada nas últimas avaliações de dicionários do PNLD do MEC. Mas, este fato não se restringe ao MAu05 como veremos mais adiante, quando analisarmos os verbetes do MHou04.

Outro aspecto de extrema relevância, no que se refere à medioestrutura dos DE's é o reconhecimento dos mecanismos de remissão obrigatória. Quase que a totalidade das obras lexicográficas não traz em seus textos iniciais explicações prévias para os consulentes sobre essa forma de referência cruzada tão importante para a manutenção do fluxo da informação nos dicionários, quanto àquela estabelecida pelas siglas *V.* ou *cf.*, por exemplo.

Decidir sobre quais palavras poderão ser consideradas como remissivas obrigatórias é uma tarefa que compete muito mais ao aluno/consulente do que ao lexicógrafo. Entretanto, nada obsta para que este explique e exemplifique a remissão obrigatória. Além do mais, a remissão obrigatória não deve ser regra e sim exceção, pois uma boa definição precisa ser clara, objetiva e adequada à linguagem do seu público-alvo, especialmente nos dicionários escolares.

Assim, a utilização de sinônimos para esclarecer o sentido de um termo, revela uma relação biunívoca entre a palavra-entrada e a remissiva, que deve obrigatoriamente ser seguida pelo consulente, a fim de que ele possa compreender a totalidade do significado inicialmente demandado. Neste caso, a remissão é obrigatória justamente por ser um expediente importantíssimo para a manutenção do fluxo da informação, devendo ser previamente explicada e exemplificada nos textos iniciais dos dicionários escolares.

Um exemplo deste tipo de remissão é o verbe *RASTRO* no MAu05. Neste verbe, a definição se dá por sinonímia em relação à palavra *VESTÍGIO*, no entanto há algumas incongruências no que se refere à forma como a remissão é feita na microestrutura de *RASTRO* e o que preceituam os textos iniciais do MAu05. Em primeiro lugar, o índice remissivo utilizado neste verbe é a palavra *Veja*, que se confunde, em muitos outros verbetes, com a

sigla V., explicitamente citada nos textos iniciais do MAu05 como o índice remissivo a ser utilizado nos verbetes deste dicionário. Além disso, há uma outra forma de remissão que, na verdade, parece ser um complemento da remissiva *Veja vestígio*, no verbete RASTRO. São apresentados números entre parênteses logo após a palavra a que se remete o consulente, no caso da remissiva em questão são os números 1 e 2. Ora, não consta nos textos iniciais nenhum tipo de orientação que esclareça esse tipo de remissão, porém, pelo que podemos deduzir, os números presentes nesta remissiva correspondem às acepções 1 e 2 do verbete VESTÍGIO.

Ras.tro *subst. masc.* Veja *vestígio* (1 e 2).
(verbeta 'RASTRO' MAu05)

Outro exemplo de variação no que diz respeito ao tipo de índice remissivo é a utilização das palavras *sinônimo* e *antônimo* para indicar a remissão a outros verbetes que estabelecem com a palavra-entrada relações de sinonímia e antonímia. Estes tipos de índices remissivos podem ser encontrados nos verbetes FRUTO, cuja remissão é feita ao *sinônimo* CARPO ([...]fecundação. [Sinônimo: *carpo*] 2. Fruta[...]); MEDÍOCRE, cuja remissão é feita ao *sinônimo* MEDIANO, marcada no índice remissivo como *sinônimo geral* ([...]2. Sem relevo; vulgar. [Sinônimo geral: *mediano*]); bem como às palavras INÓSPITO e GENEROSIDADE, cuja remissão é feita aos *antônimos* HOSPITALEIRO ([...]2. Em que não se pode viver. [antônimo: *hospitaleiro*]) e MESQUINHEZ ([...]2. Ação generosa. [Antônimo: *mesquinhez.*]), respectivamente.

Conforme constatamos nos exemplos acima, a medioestrutura do MAu05 não é padronizada, ou seja, os mecanismos utilizados para fazer-se as remissões são diversificados e tendem a confundir o aluno/consulente, especialmente pelo fato de que estes mecanismos ou índices remissivos não são completamente explicitados e exemplificados nos textos iniciais do dicionário.

Outra contradição presente em algumas definições de palavras no MAu05 é a utilização da própria palavra-entrada compondo a sua definição,

como ocorre em SUSTENTÁCULO. Neste caso, o fato de encontrar a palavra-entrada buscada como sinônimo de si mesma, é talvez ainda pior do que se deparar com uma pista falsa. Diferentemente desta, a ocorrência exemplificada no verbete SUSTENTÁCULO aparenta muito mais uma falta de zelo do lexicógrafo, do que propriamente algo que é fruto de pressões mercadológicas.

Sus.ten.tá.cu.lo *subst. masc.* Aquilo que sustenta ou sustém; sustentáculo. (verbeta ‘SUSTENTÁCULO’ MAu05)

Há ainda o problema da **CIRCULARIDADE** na informação que, assim como as **PISTAS FALSAS**, também é um dos fatores de frustração do aluno/consulente no ato da consulta ao dicionário. Conforme já afirmamos anteriormente, remeter o consulente de um verbete a outro não deve ser regra e sim exceção, visto que em muitos casos o usuário acaba “circulando” por alguns verbetes que o levam de volta ao verbete inicialmente acessado, sem que a sua dúvida tenha sido esclarecida. Assim ocorre no verbete MEDÍOCRE, no qual aparece a remissão *sinônimo geral*, que conduz o aluno/consulente ao verbete MEDIANO, que por sua vez apresenta a remissiva facultativa *Veja medíocre*, direcionando-o novamente ao verbete inicialmente acessado.

Me.di.a.no *adj.* **1.** Que está no meio, ou entre dois extremos; médio. **2.** Meão (2). **3.** *Veja medíocre: Sua prova foi mediana.* (verbeta ‘MEDIANO’ MAu05)

Todavia, as deficiências no sistema de remissivas não se restringem ao MAu05, também no MHou04 encontramos algumas incongruências entre o que se pratica como remissão na microestrutura dos verbetes deste dicionário e o que está descrito em seus textos iniciais (*Cf. anexos*) a respeito dos mecanismos de remissão, como veremos adiante.

Assim como acontece no MAu05, as explicações prévias no MHou04, em relação aos mecanismos de remissão não são tão claras. Na

verdade, o campo 'remissivas' nos textos antepostos do MHou04 figura apenas como uma pequena nota inserida na seção que explica as definições.

No que diz respeito aos índices usados para se fazer remissão no MHou04, percebe-se uma diferença tipográfica frente aos índices do MAu05, tendo em vista que este não utiliza nenhum símbolo ou figura, para este fim; nem tampouco destaca a palavra utilizando cores diferentes e chamativas; ao passo que o primeiro lança mão destes expedientes tornando-se visualmente mais atraente para o usuário.

A remissão facultativa é preferencialmente feita por meio da sigla *Cf.*, que corresponde, de acordo com a lista de abreviaturas do MHou04, à palavra *conferir*. Além desse índice, há também a utilização do til (~) para indicar palavras de sentido aproximado ou que mantenham alguma relação semântica com a palavra-entrada. Vale destacar também a cor vermelha que diferencia os índices de remissão do corpo da definição, o que realça ainda mais a necessidade de atentar-se para essas informações.

No caso do verbete BASE do MHou04, ao contrário do que ocorre em relação ao mesmo verbete do MAu05, não há em sua microestrutura a presença de remissivas facultativas. Entretanto, conforme dissemos anteriormente, como o fluxo da informação é contínuo, é necessário levarmos em conta as remissões obrigatórias, destacando, pois, na primeira acepção do verbete BASE, as palavras APOIO E SUSTENTAÇÃO, também por seu caráter polissêmico.

Contudo, como nossa proposta é, além de descrever a medioestrutura do MAu05 e do MHou04, compará-los, a fim de observar semelhanças e diferenças, decidimos analisar os mesmos verbetes tanto em um quanto em outro dicionário, mesmo que porventura alguns deles não figurem da mesma forma nas definições do verbete que encabeça a sub-rede de remissivas, em análise.

Com relação ao verbete APOIO, por exemplo, observamos ocorrência de remissões facultativas que têm por base a antonímia. Há neste verbete, a presença de duas formas de remissão marcadas por um índice cuja cor da fonte é vermelha, para destacá-lo frente aos demais elementos que constituem a sua microestrutura, porém é importante ressaltar que este índice, que é representado por meio de uma seta reversa, não segue os costumeiros índices utilizados na maioria dos dicionários, *v. ou cf.*

[...]2. ajuda, amparo ↵ abandono 3.
aprovação <o diretor deu total a. à
iniciativa dos alunos> ↵ rejeição. (verbo
'APOIO' MHou04)

Nos textos iniciais, o dicionarista explica que a função da seta reversa é justamente indicar as palavras que têm sentido contrário de acordo com a acepção a que se refere, complementando e fechando o significado da palavra que primeiramente havia sido consultada. No entanto, esta explicação justapõe-se juntamente com a explicação sobre as remissivas, na seção 'campo das definições', gerando uma interpretação equivocada por parte do aluno/consulente de que a antonímia não faz parte das remissivas, que é, na verdade, um outro aspecto da microestrutura dos verbetes.

Assim, em relação ao verbete APOIO, pode-se afirmar que há uma variação no que se refere à forma de remissão facultativa utilizada no MHou04, não contribui muito para que o aluno/consulente possa transitar plenamente pela medioestrutura do MHou04. Além do mais, tais índices simbólicos, como é o caso da seta para indicar as palavras antônimas em cada acepção no MHou04, constituem, outrossim, uma quebra no fluxo da informação, tendo em vista que dificilmente um aluno de ensino fundamental lê os textos iniciais que são a chave para o uso do dicionário, nem tampouco o professor tem o conhecimento necessário de todos os mecanismos de remissão e suas variantes (*cf.* DANTAS, 2008).

A remissão facultativa feita com o uso de setas reversas indicando antonímia é bastante freqüente nos verbetes do MHou04, como veremos nas análises de outros verbetes que faremos adiante. Seguindo, portanto, esse direcionamento dado pelas setas que aparecem nas acepções 2 e 3, constatamos que há na macroestrutura do MHou04 os verbetes ABANDONO e REJEIÇÃO. Contudo, tal direcionamento dá ao aluno/consulente duas possibilidades: distanciar-se do significado inicialmente pretendido ou fechar o ciclo da informação, voltando ao ponto de partida, o verbete APOIO.

Se o aluno/consulente decidir seguir a remissiva presente na acepção 3, visto que esta acepção é a que está de acordo com a informação inicialmente buscada por ele, será direcionado para o verbete PROTEÇÃO, em cuja definição figura a palavra 'apoio'. Desta forma, a sub-rede de remissivas iniciada pelo verbete BASE "fecha" o seu ciclo de informação, pois, mesmo que o retorno não seja ao verbete inicial, delimita-se, neste caso, uma associação entre o significado de 'apoio' e 'base', pelo fato de que a primeira palavra é parte da definição da segunda.

Pro.te.ção [pl.: ões] *s.f.* 1. cuidado com algo ou alguém mais fraco; amparo, apoio
<p. aos idosos> <p. às terras indígenas>[...] (verbetes 'PROTEÇÃO' MHou04)

Contudo, se o aluno/consulente seguir o direcionamento dado pelas outras acepções do verbete ABANDONO, irá certamente abrir um novo leque de possibilidades, que poderá gerar novas sub-redes de remissivas, o que demonstra mais uma vez que a medioestrutura nos dicionários, em especial os escolares, é uma gama de possibilidades, levando o usuário às mais variadas informações.

Há que se destacar ainda a diferença em relação à linguagem utilizada nas definições apresentadas nos verbetes do MAu05 e do MHou04.

No primeiro, constatamos na definição da palavra ‘base’, a ocorrência de palavras um tanto quanto obscuras para alunos de ensino fundamental. Dentre elas, destacamos ‘sustentáculo’ e ‘fundamento’ que, longe de esclarecer de imediato o significado da palavra acessada, faz com que o aluno/consulente tenha de deslocar-se entre vários verbetes até que possa completar a informação inicialmente pretendida. Vale salientar que apesar de as remissões serem importantes para o fluxo da informação, é preferível que a definição possa suprir de imediato a demanda do usuário, principalmente se a origem da sua dúvida seja uma atividade escolar.

Diferentemente do MAu05, o MHou04 apresenta em suas definições palavras mais comuns ao cotidiano dos alunos de ensino fundamental e que não lhes são estranhas. Citemos como exemplo, as palavras ‘apoio’ e ‘proteção’, que mesmo figurando na medioestrutura dos verbetes analisados no MHou04, não dificultam o acesso da informação imediata constante nas definições, por parte do aluno/consulente.

Outro mecanismo de remissão presente no MHou04 é a utilização de uma seta, que demarca as variantes próximas ou puramente gráficas que figuram como novas entradas na macroestrutura do dicionário, conforme adverte nos textos iniciais o próprio lexicógrafo. Desta forma, acessando o verbete RASTO, por exemplo, o aluno/consulente irá se deparar com uma remissão obrigatória marcada por uma seta que o remete ao verbete RASTRO, que apresenta na cabeça do verbete as duas variantes.

Ras.to *s.m.* → *RASTRO* (verbeta ‘RASTO’)

MHou04)

Apesar da explicação prévia sobre a presença de formas variantes como entradas diferentes constantes na nomenclatura do dicionário o MHou04, não deixa claro se a seta utilizada para remeter de uma variante a outra, constitui-se como mais um dos índices remissivos que podem ser encontrados nos verbetes da obra.

O til (~) também figura como um índice remissivo presente na medioestrutura do MHou04, visto que ele faz referência àquelas palavras de significado aproximado ao da palavra-entrada. Cite-se como exemplo o verbete GENÉTICA, cuja palavra de significado aproximado apresentada em sua microestrutura é GENETICISTA, precedida pelo til (~ **geneticista** *adj.2g.s.2g*).

A medioestrutura dos adjetivos no MAu05 e no MHou04.

Os adjetivos, por sua própria natureza de atributo ou modificador, geralmente se relacionam com um substantivo, que está em seu mesmo campo semântico. Desta forma, é quase que convencional nas definições de verbetes cuja palavra-entrada é um adjetivo, iniciar-se com a estrutura “relativo a...” ou “que se refere a...” e o complemento, via de regra, é um substantivo.

No caso do verbete GENÉTICO, ocorre este tipo de estrutura nas três acepções dadas para a palavra-entrada. Não há remissões facultativas do tipo *v.* ou *cf.*, mas a medioestrutura, neste verbete, é estabelecida justamente pelas estruturas iniciais das acepções, que criam uma relação biunívoca entre a palavra-entrada e as palavras que constam na definição. Portanto, as remissivas presentes no verbete GENÉTICO são obrigatórias e expressam a necessidade de o aluno/consultante acessar outros verbetes, tais como, GÊNESE, GENÉSICO, GENES E GENÉTICA, a fim de que ele possa compreender em toda sua completude o significado de GENÉTICO.

Ge.né.ti.co *adj.* **1.** Relativo a gênese ou geração; genésico. **2.** Relativo aos genes e sua função ou atuação. **3.** Relativo à genética. (verbeta ‘GENÉTICO’ MAu05)

Apesar de serem remissivas obrigatórias, não há no MAu05 nenhuma indicação de que elas possam aparecer no interior dos verbetes e nem há nenhum tipo de índice, como cor da fonte diferente das demais, que as identifique. Por tratar-se de um dicionário escolar voltado para alunos de ensino fundamental, é interessante que seu autor torne o mais claro possível os mecanismos de remissão presentes ao longo da obra.

Assim, acessando o verbete GÊNESE, o usuário terá pela frente a continuidade do fluxo da informação inicialmente demandada no ato da consulta do verbete GENÉTICO.

Além de GÊNESE, vale salientar ainda a palavra GENÉSICO que também aparece na acepção 1 do verbete GENÉTICO. Esta palavra chama ainda mais atenção, exatamente pelo fato de estar, no mínimo, fora do universo vocabular de alunos do ensino fundamental, que estão mais acostumados a estudar apenas os princípios básicos das ciências naturais.

Com relação ao verbete GENÉSICO, há uma peculiaridade que deve ser destacada. A definição neste verbete se dá por sinonímia. Desta forma, a própria definição constitui uma remissiva obrigatória. Entretanto, não há nos textos iniciais do MAu05, conforme já alertamos em seções anteriores, explicações sobre o funcionamento desse tipo de definição, ou seja, o lexicógrafo não deixa claro para o usuário se vai acrescentar algum tipo de índice que identifique de imediato a remissão. Mesmo que o fazer lexicográfico recomende, quase que como se fosse uma convenção, a utilização das siglas *v.* ou *cf.*.

Ge.né.si.co *adj.* Genético (1). (verboete
'GENÉSICO' MAu05)

Outro aspecto que também deve ser observado, na forma de remissão deste verbete, é a referência direta a uma das acepções do verbete a ser acessado, no caso à acepção 1. Ao menos, essa é a interpretação que o aluno/consulente deverá fazer se pretende seguir o fluxo da informação buscada por ele, visto que os textos iniciais do MAu05 não mencionam este tipo de remissão. Além disso, a remissão ao verbete GENÉTICO “fecha” uma das ramificações da sub-rede de remissivas iniciada por este mesmo verbete, demonstrando, pois, a circularidade da informação.

Além da **CIRCULARIDADE**, as **PISTAS FALSAS**, como já afirmamos, constituem um dos fatores que mais contribuem para a má qualidade das definições e para que o aluno/consulente tenha um sentimento de frustração frente ao insucesso de sua consulta ao dicionário. Em relação ao dicionário escolar, este a é um aspecto de extrema relevância e que precisa ser

evitado pelo lexicógrafo, pois a função primeira deste tipo de obra deve ser sempre suprir as demandas dos usuários.

Portanto, um bom dicionário precisa apresentar o menor número possível de pistas falsas, ou, quem sabe, nem apresentá-las, tendo em vista que, se há pistas falsas, o esclarecimento de dúvidas fica comprometido. Este parece ser o caso do MAu05, que em sua medioestrutura apresenta diversos casos de pistas falsas, o que parece evidenciar, no mínimo, uma falta de zelo durante a confecção da obra.

Para exemplificar esta afirmação, citemos dois fatos: o primeiro, diz respeito à referência à palavra GENES na acepção 2 do verbete GENÉTICO, caso o usuário queira acessar o verbete GENES, não será possível, pois esta palavra não consta na nomenclatura do MAu05; o segundo fato, leva em consideração a palavra GENÓTIPO, que, apesar de não fazer parte de nenhuma das definições dos verbetes analisados na sub-rede de remissivas do verbete GENÉTICO, nem figurar como remissiva facultativa nesta sub-rede, chamou-nos atenção, justamente por se tratar de um outro caso de pista falsa.

O que ocorre, no caso do verbete GENÓTIPO, é bastante emblemático, no que diz respeito às pistas falsas e à falta de padronização das remissões. Conforme podemos perceber, a palavra GENÉTICA está presente na definição deste verbete, assim como estava também presente em uma das acepções do verbete GENÉTICO, figurando, pois, como remissiva obrigatória, caso que analisaremos mais adiante. No entanto, o que nos chama mais atenção na microestrutura de GENÓTIPO é a presença de uma remissiva facultativa que aparece entre colchetes e marcada pela sigla *cf.*. Esta ocorrência foge completamente ao padrão preestabelecido pelo dicionarista nas explicações prévias de seu dicionário em relação às remissivas, pois de acordo com estas explicações, as remissões no MAu05 são marcadas pela sigla *v.* (veja), não mencionando nada a respeito de outros índices que podem ser utilizados para tal finalidade.

Entretanto, o que chama atenção, no que se refere ao verbete GENÓTIPO, não é a variação do tipo de índice remissivo usado, mas sim o direcionamento a uma palavra que não consta na nomenclatura do MAu05, quebrando assim o fluxo da informação. Portanto, se o aluno/consulente quiser compreender o que vem a ser FENÓTIPO terá sua consulta frustrada, pois essa informação não faz parte do MAu05.

Ge.nó.ti.po *subst. masc. Ciências Naturais.* A composição genética de um organismo. [Cf. *fenótipo*] (verbeta ‘GENÓTIPO’ MAu05)

A referência à GENÉTICA feita no verbete GENÉTICO e retomada na definição do verbete GENÓTIPO, faz com que a sub-rede de remissivas se “feche” não por conta de um retorno ao verbete inicialmente consultado, mas pelo fato de que a informação contida no verbete GENÉTICA complementa o significado da palavra GENÉTICO, totalizando-o.

Além do problema gerado pelas **PISTAS FALSAS**, há que se destacar também a falta de padronização dos índices remissivos nos adjetivos do MAu05, assim como ocorre nos substantivos do mesmo dicionário, que pode dificultar o rápido acesso, por parte do aluno/consulente, à informação demandada.

Desta forma, no verbete INÓSPITO podemos constatar que a remissão por antonímia é feita destacando a remissiva com colchetes e marcando-a com a palavra *antônimo*. Assim como ocorre em outros verbetes do MAu05, esse índice remissivo (*antônimo*) não está descrito nos textos iniciais, nem tampouco a função que ele desempenha na medioestrutura do dicionário.

[...]2. Em que não se pode viver. [antônimo: *hospitaleiro*] (verbeta ‘INÓSPITO’ MAu05)

No caso do verbete MEDIANO, há na verdade o aparecimento de um outro índice remissivo, que também não é descrito previamente pelo lexicógrafo. A remissão neste verbete é feita utilizando-se a palavra *veja*, que remete ao verbete MEDÍOCRE ([...]3. Veja *mediocre*: Sua prova foi mediana). Ora, apesar de parecer clara a remissão facultativa estabelecida pela palavra *veja*, é importante que os mecanismos utilizados para marcar as remissivas na microestrutura dos verbetes do dicionário sejam uniformes, mas, caso haja alguma variação, que ela seja previamente discriminada.

A **CIRCULARIDADE** se apresenta também no verbete MEDIANO, pois se o aluno/consulente seguir o direcionamento dado pela remissiva *veja* MEDÍOCRE, ao acessar o novo verbete, ele irá deparar-se com outra remissiva na microestrutura de MEDÍOCRE, remetendo-o a MEDIANO (*sinônimo geral: mediano*). Esse movimento de “ida e volta”, portanto, pode não acrescentar nenhuma informação nova que venha a suprir a demanda inicialmente pretendida pelo usuário.

Com relação ao verbete GENÉTICO no MHou04, observamos que a remissão se estabelece de forma semelhante ao que ocorre no MAu05, visto que há a presença de uma relação biunívoca entre a palavra-entrada e as palavras que constam nas acepções do verbete. Esta é uma das características marcantes dos adjetivos, como já afirmamos anteriormente, e neste verbete assim como ocorre no verbete correspondente do MAu05 é evidenciada pela estrutura “relativo a” seguida de um substantivo.

As palavras que estabelecem a remissão obrigatória no verbete GENÉTICO são: GÊNESE, GENÉTICA E GENE. Desta forma a sub-rede de remissivas se constitui no instante em que o aluno/consulente busca o complemento da informação inicialmente pretendida, percorrendo o caminho direcionado por tais remissões, como se pode observar ao acessarmos o verbete GÊNESE.

O verbete GÊNESE apresenta dois casos de remissivas que fogem ao padrão preestabelecido pelo dicionarista nas explicações sobre uso

do dicionário presente nos textos iniciais. Como podemos observar, após a acepção 3 aparecem duas remissivas marcadas por um til (~), que funciona como índice remissivo. No entanto, este índice não é descrito nos textos iniciais do MHou04 como sendo mais um dos mecanismos de remissão presentes ao longo do dicionário, pois como afirma o próprio dicionarista são palavras que estão apenas “embutidas” nos verbetes.

[...]. **3.** o primeiro livro da Bíblia, em que se acha descrita a criação do mundo → inicial maiúsc. ~ **genesíaco** *adj.* – **genésico** *adj.*
(verbeta ‘GÊNESE’ MHou04)

Desta forma o til serve apenas para indicar palavras cognatas ou de sentido aproximado ao da palavra-entrada, não necessitando, portanto, a criação de um verbete autônomo que as esclareçam melhor. Essa é a orientação encontrada nos textos iniciais do MHou04, no que se refere ao ‘campo dos derivados e cognatos’. Ora, mas será que não se faz necessária mesmo a criação de um verbete correspondente a essas palavras? Será que a simples depreensão da palavra primitiva é suficiente para tornar completa a informação relativa a tais palavras? Acreditamos que em alguns casos como em FERRO/FERREIRO, a palavra primitiva esclarece a derivada, mas especificamente no caso de GÊNESE/GENESÍACO esta relação primitivo/derivado não seja suficiente para suprir a demanda do aluno/consulente, sobretudo porque este aluno encontra-se num nível de estudo em que a aquisição de novas palavras para a composição de um vocabulário mais rico é uma necessidade constante.

Portanto, entendemos que o til no MHou04, longe de ser apenas um símbolo que indique aproximação de sentido entre palavras que possuam o mesmo radical, funciona, na verdade, como uma forma de remissão, tendo em vista que a consulta a estas palavras se faz necessária para que haja uma compreensão global da palavra-entrada a qual elas se referem. Além do mais, sua ausência na macroestrutura do dicionário constitui uma **PISTA FALSA**,

caso o consulente deseje buscar o sentido das palavras GENESÍACO E GENÉSICO.

Seguindo o direcionamento dado na acepção 2 do verbete GENÉTICO, analisemos agora os verbetes GENÉTICA e GENE.

Assim como já afirmamos anteriormente, as remissivas mantêm o fluxo da informação, complementando-a. No caso do verbete GENÉTICA, observamos que, embora tenha partido do mesmo radical que GENÉTICO, esta relação não seria suficiente para esclarecer o significado tanto do primeiro, quanto do segundo, pois a definição da palavra GENÉTICA explica mais claramente o significado de ambos os verbetes. Além disso, a definição de GENÉTICA dá continuidade ao fluxo da informação com a presença da palavra GENE, figurando como remissão obrigatória.

Ge.né.ti.ca *s.f.* ciência que estuda a hereditariedade, bem como a estrutura e as funções dos genes ~ **geneticista** *adj.2g.s.*
2g. (verbo 'GENÉTICA' MHou04)

No caso do verbete GENE, podemos dizer que figuram ao longo de sua definição algumas palavras que são consideradas remissões obrigatórias, como, por exemplo, hereditária, cromossomo e indivíduo. Contudo, pelo fato de nosso trabalho objetivar apenas fazer uma descrição do sistema de remissivas tanto MAu05 quanto do MHou04, a fim de estabelecer semelhanças e diferenças entre os dois, para com isso contribuir com a discussão, no âmbito da metalexigrafia, acerca do uso e reconhecimento de remissivas nos DE's, não seguimos o direcionamento dado pelas palavras supracitadas como remissivas obrigatórias.

Na verdade, interessa-nos para efeito de nossa análise o “fechamento” da cadeia remissiva iniciada pelo verbete GENÉTICO, marcado no verbete GENE pela presença da palavra GENÉTICA em sua definição. Apesar de não ter sido o ponto de partida para o estabelecimento desta sub-rede de remissivas, consideramos a remissão obrigatória à palavra GENÉTICA

como o “limite” da sub-rede, tomando por base o fato de que o verbete GENÉTICA tem um caráter muito mais esclarecedor em relação à informação demandada pelo aluno/consulente do que GENÉTICO, que é muito mais um verbete “direcionador”.

Assim sendo, com relação à linguagem utilizada nas definições dos verbetes que compõe a sub-rede de remissivas encabeçada pelo verbete GENÉTICO no MHou04, podemos afirmar que em comparação com os mesmos verbetes analisados no MAu05, o primeiro mantém a clareza e também uma maior adequação ao nível escolar do público a que se destina. Haja vista que no MAu05, GENÉSICO é palavra que compõe a definição, ao passo que no MHou04 ela figura apenas como palavra de sentido aproximado, não gerando nenhum prejuízo para a compreensão do enunciado da definição.

A título de comparação, é importante salientar ainda que o verbete GENÓTIPO, que no MAu05 apesar de não constar como remissiva em nenhum dos verbetes da sub-rede encabeçada por GENÉTICO, foi considerado por conta da ocorrência de uma pista falsa, também faz parte da nomenclatura do MHou04, porém, ao contrário do que ocorre no MAu05, no verbete GENÓTIPO do MHou04 não há nenhuma referência a FENÓTIPO. Aliás, é este último que em sua definição destaca, em itálico, a palavra GENÓTIPO evidenciando, desta maneira, a relação biunívoca que há entre ambas.

Fe.nó.ti.po *s.m.* BIO conjunto das características de um indivíduo, determinado pela interação do seu *genótipo* com o ambiente ~ **fenotípico** *adj.* (verbetes ‘FENÓTIPO’ MHou04)

Além da relação entre os verbetes GENÓTIPO e FENÓTIPO, devemos destacar ainda o fato de haver neste verbete uma forma de remissão, que não foi previamente explicada nos textos iniciais, no caso a remissão obrigatória marcada pelo destaque, em itálico, de uma palavra presente no

enunciado da definição. É inegável o caráter complementar que existe entre os verbetes GENÓTIPO e FENÓTIPO, por isso mesmo deve ficar clara para o aluno/consulente esta relação de reciprocidade entre os dois, a fim de que ele perceba não a circularidade, mas a complementaridade que existe entre os significados veiculados por estes verbetes.

Vale salientar também, no verbete FENÓTIPO, a presença de uma palavra de sentido aproximado que é marcada pelo til (~). Esta ocorrência é constante na microestrutura do MHou04, mas infelizmente a palavra indicada (*fenotípico*) não figura na nomenclatura deste dicionário, comprometendo o fluxo da informação.

A medioestrutura dos verbos no MAu05 e no MHou04.

Com relação aos verbos, o principal tipo de remissão presente na maior parte dos verbetes tanto do MAu05 quanto do MHou04, é aquela que remete a modelos ou paradigmas de conjugação. Essa remissão é considerada facultativa, tendo em vista que depende, sobretudo, da necessidade do aluno/consulente no ato da consulta.

Contudo, é importante salientar o fato de que este tipo de remissiva deve estar plenamente explicado e exemplificado nos textos iniciais dos dicionários escolares, tornando claros seu uso e sua função em verbetes cuja palavra-entrada seja um verbo. Até porque, os verbos aparecem sempre na sua forma infinita ao longo da nomenclatura do dicionário, ao contrário do que ocorre nas situações de sala de aula, em que eles aparecem na sua forma conjugada.

No que diz respeito às explicações prévias sobre a remissão a modelos de conjugação no MAu05, podemos afirmar que são muito superficiais. Na verdade, o MAu05 apenas adverte que informações sobre sinônimos, antônimos, conjugação verbal, entre outras, constam na microestrutura dos verbetes em forma de **achegas**, entre colchetes, sem descrever qual a melhor maneira de utilizá-las. No nosso entender, essas informações adicionais, conforme adverte o próprio autor do MAu05, devem figurar na seção que explica o uso e funcionamento das remissivas no dicionário.

Analisemos, por exemplo, o verbete RASTREAR. Encontramos em sua microestrutura duas formas de remissão: uma marcada pelo índice remissivo *veja* e outra, entre colchetes, indicando um modelo de conjugação. No primeiro caso a remissiva facultativa remete a um novo verbete RASTEJAR, que consta na nomenclatura do dicionário, o que nos parece estar em consonância com o plano inicial estabelecido pelo lexicógrafo para a composição dos verbetes de seu dicionário. Se observarmos a segunda remissiva do verbete RASTREAR, perceberemos que ela nos direciona a um

modelo de conjugação que pode ser aplicado ao verbo que figura como cabeça do verbete, porém se o aluno/consulente buscar nos textos externos do dicionário algum modelo de conjugação ele não irá encontrar, visto que o MAu05 não traz em nenhuma seção modelos ou paradigmas de conjugação. Portanto, trata-se de uma **PISTA FALSA** e neste caso, mais do que em outros citados anteriormente, seja mais frustrante ainda para o usuário não encontrar a informação buscada.

Ras.tre.ar *verbo trans. dir. e intrans.* Veja *rastejar*. [Conjugação: *frear*] (verbeta 'RASTREAR' MAu05)

A utilização de modelos ou paradigmas de conjugação nos textos externos dos dicionários é uma prática um tanto quanto comum e até incentivada pelo fazer lexicográfico, uma vez que a Lexicografia preceitua que nos textos externos devem constar informações adicionais tais como a moeda de cada país, revisão gramatical, lista de abreviaturas etc.

Contudo, ainda levando em conta a segunda remissiva do verbo RASTREAR, percebemos que ela remete a outro verbo, FREAR, que funciona como paradigma para a conjugação do primeiro. Seguindo este direcionamento e acessando o verbete FREAR, no MAu05, percebemos que em sua própria microestrutura, há a presença da conjugação do verbo no presente, no pretérito perfeito e no futuro do presente do modo indicativo. Além disso, há ainda a informação de que se trata de um verbo irregular (*cf.* Anexos).

Ora, este é um claro exemplo do quanto a falta de orientações iniciais sobre o uso e funcionamento das remissivas pode comprometer o fluxo da informação, sobretudo em dicionários escolares que se destinam a alunos do Ensino Fundamental. Isto porque, como dissemos anteriormente, em geral, modelos de conjugação verbal são encontrados nos textos externos do dicionário e não no interior dos verbetes.

Assim, quando o MAu05 apresenta a conjugação de um verbo na microestrutura do verbete, há uma quebra de expectativa até mesmo para os usuários mais experientes, por conta do fato de não encontrar nos textos externos esses modelos de conjugação verbal, sendo, pois, necessário utilizar-se de sua habilidade, enquanto leitor de dicionários, para alcançar a informação inicialmente buscada. Por isso mesmo, é tão importante que já nos textos iniciais o lexicógrafo explique o uso e o funcionamento das remissões ao longo do dicionário, a fim de facilitar a consulta a toda a gama de informações presentes na obra. Esta, de acordo com as análises que fizemos, não parece ser uma das virtudes do MAu05, que dedica pouca atenção à questão das remissivas.

Outros verbetes do MAu05, como ocorre em NOTAR, NOTIFICAR, MEDIAR e MEDIR, também apresentam o mesmo mecanismo de remissão, no que se refere à conjugação verbal, levando-nos à conclusão de que este tipo de referência é comum aos verbetes cuja palavra-entrada é um verbo. Porém, a falta de esclarecimento acerca deste tipo de remissiva compromete a continuidade do fluxo da informação no dicionário.

Com relação aos verbos no MHou04, ao contrário do que ocorre no MAu05, há a presença de remissão a modelos de conjugação verbal que constam nos textos externos do dicionário. Desta forma, em consonância com os preceitos da Lexicografia, o MHou04 apresenta já nos textos iniciais explicações sobre como se dá a remissão aos modelos de conjugação verbal, que na microestrutura do verbete aparecem logo após a informação sobre a categoria gramatical da palavra-entrada.

Entretanto, o MHou05 não descreve a referência aos modelos de conjugação verbal como sendo uma forma de remissão, uma vez que somente as remissões facultativas marcadas pela utilização da sigla *cf.* (conferir) e pelo uso da seta reversa para indicar antônimos são discriminadas como remissivas nos textos iniciais do referido dicionário. O que nos parece um equívoco do dicionarista, pois conforme já afirmamos em capítulos anteriores, a referência a

elementos dos textos externos e também às fontes de pesquisa do lexicógrafo também é considerada uma remissiva.

Observemos, pois, o verbete RASTREAR no MHou04. Logo no início, após a categoria gramatical, aparece entre chaves a abreviatura mod. (modelo) e o número correspondente, ou seja, diferentemente do que ocorre no MAu05 a referência, neste caso, é feita não a um outro verbo que funciona como paradigma de conjugação, e sim a um número constante numa tabela de conjugação, presente nos textos pospostos do dicionário.

Ras.tre.ar v. {mod.5} *t.d.* seguir o rastro, a pista de; caçar, rastejar ~ **rastreamento**
s.m. – **rastreio** *s.m.* (verbeta ‘RASTREAR’ MHou04)

Além do mais, há ainda na microestrutura dos verbetes do MHou04 outros índices remissivos, como, por exemplo, o til (~), que remete o aluno/consulente a palavras de sentido aproximado. No caso do verbete RASTREAR, o til remete às palavras RASTREAMENTO e RASTREIO.

Outros verbetes do MHou04, que também têm como cabeça do verbete um verbo, apresentam a mesma forma de remissão aos modelos de conjugação e às palavras de sentido aproximado, evidenciando assim uma padronização da medioestrutura, no que diz respeito aos verbos. Como exemplos dessa prática, temos os verbetes NOTIFICAR, MEDIAR e MEDIR, que possuem em sua microestrutura a referência às palavras NOTIFICAÇÃO, MEDIAÇÃO e MEDIÇÃO, respectivamente (*cf.* Anexos).

O fato de que o MHou04 se utiliza da prática de fazer referência a modelos de conjugação presentes em seus textos externos, denota uma maior adequação aos preceitos teórico-metodológicos do fazer lexicográfico do que o MAu05. Isto porque, o MHou04, apesar de não descrever este tipo de referência como sendo uma remissiva, mantém um padrão que facilita o rápido acesso do aluno/consulente à informação demandada. Desta forma,

percebemos que tal prática é parte do plano inicial do lexicógrafo, quando da composição do dicionário, e consta na microestrutura abstrata dos verbos neste dicionário escolar.

Aspectos gerais da medioestrutura do MAu05 e do MHou04

Conforme pudemos observar nas análises acima, a rede de remissivas nos artigos léxicos do MAu05 e do MHou04 apresenta algumas semelhanças e diferenças, bem como algumas particularidades. Desta forma, traçamos, a partir das amostras analisadas, um panorama geral da medioestrutura dos dois dicionários.

Quadro comparativo da medioestrutura do MAu05 e do MHou04

Quadro 04: Planilha de análise da medioestrutura dos DE's.

Adaptada de Damim (2005)

Elementos da medioestrutura	MAu05	MHou04
Há remissões facultativas? (Considerar afirmativa caso haja índices remissivos como abreviaturas e símbolos)	√	√
Há sinonímia?	√	~
Há antonímia?	~	√
Há ocorrência de pistas falsas?	~	~
Há circularidade nas definições?	~	∅
Há explicação prévia sobre os mecanismos de remissão e sobre as abreviaturas utilizadas para este fim?	~	√
Há remissões aos textos externos?	∅	√
Há padronização do sistema de remissivas?	∅	√

Quadro 05: Planilha de símbolos utilizados nas análises.

Adaptada de Damim (2005)

SÍMBOLO	SIGNIFICADO DO SÍMBOLO
√	Presença do elemento em questão
∅	Ausência do elemento em questão

~	Elemento presente em alguns casos e ausente em outros
---	---

Descrição geral da medioestrutura do MAu05 e do MHou04

No que diz respeito à organização medioestrutural, os dois dicionários em questão apresentam remissões facultativas, marcadas por alguns índices remissivos. No entanto, alguns desses índices não são claramente explicados nos textos iniciais, nem nas listas de abreviaturas, o que, longe de facilitar a consulta, pode comprometê-la.

Especificamente em relação ao MAu05, constatamos que nos textos iniciais os mecanismos de remissão no dicionário são mostrados de forma sucinta, considerando como **ÚNICA** forma de remissão a palavra *veja*. Desta forma, outros índices remissivos que fazem parte da microestrutura de alguns artigos léxicos analisados, não são contemplados na seção que explica as remissões no dicionário, tampouco aparecem na lista de abreviaturas, como é o caso da sigla *Cf.*, por exemplo.

No MHou04, as diferentes formas de remissão facultativa estão descritas nos textos iniciais, porém o fato de não estarem reunidas numa única seção intitulada 'remissivas' pode prejudicar a apreensão por parte do aluno/consulente de que há vários mecanismos no dicionário, que se prestam à função de remeter de um lugar a outro, ao longo da obra. Como exemplo desta prática presente no MHou04, temos o til (~) que faz referência a palavras de sentido aproximado e é explicado na seção 'definições', nos textos iniciais.

A remissão a sinônimos e a antônimos está presente em alguns dos artigos léxicos que analisamos, sendo marcada no interior dos verbetes dos dois dicionários de maneira diferente. O MAu05, por exemplo, utiliza as palavras *sinônimo* e *antônimo* para marcar este tipo de remissiva, já o MHou04 indica os antônimos por meio de um símbolo (↴).

Outro aspecto relevante que observamos nos artigos léxicos analisados, embora não faça parte do escopo de nossa pesquisa, é o fato de haver uma maior freqüência de remissão por sinonímia no MAu05 em relação ao MHou04, ao passo que no segundo há uma freqüência maior de remissão por antonímia em relação ao primeiro.

Além das remissões a sinônimos e a antônimos, é importante notar que não foi encontrada, em nenhuma das amostras do MAu05, referência aos textos externos, nem mesmo nos verbos. No MHou04, nos verbetes cuja palavra-entrada é um verbo, há referência a modelos de conjugação presentes nos textos pospostos do dicionário. Vale ressaltar que esta remissão é explicada e exemplificada nos textos iniciais do MHou04, mas como não faz parte da seção 'remissivas' pode até não ser considerada pela aluno/consulente como um mecanismo de remissão.

A organização medioestrutural dos dois dicionários apresenta algumas falhas que, no nosso entendimento, comprometem a obtenção da informação inicialmente demandada pelo o usuário. Dentre elas, destacamos a não padronização dos mecanismos de remissão, ocorrência marcante nos verbetes analisados no MAu05. A variabilidade dos índices remissivos neste dicionário é, pois, um ponto negativo no que se refere à qualidade dos artigos léxicos constantes na obra, além do fato de que os diferentes índices remissivos não são previamente explicitados. No MHou04, não há variabilidade em relação aos índices remissivos propostos pelo lexicógrafo nas explicações iniciais de como usar o dicionário, porém a dispersão destas informações ao longo das diversas seções que compõem os textos iniciais da obra dificulta também a percepção de que há um padrão, no MHou04, em relação à sua rede de remissivas.

Além da não padronização do sistema de remissões, outro problema merece ser destacado: a **CIRCULARIDADE** das informações nas definições. Especialmente no que diz respeito a alguns artigos léxicos do MAu05, observamos que remetiam a outros que ao serem acessados pelo usuário tinham, por sua vez, como remissiva, a palavra-entrada do verbete

anterior, quer dizer, um levava ao outro e vice-versa. Desta forma, não se cumpria a função primordial de um DE, que é a de apresentar informações novas, pois, ao remeter-se o usuário para o ponto de partida de sua consulta, sua dúvida não é esclarecida.

Quanto ao MHou04, não registramos em nenhuma de nossas amostras ocorrências de **CIRCULARIDADE**. No entanto, o fato de que este DE, assim como o MAu05, apresenta **PISTAS FALSAS** demonstra que ainda há muitas arestas a serem aparadas. Sobretudo, em relação às pistas falsas visto que, conforme já afirmamos anteriormente, elas se configuram, juntamente com a circularidade, num elemento desmotivador para o usuário, pois comprometem o fluxo contínuo de informações no dicionário.

Assim sendo, julgamos que, a partir das amostras analisadas nesta pesquisa, nossa hipótese inicial de que a não padronização da rede remissivas nos DE's compromete o fluxo contínuo da informação se confirma, não só por conta da variabilidade dos índices remissivos em uma mesma obra, ou entre uma obra e outra, como também devido aos obstáculos criados pela **CIRCULARIDADE** e pelas **PISTAS FALSAS**, levando ao insucesso na obtenção da informação inicialmente demandada pelo aluno. Além do mais, fica evidente que é necessário zelo, por parte do lexicógrafo, também com a medioestrutura de seu dicionário.

CONCLUSÃO

De acordo com nossa análise, podemos tecer algumas considerações a respeito da medioestrutura dos dois DE's, o Mini Aurélio jr. (2005) e o Mini Houaiss (2004).

Levando-se em consideração a nossa hipótese básica de que a falta de sistematicidade nas remissões e a má qualidade das definições acabam gerando problemas no ato da consulta do aluno/consulente, podemos afirmar que os dados coletados confirmam essa premissa, tendo em vista que em diversos verbetes tanto do MAu05 quanto do MHou04, constatamos a presença de índices de remissão diferentes. Tal variação, a nosso ver, dificulta o rápido acesso à informação, pois alguns índices remissivos não são descritos como tal, nos textos iniciais dos dois DE's.

Desta forma, entendemos que seja necessário um maior cuidado por parte do lexicógrafo em relação à medioestrutura do dicionário, uma vez que as remissivas refletem não só a teia de informações formada pela relação entre os diferentes artigos léxicos de mesmo campo semântico, como também as referências aos textos externos. Caso não haja o claro entendimento acerca dos índices remissivos do dicionário, compromete-se o fluxo da informação ao longo do dicionário.

Este fato por si só não seria suficiente para atestar a dificuldade na consulta aos dicionários, no entanto como estes índices aparecem ao longo da medioestrutura dos dicionários em questão, é importante que sejam especificados previamente nos textos iniciais que compõem a obra. Exatamente o contrário do que ocorre no MAu05 e no MHou04, sendo, este último um pouco menos negligente a esse respeito.

Além da falta de uma explicação prévia sobre o uso dos diferentes índices remissivos, pois nos dois DE's analisados só se faz referência a um tipo de índice, há que se destacar também o não esclarecimento dos mecanismos de remissão obrigatória, no caso,

principalmente, de definição por sinonímia, visto que pode gerar dúvida ao aluno/consulente.

Todavia, o mais grave em relação à organização medioestrutural nos dois dicionários, refere-se às **PISTAS FALSAS**, que são as ocorrências em que o verbete para o qual o aluno/consulente é direcionado não consta na macroestrutura do dicionário. Infelizmente, pelo que percebemos com base nos dados que foram analisados é que a pista falsa é muito mais comum ao longo das duas obras em estudo do que poderia ser aceitável, tendo em vista que o fato de um usuário buscar uma palavra e não encontrá-la constitui enorme frustração, pois quebra o fluxo da informação inicialmente pretendida.

Além disso, há ainda a **CIRCULARIDADE** que reflete a não progressão das informações ao longo dos DE's, pois a motivação maior de qualquer aluno/consulente ao consultar um dicionário é a busca por informações novas. Ao invés disso, algumas remissões “devolvem” o usuário ao ponto de partida sem esclarecer a sua dúvida. No nosso ponto de vista, a **CIRCULARIDADE** juntamente com as **PISTAS FALSAS** constituem as duas maiores deficiências, que a medioestrutura de um dicionário pode apresentar, sobretudo os escolares.

Assim sendo, com base em nossas análises não podemos afirmar cabalmente qual dos dois dicionários é o “melhor”, nem foi esse o objetivo de nosso estudo, mas é possível apontar algumas falhas, que talvez por conta de pressões de mercado ou por conta mesmo de um constante aperfeiçoamento precisam ser, se não totalmente eliminadas, pelo menos reduzidas a um nível aceitável, prejudicando o mínimo possível aquele a quem o dicionário se destina, o estudante.

Além do mais, é importante também que o MEC (Ministério da Educação) leve em conta a análise da medioestrutura como um dos critérios para atestar a qualidade dos dicionários que serão distribuídos para alunos das escolas públicas brasileiras, pois, certamente, os lexicógrafos lançarão um olhar muito mais atento ao estudo da medioestrutura dos dicionários escolares. Portanto, nossa pesquisa cumpre a função ainda de ser motivadora para outras

que busquem avaliar a eficácia das remissivas em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como as semelhanças e diferenças entre as remissivas e os *links*, nos hipertextos, estabelecendo-se, assim, uma interface entre os estudos lexicográficos e os estudos sobre o hipertexto.

REFERÊNCIAS

AHUMADA, Lara. **Aspectos de Lexicografia Teórica**. Granada: Universidade de Granada, 1989.

AL-KASIMI, Ali M. **Linguistics and Bilingual Dictionaries**. Leiden: Brill, 1977.

AMARAL, Vera L. **Análise Crítica de Dicionários Escolares Bilingües Espanhol-Português: uma Reflexão Teórica e Prática**. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) – Centro de Humanidades – Universidade Estadual de São Paulo, Assis, 1995.

ARROYO, Cristina Gelpí. El Estado Actual de la Lexicografía: los Nuevos Dicionarios. In.: GUERRA, Antonia M. Medina (Coord.) **Lexicografía Española**. 1ª Ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2003, p. 307-332

ASSAD, Claudia. A Sinonímia no Dicionário. In.: **Caderno Seminal Digital – Vol 1 – Nº 2 – 1**. (Jul/Dez-2004). Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004, p. 17-29

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: Objeto, Métodos, Campos de Atuação e de Cooperação. **Anais do XXXIX Seminário do GEL**. Franca: UNIFRAN, 1991, p. 182-189.

_____. **Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo**. São Paulo: Plêiade, 1995.

BÉJOINT, Henri. **Modern Lexicography: an Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

BENDIX, E. H. **Componential Analysis of General Vocabulary: the Semantic Structure of a Set of Verbs in English, Hindi and Japanese**. Mouton: The Hague, 1966.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A Estrutura do Léxico. In: **Estudos de Filologia e Lingüística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T. A. queiroz/Edusp, 1981, p. 138.

_____, Maria Tereza Camargo. Os Dicionários na Contemporaneidade: Arquitetura, Métodos e Técnicas. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (vol. 1)** Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p. 129-142.

_____. **Dicionários do Português: da Tradição à Contemporaneidade**. Araraquara: Alfa v. 47, n. 1, 2003, p. 53-69.

_____, Maria Tereza Camargo. **Teoria Lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)**. 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARBALLO, M^a. Auxiliadora Castillo. La Macroestructura del Diccionario. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 79-102

CASARES, J. **Novíssimo Diccionario Inglés-Español, Español-Inglés**. Madrid: Saturnino Calleja, 1992.

CUNHA, Celso Ferreira. **Gramática da língua portuguesa**. 11^a ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

DANTAS, Halysson Oliveira. **O Uso do Dicionário em Sala de Aula: uma Análise Lexicológica e Lexicográfica**. 2008. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Centro de Educação. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

DAMIM, Cristina. **Proposição de Critérios Metalexográficos para Avaliação do Dicionário Escolar**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DIAB, Turki. **Pedagogical Lexicography: a Case Study of Arab Nurses as Dictionary Users**. Tübingen: Niemeyer, 1990.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira; LIMA, Maria Claudete. **Classes e Categorias em Português**. 2^a ed. rev. e ampl. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

ESCRIBANO, Cecílio Garriga. La Microestructura del Diccionario: las Informaciones Lexicográficas. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 103-126

FARIAS, Emília Maria Peixoto. **Breve História do Fazer Lexicográfico**. Paraná: Revista TRAMA. N^o 5, v. 3, Unioeste, 2007, p.89-97.

FERNÁNDEZ, Dolores Azorín. La Lexicografía como Disciplina Lingüística. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 31-52

GARCIA, Othon Moacyr. **Comunicação em Prosa Moderna: Aprender a Escrever, Aprendendo a Pensar**. 17. Ed. (reimp.), Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GUERRA, A. M. M. La Microestructura del Diccionario: la Definición. In: Guerra, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 126-150

HAENSCH, Günter. Tipología de las Obras Lexicográficas. In.: Haensch, G. Et al. (Eds.), 1982, p. 95-187.

HARTMANN, R. R. K. Case Study: the Exeter University Survey of Dictionary Use. In.: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) **Thematic Network Project in the Area of**

Languages. Sub-project 9: Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, 1999. Disponível em: <<http://www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.pdf>> Acesso em: 18/10/2008.

_____. **Teaching and Researching Lexicography**. Essex: Longman, 2001.

HATHERALL, Glyn. Studying Dictionary Use: Some Findings and Proposals. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.), **LEXeter'83 Proceedings**. Tübingen: Niemeyer, 1984, p. 183-189.

HAUSMANN, Franz J. Lexikographie. In.: SCHWARZE, C.; WÜNDERLICH, D. (Eds.), **Handbuch der Lexikologie**. Athenäum: Königstein/TS, 1985, p. 367-411

HERNÁNDEZ, Humberto. **Los Diccionarios de Orientación Escolar: Contribución al Estudio de la Lexicografía Monolingüe**. Tübingen: Niemeyer, 1989.

_____. El Diccionario en la Enseñanza de E.L.E. (diccionarios de español para extranjeros). In: **Actas del XI Congreso Internacional de ASELE**. Zaragoza, 2000.

HUMBLÉ, P. O Discurso do Dicionário. In: COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; CABRAL, Leonor Scliar. (Orgs.). **Desvendando discursos: Conceitos Básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 318-344.

IZQUIERDO, Narciso Miguel Contreras. La Terminología en los Diccionarios de Aprendizaje del Español. In.: ZORRAQUINO, María Antonia Martín; PELEGRÍN, Cristina Díez (Orgs.). **Qué Español Enseñar? Norma y Variación Lingüísticas en la Enseñanza del Español a Extranjeros**. Zaragoza: Actas del XI Congreso Internacional de ASELE, 2000. pp. 273-280

JORNAL DO MEC. Órgão Oficial do Ministério da Educação Ano IX, n. 11. Brasília - DF, junho/julho de 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Alguns Problemas de Definição Lexicográfica. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 54, p. 64-80, dezembro, 1983.

_____. A Interface Semiótica/Terminológica no Dicionário Jurídico-Ambiental TERMISUL. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia (vol. 1)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. pp. 223-234.

_____. Políticas Públicas e Dicionários para Escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu Impacto Sobre a Lexicografia Didática. In: XATARA, C.; HUMBLÉ, P. (Orgs.), **Cadernos de Tradução (vol. 18)**. Florianópolis: Publicação semestral da Pós-Graduação em estudos da Tradução – PGET da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006, p. 235-252

LANDAU, Sidney. **Dictionaries: the Art and Craft of Lexicography**. Cambridge: CUP, 2001.

MALKIEL, Yakov. A Typological Classification of Dictionaries on the Basis of Distinctive Features. In: HAOSSEHOLDER, F.; SAPORTA, S. (Ed.), 1962, p. 3-24.

MARTÍN, María del Carmem Ávila. **El Diccionario en el Aula: sobre los Diccionarios Escolares Destinados a la Enseñanza y Aprendizaje del Español como Lengua Materna**. Granada: Ed. Universidad de Granada, 2000.

MATEUS, H. M.; VILLALVA, A. **O Essencial sobre Lingüística**. Lisboa: Caminho, 2006.

MILLER, George A.; GILDEA, Patrícia M. How to Mistead a Dictionary. ***AILA Bulletin***, Last Issue: p. 13-26, 1984.

NESI, Hilary. The specification of dictionary reference skills in higher education. In: Hartmann, R. R. K. (Ed.) **Thematic Network Project in the Area of Languages. Sub-projeto 9: Dictionaries. Dictionaries in Language Learning**, 1999. Disponível em: <<http://www.fu-berlin.de/elc/tnpl/SP9dossier.pdf>> Acesso em: 07/06/2008.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 2002.

PONTES, A. L. **Aspectos do Ensino de Vocabulário**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

_____, A. L. **Estudo de Quatro Dicionários Monolíngües para Estrangeiros**. Projeto de Pesquisa do Colegiado de Letras. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007.

POTTIER, B. **Lingüística Geral: Teoria e Descrição**. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REY, Alain. **Le Lexique: Images et Modèles. Du Dictionnaire à la Lexicologie**. Paris: Colin, 1977.

SOARES, Leda Saraiva. Técnica do Manuseio do Dicionário e Enriquecimento do Vocabulário. In: Leffa, Wilson J. (Org.) **As palavras e sua companhia - "o léxico na aprendizagem"**. Pelotas: ALAB, 2000.

SOUSA, José Martinez de. **Diccionario de Lexicografía Práctica**. Barcelona: BIBLIOGRAF, 1992.

SOUTO, Mar Campos; PASCUAL, José Ignacio Pérez. El Diccionario y Otros Productos Lexicográficos. In: GUERRA, A. M. M. (Coord.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 53-78.

TONO, Yukio. **On the Dictionary User's Reference Skill**. "B. Ed. Dissertation", Tokio Gakugei University, Tóquio, 1984. Disponível em: <<http://leo.meikai.ac.jp/~tono/user~study/bed1984.html>> Acesso em: 10/08/2008.

WIEGAND, Herbert E. On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography. In: HARTMANN, R. R. K. (ed.), **LEX'eter, 83 Proceedings. Papers from the International Conference on Lexicography at Exeter, 9-12 September 1983**. Tübingen: Niemeyer, 1984, p. 13-30.

_____. Fragen zur Grammatik in Wörterbuchbenutzungsprotokollen. Ein zur empirischen Erforschung der Benutzung Einsprachiger Wörterbücher. In: BERGENHOLTZ, H & MUGDAN, J. (Eds.) **Lexicografie und Grammatik**. Tübingen: Niemeyer, 17-100, 1985.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma Pequena Introdução à Lexicografia**. 2ª ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. **O Uso de Dicionários: Panorama Geral das Pesquisas Empíricas**. Brasília: Thesaurus, 2006.

WINGATE, Ursula. **The Effectiveness of Diferent Learner's dictionaries: An Investigation into the Use of Dictionaries for Reading Comprehension by Intermediate Learners of German**. Tübingen: Niemeyer, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1: ARTIGOS LÉXICOS CORRESPONDENTES AOS SUBSTANTIVOS

Microestrutura do verbete BASE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma(s) definicional(is) + lexia(s) complexa(s) + remissiva + lexia complexa + abonação
<p>Ba.se <i>subst. fem.</i> 1. Tudo quanto serve de fundamento ou apoio. 2. Parte inferior onde alguma coisa repousa ou se apóia. 3. Parte inferior de coluna, pilar, etc. 4. Origem, fundamento. 5. Preparo intelectual. 6. Ingrediente ou substância principal de uma mistura. 7. Conjunto de construções e instalações militares destinadas a prestar apoio às unidades que operam em determinada área. 8. <i>Eletrôn.</i> Estreita região entre o emissor e o coletor, num transmissor bipolar. 9. <i>Gram.</i> Radical (5). 10. <i>Mat.</i> Num sistema de logaritmos, o número constante que, elevado ao logaritmo de outro, reproduz este outro. 11. <i>Quím.</i> Substância que reage com um ácido para dar um sal, que se dissocia em água formando íons hidroxila (HO), que é capaz de aceitar um próton e que pode doar um par de elétrons. ♦ Base de dados. <i>Inform.</i> Banco de dados (1). Base espacial. Centro de lançamento de foguetes e satélites. Base ortonormal. V. <i>ortonormal.</i> Tremer nas bases. 1. <i>Bras.</i> Sentir-se seriamente ameaçado; ter muito medo. 2. Ficar fortemente impressionado: <i>Ao ver a beleza da moça, tremeu nas bases.</i></p>
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 131

Microestrutura do verbete APOIO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma(s) definicional(is)
A.poi.o <i>subst. masc.</i> 1. Tudo o que serve de sustentáculo ou suporte. 2. Auxílio, socorro. 3. Aprovação; aplauso
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 90

Microestrutura do verbete SUSTENTÁCULO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional
Sus.ten.tá.cu.lo <i>subst. masc.</i> Aquilo que sustenta ou sustém; sustentáculo.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 828

Microestrutura do verbete FUNDAMENTO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + abonação + paradigma definicional 2 + paradigma definicional 3
Fun.da.men.to <i>subst. masc.</i> 1. Base, alicerce: <i>os fundamentos de uma construção.</i> 2. Conjunto de razões em que se funda uma tese, ponto de vista, etc; base, apoio. 3. Razão, motivo.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 442

Microestrutura do verbete BASE

Microestrutura abstrata: Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma(s) definicional(is) + abonações + marcas de uso + lexia(s) complexa(s) + categoria gramatical + paradigma(s) definicional(is)

Ba.se *s.f.* **1.** aquilo que serve de apoio ou sustentação. **2.** QUÍM. Substância que reage com ácidos, formando um sal. **3.** a parte inferior de alguma coisa <a b. da montanha> **4.** ORIGEM, princípio <a b. da nova teoria> **5.** central de apoio militar <b. aérea> <b. naval> **6.** primeira camada que cobre uma superfície sobre a qual se aplica(m) outra(s) de acabamento **7.** ingrediente principal de uma mistura **8.** conjunto de militantes de partido ou sindicato → mais us. no pl. **9.** em potência matemática, número que fica abaixo do expoente **10.** GEOM. Lado ou face de uma figura geométrica sobre a qual ela se apóia ■ **b. de dados** *loc. subst.* banco de dados ■ **b. espacial** *loc. subst.* centro de lançamento de foguetes e satélites ■ **b. vetorial** *loc. subst.* MAT. conjunto de vetores linearmente independentes que gera um dado espaço vetorial.

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 92

Microestrutura do verbete APOIO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + pronúncia + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + exemplo + paradigma definicional 2 + remissiva + paradigma definicional 3 + exemplo + remissiva
A.poi.o \ô\ s.m. 1. o que serve para sustentar; suporte <sem a.adequado, a mesa cairá> 2. ajuda, amparo ↴ abandono 3. aprovação <o diretor deu total a. à iniciativa dos alunos> ↴ rejeição.
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 53

Microestrutura do verbete ABANDONO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + pronúncia + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + remissiva + paradigma definicional 2 + remissiva + paradigma definicional 3 + remissiva + informação Gramatical + paradigma definicional 4 + exemplo
A.ban.do.no \ô\ s.m. 1. partida sem a intenção de volta ↴ permanência. 2. desistência ↴ insistência 3. falta de persistência
Microestrutura do verbete PROTEÇÃO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + informação gramatical + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + exemplo + exemplo + paradigma definicional 2 + exemplo + paradigma definicional 3 + exemplo + paradigma definicional 4 + exemplo + paradigma definicional 5 + exemplo
Pro.te.ção [pl.: ões] s.f. 1. cuidado com algo ou alguém mais fraco; amparo, apoio <p. aos idosos> <p. às terras indígenas> 2. o que serve para abrigar <precisam de uma p. contra a chuva> 3. defesa <p. contra raios ultravioletas> 4. tratamento privilegiado que alguém recebe; favoritismo <gozava de p. na escola porque tirava boas notas> 5. revestimento, invólucro <não tire ainda a p. do CD>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 603

Microestrutura do verbete GÊNESE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2
Gê.ne.se <i>subst. fem.</i> 1. Formação dos seres, desde uma origem. 2. Formação, constituição.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete GENÉTICA
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + marca de uso + paradigma definicional
Ge.né.ti.ca <i>subst. fem. Ciências naturais</i> Ramo da Biologia que estuda as leis de transmissão dos caracteres hereditários dos indivíduos.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete GENÓTIPO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + marca de uso + paradigma definicional + remissiva
Ge.nó.ti.po <i>subst. masc. Ciências Naturais.</i> A composição genética de um organismo. [Cf. <i>fenótipo</i>]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete GÊNESE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + abonação + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 3 + informação gramatical + remissiva 1 + remissiva 2
<p>Gê.ne.se <i>s.f.</i> 1. ORIGEM e desenvolvimento dos seres 2. <i>p. ext.</i> conjunto de fatos ou elementos que contribuem para produzir algo <g. <i>do grafismo</i>> ■</p> <p><i>s.m.</i> 3. o primeiro livro da Bíblia, em que se acha descrita a criação do mundo → inicial maiúsc. ~</p> <p>genesíaco <i>adj.</i> – genésico <i>adj.</i></p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 368

Microestrutura do verbete GENÉTICA
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional + remissiva
<p>Ge.né.ti.ca <i>s.f.</i> ciência que estuda a hereditariedade, bem como a estrutura e as funções dos genes ~</p> <p>geneticista <i>adj.2g.s.2g.</i></p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 368

Microestrutura do verbete GENE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional
<p>Ge.ne <i>s.m.</i> unidade hereditária e genética do cromossomo que determina as características físicas funcionais de um indivíduo.</p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 368

Microestrutura do verbete GENÓTIPO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + marca de uso + paradigma definicional
Ge.nó.ti.po s.m. BIO composição genética de um indivíduo.
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 369

Microestrutura do verbete FENÓTIPO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + marca de uso + paradigma definicional + remissiva
Fe.nó.ti.po s.m. BIO conjunto das características de um indivíduo, determinado pela interação do seu <i>genótipo</i> com o ambiente ~ fenotípico adj.
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 338

Microestrutura do verbete RASTRO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + remissiva
Ras.tro <i>subst. masc.</i> Veja <i>vestígio</i> (1 e 2).
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 732

Microestrutura do verbete VESTÍGIO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2
Ves.tí.gi:o <i>subst. masc.</i> 1. Sinal que homem ou animal deixa com os pés por onde passa; rasto, rastro, pegada. 2. Indício, sinal; rasto, rastro.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 895

Microestrutura do verbete FRUTO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + marca de uso + paradigma definicional 1 + remissiva + paradigma definicional 2 + paradigma definicional 3 + paradigma definicional 4 + paradigma definicional 5 + paradigma definicional 6 + lexia complexa
Fru.to <i>subst. masc.</i> 1. <i>Ciências naturais</i> Órgão gerado pelos vegetais floríferos, e que conduz a semente. Resulta do desenvolvimento do ovário em seguida à fecundação. [Sinônimo: <i>carpo</i>] 2. Fruta. 3. Filho; prole. 4. Resultado, consequência. 5. Proveito. 6. Renda, lucro. ♦ Frutos do mar. Animais marinhos (crustáceos e moluscos) usados na alimentação humana.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 440

Microestrutura do verbete GENEROSIDADE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva
Ge.ne.ro.si.da.de <i>subst. fem.</i> 1. Qualidade de generoso. 2. Ação generosa. [Antônimo: <i>mesquinhez.</i>]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete RASTO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + remissiva + lexia complexa
Ras.to <i>subst. masc.</i> Veja <i>vestígio</i> (1 e 2). ♦ De rastos. Rastejando, arrastando-se.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 732

Microestrutura do verbete RASTRO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + marca de uso + paradigma definicional 2 + lexia complexa + categoria gramatical
Ras.tro ou ras.to <i>s.m.</i> 1. vestígio deixado por pessoa ou animal no seu caminho 2. <i>fig.</i> indício, pista ■ de rastros <i>loc. adv.</i> arrastando-se pelo chão. .
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 623

Microestrutura do verbete RASTO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + remissiva
Ras.to <i>s.m.</i> → RASTRO
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 623

Microestrutura do verbete VESTÍGIO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + marca de uso + paradigma definicional 2 + abonação + marca de uso + paradigma definicional 3 + abonação
Ves.tí.gio <i>s.m.</i> 1. rastro, pegada 2. <i>fig.</i> sinal, indício <sumiu sem deixar v.> 3. <i>fig.</i> o que restou de algo destruído ou desaparecido <v. de uma antiga civilização>.
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 758

Microestrutura do verbete FRUTO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + marca de uso + paradigma definicional 3 + marca de uso + paradigma definicional 4 + gênero + paradigma definicional 1 + remissiva + paradigma definicional 2 + abonação + remissiva + paradigma definicional 3 + abonação
Microestrutura do verbete GENEROSIDADE
Fruto <i>s.m.</i> 1. órgão gerado pelos vegetais Ge.ne.ro.si.da.de <i>s.f.</i> F. virtude daquele que que produzem flor, e que contém as sementes se dispõe a sacrificar os próprios interesses 2. fruta 3. <i>fig.</i> filho, cria 4. <i>fig.</i> resultado final em benefício de outros; magnanimidade ↴ de um trabalho, produto de algum esforço <o egoísmo 2. ato de bondade <teve a g. de sucesso era f. de sua dedicação> <ocorreu a valhinha> ↴ maldade 3. atitude de
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 356
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 368

ANEXO 2: ARTIGOS LÉXICOS CORRESPONDENTES AOS ADJETIVOS.

Microestrutura do verbete GENÉTICO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + paradigma definicional 3
Ge.né.ti.co <i>adj.</i> 1. Relativo a gênese ou geração; genésico. 2. Relativo aos genes e sua função ou atuação. 3. Relativo à genética.
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete GÊNÉSICO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + remissiva
Ge.né.si.co <i>adj.</i> Genético (1).
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 452

Microestrutura do verbete GENÉTICO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2
Ge.né.ti.co <i>adj.</i> 1. relativo a gênese 2. relativo a genética e a gene.
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 368

Microestrutura do verbete MEDÍOCRE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva
Me.dí.o.cre <i>adj.</i> 2 <i>gên.</i> 1. Que não é bom nem mau. 2. Sem relevo; vulgar. [Sinônimo geral: <i>mediano</i>]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 576

Microestrutura do verbete MEDIANO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva
Me.di.a.no <i>adj.</i> 1. Que está no meio, ou entre dois extremos; médio. 2. Meão (2). 3. Veja <i>mediocre: Sua prova foi mediana.</i>
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 575

Microestrutura do verbete INÓSPITO
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva
I.nós.pi.to <i>adj.</i> 1. Sem condições para hospedar. 2. Em que não se pode viver. [antônimo: <i>hospitaleiro</i>]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 504

Microestrutura do verbete MEDÍOCRE
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + abonação + marca de uso + paradigma definicional 2 + abonação + remissiva 1 + remissiva 2 + remissiva 3
Me.dí.o.cre <i>adj.2g.s.2g.</i> 1. (o) que é de qualidade média <condição m.> 2. <i>pej.</i> (o) que tem pouco mérito <texto m.> ↴ extraordinário ~ mediocridade <i>s.f.</i> – mediocrizar <i>v.t. e pron.</i>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 486

Microestrutura do verbete MEDIANO

Microestrutura abstrata: Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional + abonação 1 + abonação 2 + remissiva

Me.dia.no *adj.* que se situa entre dois
extremos <*aluno m.*> <*pessoa de virtudes*
m.> ~ **mediana** *s.f.*

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 486

Microestrutura do verbete INÓSPITO

Microestrutura abstrata: Palavra-entrada + categoria gramatical + flexão de gênero + paradigma definicional 1 + remissiva + paradigma definicional 2 + abonação

I.nós.pi.to *adj.* **1.** que acolhe mal ↴
acolhedor **2.** em que não se pode viver;
inabitável <*clima i.*>

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 418

ANEXO 3: ARTIGOS LÉXICOS CORRESPONDENTES AOS VERBOS

Microestrutura do verbete RASTREAR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + regência + remissiva 1 + remissiva 2
Ras.tre.ar verbo trans. dir. e intrans. Veja <i>rastejar</i> . [Conjugação: <i>frear</i>]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa . Curitiba: Positivo, 2005. p. 732

Microestrutura do verbete MEDIAR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + regência + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva
Me.di.ar verbo trans. dir. 1. Dividir ao meio.
Microestrutura do verbete MEDIR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + regência + paradigma definicional 1 + abonação + paradigma definicional 2 + paradigma definicional 3 + abonação + paradigma definicional 4 + paradigma definicional 5 + paradigma definicional 6 + regência + paradigma definicional 7 + regência + paradigma definicional 8 + paradigma de conjugação verbal
Me.dir verbo trans. dir. 1. Determinar ou verificar, tendo por base uma escala fixa, a extensão, medida ou grandeza de: <i>medir um terreno</i> . 2. Ser a medida de. 3. Refrear, moderar: <i>medir o que fala</i> . 4. Avaliar, calcular. 5. Pesar (2). 6. Contar as sílabas métricas de. <i>Trans.</i> 7. Ter a extensão, comprimento altura de. <i>Pronominal</i> 8. Competir; bater-se. [Irregular. Conjugação – presente do indicativo: <i>meço, medes, mede, medimos, medis, medem</i> ; pretérito perfeito: <i>medi, mediste, mediu, medimos, medistes, mediram</i> ; futuro do presente: <i>medirei, medirás, medirá, mediremos, medireis, medirão</i> .]
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa . Curitiba: Positivo, 2005. p. 576

Microestrutura do verbete NOTIFICAR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + regência + paradigma definicional 1 + abonação + regência + paradigma definicional 2 + remissiva
<p>No.ti.fi.car <i>verbo trans. dir.</i> 1. Dar ciência ou notícia a; inteirar: <i>notificar um acontecimento.</i></p> <p><i>Trans. dir. e indir.</i> 2. Participar a (alguém) uma ordem judicial, para fazer ou não fazer algo. [Conjugação: <i>trancar</i>]</p>
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005. p. 617

Microestrutura do verbete RASTREAR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + remissiva 1 + regência + paradigma definicional + remissiva 2 + remissiva 3
<p>Ras.tre.ar <i>v.</i> {mod.5} t.d. seguir o rastro, a pista de; caçar, rastejar ~ rastreamento <i>s.m.</i></p> <p>– rastreio <i>s.m.</i></p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 623

Microestrutura do verbete NOTIFICAR

Microestrutura abstrata: Palavra-entrada + categoria gramatical + remissiva 1 + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + regência + paradigma definicional 3 + remissiva 2 + remissiva 3 + remissiva 4

No.ti.fi.car *v.* {mod.1.} **1.** intimar **2.**
comunicar, informar *t.d. e t.d.i.* **3.** (prep. *de*)
fazer tomar conhecimento de (notícia,
informe, ordem judicial etc.); comunicar ~
notificação *s.f.* – **notificador** *adj.s.m.* –
notificativo *adj.*

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 522

Microestrutura do verbete MEDIR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + remissiva 1 + regência + paradigma definicional 1 + regência + paradigma definicional 2 + marca de uso + paradigma definicional 3 + abonação + paradigma definicional 4 + paradigma definicional 5 + marca de uso + paradigma definicional 6 + remissiva 2 + paradigma definicional 7 + marca de uso + regência + paradigma definicional 8 + remissiva 3 + remissiva 4
<p>Me.dir <i>v.</i> {mod. 28} <i>t.d. e int.</i> 1. avaliar, determinar tamanho, peso etc. de (algo)com instrumento ou utensílio próprio ou algo us. como padrão; mensurar □ <i>t.d.</i> 2. ter por medida (certa extensão, altura etc.) 3. <i>p.ext.</i> servir de medida para <seu rubor media bem seu embaraço> 4. contar as sílabas de (verso); escandir 5. avaliar a importância, o efeito de; ponderar, pesar 6. <i>fig.</i> usar com moderação; refrear, conter ↵ liberar 7. <i>fig.</i> aferir por testes; avaliar □ <i>pron.</i> 8. (<i>prep. com</i>) entrar em competição com; rivalizar ~ medição <i>s.f.</i> – medidor <i>adj.s.m.</i></p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. pp. 486-487

Microestrutura do verbete MEDIAR
<i>Microestrutura abstrata:</i> Palavra-entrada + categoria gramatical + remissiva 1 + regência + paradigma definicional 1 + paradigma definicional 2 + remissiva 2 + remissiva 2
<p>Me.di.ar <i>v.</i>{mod.5}<i>t.d.</i> 1. repartir em duas partes iguais; mear 2. intervir na qualidade de mediador ~ mediação <i>s.f.</i></p>
Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev.e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 92

ANEXO 4: TEXTOS INICIAIS DO MAu05.

As **palavras-guia**, no alto de cada página, à esquerda e à direita, registram o primeiro e o último verbetes nela inseridos. Esse recurso, por delimitar com exatidão a abrangência dos verbetes contidos naquela página, em rigorosa ordem alfabética, possibilita a localização exata da palavra a ser consultada.

Os **exemplos**, criados pelo autor, ilustram e explicam algumas definições. Vêm sempre em itálico, após dois-pontos.

A **regência** acompanha o verbo, indicando a categoria do verbo.

A **rubrica**, em itálico, indica a área do conhecimento em que a palavra é usada com tal significado. As áreas podem ser *Ciências naturais*, *Matemática*, *Geografia*, entre outras. A rubrica também pode referir-se ao tipo de uso, como *gíria*, *figurado*, *depreciativo*, etc. Pode ainda especificar uma região geográfica, no caso dos regionalismos, por exemplo, *Brasileirismo*, *Minas Gerais* e *Sergipe*.

A **remissiva**, que pode ser total ou complementar, é identificada pela palavra **Veja**, seguida por outra palavra em itálico. O leitor deve então procurar essa palavra no dicionário, pois ela trará uma definição com o significado semelhante ou complementar ao do verbo que havia sido originalmente consultado.

CD-ROM
CD-ROM (cedê-rom) *Tecnologia* Tipo de CD que contém sons, imagens e textos.
Ce *Ciências naturais* Símbolo de cério.
ce *subst. masc.* A letra c.
ce.ar *verbo trans. dir.* 1. Comer à noite, na hora da ceia: *Ceamos uma sopa leve.* *Intrans.* 2. Comer à ceia. [Conjugação: *frear*.]
cis.car *verbo trans. dir.* 1. Limpar de cisco, gravetos, etc. *Intrans.* 2. *Brasileirismo* Esgaravatar o solo (a galinha e outras aves) em busca de alimentos. [Conjugação: *trancar*.]
cis.co *subst. masc.* 1. Pó; argueiro. 2. Lixo, varredura.
cis.ma *subst. masc.* 1. Separação do corpo e da comunhão de uma religião. • *subst. fem.* 2. Ato de cismar. *Brasileirismo* 3. Teima, obstinação. 4. Desconfiança, suspeita.
cis.ma.do *adj.* Que tem cisma; desconfiado, prevenido.
cis.mar *verbo intrans.* 1. Ficar absorto em pensamentos. 2. Andar preocupado. *Trans. indir.* 3. Pensar com insistência: *Há dias vem cismando nesta situação.* 4. Teimar em fazer (algo): *Cismou de viajar.* 5. *Brasileirismo* Desconfiar ou suspeitar. 6. *Brasileirismo* Antipatizar. *Trans. dir.* 7. Convencer-se de (algo).
ci.ta.ção *subst. fem.* 1. Ato de citar ou o resultado deste ato: *Usou uma citação da Bíblia.* 2. Texto citado: *'Nenhum homem é uma ilha' é citação de um poema de John Donne [poeta inglês].*
ci.ta.di.no *adj.* 1. Que mora numa cidade. • *subst. masc.* 2. Indivíduo citadino.
ci.ta.ra *subst. fem.* *Artes* Instrumento de cordas dedilháveis, desprovido de braço, que lembra a lira grega antiga.
ci.to.lo.gi.a *subst. fem.* *Ciências naturais* Estudo da estrutura e função das células.
ci.to.ló.gi.co *adj.* Da, ou relativo a, ou próprio da citologia.
ci.to.plas.ma *subst. masc.* *Ciências naturais* O protoplasma, excluído o núcleo; contém solução gelatinosa em que ficam imersas as organelas.
cia.ro *adj.* 1. Que alumia; luminoso. 2. Que recebe claridade; iluminado. 3. Transparente (1). 4. Limpido, puro. 5. Bem visível. 6. De cor pouco intensa. 7. Sem nuvens: *O céu está claro.* 8. Diz-se da parte do dia em que o Sol está acima do horizonte. 9. Diz-se de indivíduo branco ou quase branco. 10. Bem audível; alto. 11. Fácil de entender; explícito: *Seu argumento foi claro.* 12. *Veia evidente.* • *subst. masc.* 13. Lugar onde é rarefeito ou inexistente o que, à volta, se encontra em quantidade mais ou menos grande; vazio, lacuna, vão. 14. Espaço interrompido, num trecho escrito, por falta de letras ou linhas. • *adv.* 15. Com clareza;

co.me.ção *subst. fem.* 1. de objetos da mesma qualquer relação em termino principal com de sangue, de pus, ou cavidade normal ou **co.me.ção** *verbo trans.* Dar começo (a); pôs a inventar nome *Braz. Felicidade! Não tem começo: A festa Começar (2) em co. A semana começou a laçar.]*
co.me.co (ê) *subst. m.* to da existência ou e sa; princípio, origem **co.me.mo.ra.ção** *subst.* memorar ou o resu **extensão** Festa ou comemora algo.
co.me.mo.rar *verbo* memória; fazer mem de 1972 **comemorar** de Os Lusíadas. 2. celebrar.
cons.ci.en.te *adj.* 2 ciência (2, 3 e 5). 2. ciência (3 e 4). 3. (4. *Saúde* O conjun psíquicos de que te **con.se.lhei.ro** *adj.* 1. *masc.* 2. Aquelle que de um conselho. 4. honorífico do Impé **con.se.lho** (ê) *subst.* opinião. 2. Advertê so. 3. Corpo consul se reúne para tratar público ou particule **CPU** [Sigla do ing *Unit*] *subst. fem.* processamento.
Cr *Ciências natur* **cra.ca** *subst. fem.* E marinho.
cro.nô.mi.mo *subst.* ou expressão que período histórico, r rio. Exemplos: Qu culo XV); Idad fevereiro.
cross country (*cr masc.* *Esportes* Co em pistas convenci petidores enfrenta durante o percurso

- 168 -

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2005. p. 10-11.

→ **cross country**

claramente. **interj.** 16. Sem dúvida; evidentemente (usa-se para manifestar concordância, compreensão, etc.).

co.le.ção *subst. fem.* 1. Conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. 2. Conjunto determinado de obras, publicadas sob um título principal comum. 3. Saúde Acúmulo de sangue, de pus, ou de outra matéria, numa cavidade normal ou patológica do corpo.

co.me.çar *verbo trans. indir. e trans. dir.* 1. Dar começo (a); principiar, iniciar; [Começou a inventar nomes novos.] (Julio Emilio Braz, *Felicidade Não Tem Cor*) *Intrans.* 2. Ter começo: *A festa já começou.* **Pred.** 3. Começar (2) em certo estado ou condição: *A semana começou chuvosa.* [Conjugação: *laçar.*]

co.me.ço (*ê*) *subst. masc.* O primeiro momento da existência ou da execução de uma coisa; princípio, origem. [Antônimo: *fim.*]

co.me.mo.ra.ção *subst. fem.* 1. Ato de comemorar ou o resultado desse ato. 2. *Por extensão* Festa ou solenidade em que se comemora algo.

co.me.mo.rar *verbo trans. dir.* 1. Trazer à memória; fazer recordar; lembrar: *O ano de 1972 comemorou o quarto centenário de Os Lusíadas.* 2. *Por extensão* Festejar, celebrar.

cons.ci.en.te *adj.* 2 *gên.* 1. Que tem consciência (2, 3 e 5). 2. Que procede com consciência (3 e 4). 3. *Côncio.* **subst. masc.** 4. Saúde O conjunto dos processos e fatos psíquicos de que temos consciência (5).

con.se.lhei.ro *adj.* 1. Que aconselha. **subst. masc.** 2. Aquele que aconselha. 3. Membro de um conselho. 4. *Brasilismo* Título honorífico do Império.

con.se.lho (*ê*) *subst. masc.* 1. Parecer, juízo, opinião. 2. Advertência que se emite; aviso. 3. Corpo consultivo ou deliberativo que se reúne para tratar de assunto de interesse público ou particular: *conselho de ministros.*

CPU [Sigla do inglês *Central Processing Unit.*] *subst. fem.* Veja *unidade central de processamento.*

Cr *ciências naturais* Símbolo de *chroma.*

cr.a.ca *subst. fem.* *Brasilismo* Crustáceo marinho.

cro.nô.ni.mo *subst. masc.* Qualquer palavra ou expressão que designa uma época, um período histórico, uma divisão do calendário. Exemplos: Quatrocentos (isto é, o século XV); Idade Média; domingo, fevereiro.

cross country [*cross 'cantri*] [*inglês*] *subst. masc.* Esportes Corrida que não se realiza em pistas convencionais, e na qual os competidores enfrentam obstáculos naturais durante o percurso.

A **ortoépia** (pronúncia) aparece entre parênteses, logo após a entrada do verbete. Ela esclarece a pronúncia quando o caso pode provocar dúvida (vogal aberta ou fechada, hiato, consoante chiada, estrangeirismo, etc.).

A **achega**, indicada entre colchetes, traz informações adicionais à definição. Pode ser explicativa, comparativa [sinônimos, antônimos, etc.], gramatical [flexões, conjugação verbal, etc.], etc.

A **abonação** é um tipo de exemplo retirado de texto literário, jornal, revista ou letra de música. O texto da **abonação** vem entre aspas. Em seguida, entre parênteses, o nome do autor e o título da obra de onde foi retirada a abonação, em itálico.

Em todo o dicionário, são utilizadas **abreviações**, cuja listagem completa se encontra nas páginas seguintes. Foram evitadas abreviações de uma única letra.

Algumas entradas de verbete são antecedidas por um sinal identificador, de acordo com o caso:

- apresenta símbolo, sigla ou elemento mórfico;
- ➔ indica palavra ou expressão de língua estrangeira (**empréstimos** ou **estrangeirismos**).

A **transcrição fonética** das palavras ou expressões em língua estrangeira vem logo após a entrada desses verbetes, entre parênteses, e representa a pronúncia aproximada dessas palavras ou expressões na língua de origem. Na seqüência, entre colchetes, vem indicada a língua de origem.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2005. p. 12-13.

ANEXO 5: TEXTOS INICIAIS DO MHou04.

Para elucidação, o dicionário por indica o som de vogais tônicas de aberto, não acentuadas com sinal (diacrítico), especialmente no caso de sílabas terminológicas ou quando o acento recai sobre a palavra incidida no caso de pronúncia:

ó s.m. 1 parte de um órgão (...)
ó s.f. antiga arma portátil que arremessaurtas
ter (têr) s.m. tubo ou sonda (...)

O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, nas palavras formadas com o hífen de composição antepositivo (ex.: *antepositivo*); registra como única pronúncia a que ocorre no Brasil. Em tais casos, registramos as pronúncias que hoje se averbaram no Brasil como em Portugal:

go.no \cs, gz ou z/ s.m. GEOM polígono de lados

As transcrições de palavras estrangeiras que fazemos não aparecem no campo, mas no final do verbete (tem 13).

CAMPO DAS INFORMAÇÕES GRAMATICAIS IMEDIATAS

Seguir à ortoépia, o dicionário indica, à cabeça do verbete e entre parênteses, dados gramaticais relativos ao gênero gramatical e feminino.

Os plurais das palavras terminadas em *-x*, *-n* e vocábulos não verbais em *-r* sempre registradas; no caso das palavras terminadas em *-n*, indica-se o plural aceito na língua como um todo e o usado apenas no Brasil (com um B).

ão [pl.: -ões; fem.: -ões] s.m. artista ou profissional que (...)

ti.gre [fem.: *tigresa*] s.m. grande felino asiático de pelo amarelado com listras negras
sax [pl.: *saxes*] s.m. saxofone
hi.fen [pl.: *hifenes*, (B) *hifens*] s.m. sinal [-] us. para unir os elementos de palavras
lí.der [pl.: *líderes*] s.2g. 1 chefe; guia 2 parlamentar (...)
guar.di.ão [pl.: -ões, -ães; fem.: *guardiã*] s.m. 1 indivíduo que defende ou conserva algo (...)
an.ci.ão [pl.: -ões, -ães, -ões; fem.: *anciã*] adj. 1 muito velho (...)

3.1.1 Registra-se o plural, simples ou duplo, das palavras compostas por hífen e também das palavras ou locuções estrangeiras:

sem.pre.vi.va [pl.: *sempre-vivas*] s.f. nome comum dado a flores ornamentais que secam sem murchar
na.vi.o-tan.que [pl.: *navios-tanque* e *navios-tanques*] s.m. navio destinado ao transporte de líquidos, geralmente água ou combustíveis
cur.ri.cu.lum vi.tae [lat.; pl.: *curricula vitae*] loc.subst. documento que reúne os dados pessoais, acadêmicos e profissionais de alguém (...)

3.1.2 Em relação ao plural das palavras estrangeiras e locuções, ele entra na cabeça do verbete, na língua original, como se vê no último exemplo acima. Em casos especiais, damos nesse local o plural em curso no português do Brasil e no campo GRAM/USO informamos o plural utilizado na língua estrangeira, ou vice-versa:

piz.za [it.; pl.: *pizzas*] s.f. 1 massa assada em forma de disco coberta por molhos diversos, fatias de mozzarella, tomate etc. ◊ GRAM/USO pl. em it.: *pizze* ◊ pronuncia-se *pítsa* ◊ acabar em p. loc.us. fig. B *infr.* ficar sem punição (falta ou crime)
blitz [al.] s.f.2n. 1 ataque militar repentino 2 batida policial ◊ GRAM/USO em al., inicial maiúsc. e pl.: *Blitzen* ◊ pronuncia-se *blítz*
mou.se [ing. pl.: *mice*] s.m. INF dispositivo manual que controla a posição do cursor sobre a tela e é capaz de selecionar ícones, opções no menu do programa etc. ◊ GRAM/USO pl. corrente em port. *mouses* ◊ pronuncia-se *maus*

3.2 Registra-se, ainda, a alteração de timbre da tônica nos plurais em que tal fato sucede:

cu.ri.o.so \ð/ [pl.: *curiosos* \ð/] adj.s.m. 1 quem tem vontade de saber (...)

CAMPO DA CLASSE GRAMATICAL

4 No esquema estrutural do verbete, é a **classificação gramatical** da unidade léxica o que se segue a essas informações. Ela vem sempre grafada em itálico e na segunda cor. Acrescentou-se às categorias usuais (substantivo, adjetivo, verbo etc.), a indicação especificada de locução e símbolo:

cur.ri.cu.lum vi.tae [lat.; pl.: *curricula vitae*] loc.subst. documento que reúne os dados pessoais (...)
W 1 símbolo de *warr* 2 símbolo de oeste (na rosa-dos-ventos)

4.1 Nos verbetes de abertura de letras, um triângulo colorido (▲) dá entrada aos símbolos, pelo fato de estes não serem substantivos nem adjetivos, mas de classificação autônoma:

a s.m. 1 primeira letra e primeira vogal do nosso alfabeto (...) ▲ 4 símbolo de *are*

4.2 Em alguns verbetes, as categorias gramaticais podem vir combinadas. Isto ocorre basicamente nos verbetes curtos e especialmente nos puramente remissivos:

a.ca.dê.mi.co adj.s.m. 1 próprio de ou membro de academia ou de universidade (...)
e.fe.mi.na.do adj.s.m. afeminado

4.3 Quando uma aceção ou uma palavra tem dupla classe, como *adjetivo* e como *substantivo*, usou-se frequentemente de parênteses para distinguir a definição adjetiva da do substantivo. O substantivo é o elemento parentético. Veja a acp. 3 a seguir:

po.ei.ra s.f. 1 qualquer substância reduzida a pó muito fino 2 terra seca reduzida a pó ◊ adj.s.m. 3 B (cinema) de baixa categoria

CAMPO DAS DEFINIÇÕES

5 As **aceções** dos verbetes são numeradas seqüencialmente e separadas por um símbolo convencional (■), todas as vezes que se altera o qualificativo da classe gramatical ou quando a classe muda:

se.não conj.altv. 1 do contrário (coma, s. *ficará de castigo*) ◊ conj.advrs. 2 mas (não conseguiu apoio nem aprovação, s. *críticas*) ◊ prep. 3 exceto (todos, s. *você, riram*) ◊ s.m. 4 pequena imperfeição; falha (um teste sem *qualquer*s.)

5.1 Quando não se trata de uma nova aceção, mas sim de uma subaceção do sentido anterior, em vez de um número inteiro, usou-se um decimal:

a.ba.ter v [mod. 8] t.d. 1 fazer cair; derrubar (a *avião inimigo*) 1.1 cortar (a *árvores*) 2 matar (animais) [...]

Nos verbetes de sua nominata, este minidicionário registra as aceções mais utilizadas e com maior expressividade no uso da língua viva.

5.2 Em grande número das aceções que comportam **antonímia**, esta vem indicada, após uma seta reversa (▷) – com o que a definição informada se completa e se fecha na indicação do seu oposto semântico:

ba.bo.sei.ra s.f. dito irrelevante; asneira ▷ *sensatez*

5.3 No caso dos **verbos**, a primeira informação especial que o leitor encontra vem logo após a classe gramatical: um número que remete a um dos 32 paradigmas de conjugação, que o ajudará a conhecer e usar as flexões do verbo da entrada (ver página XLVII).

a.de.quar v [mod. 3]
sen.tir v [mod. 28] (...)

5.8 O dicionário informa também sobre o **nível de uso**, na língua, da palavra, locução ou acepção registrada, ou seja, a faixa linguística de expressão em que é empregada. Eis os níveis de uso averbados neste dicionário:

a) linguagem formal *frm.*:

lá.ba.ro *s.m. frm. bandeira*

b) linguagem informal *infrm.*:

a.gi.to *s.m. B infm.* 1 estado de agitação, de excitação 2 aglomeração ruidosa

c) gíria *gír.*:

ga.ma.do *adj. B gír.* apaixonado

d) os tabuísmos, expressões consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas na maioria dos contextos *gros.*;

por.ra.da *s.f. gros.* 1 pancada, bordoadá 2 grande quantidade

e) linguagem pejorativa *pej.*:

ban.da.lho *s.m. pej.* 1 indivíduo maltrapilho 2 pessoa sem dignidade

f) palavra, locução ou acepção jocosa *joc.*:

e.co.no.mês *s.m. joc.* linguajar técnico dos economistas

g) linguagem infantil *l.inf.*:

do.dói *adj. 2g. l.inf.* 1 acometido por doença ■ *s.m. l.inf.* 2 *infrm.* escoriação, ferida 3 doença

(Por vezes, mais de um nível pode qualificar uma única acepção: por exemplo, *infrm. joc.*)

5.9 Alguns verbetes têm **registro diacrônico** expresso, indicando que a palavra ou determinada acepção sua foi empregada na língua só até o fim do século XIX (*ant.*). São muito poucos os registros do dicionário nessa faixa de vocábulos:

ca.lar *v. [mod. 1] t.d. e int. ant.* mover para baixo, descer [ORIGEM: contrv., talvez do lat.tar. *calāre* 'fazer baixar; abrir']

5.10 O dicionário, em suas **remissões**, não refere números de acepções de outros verbetes. Usa, em lugar disso, uma **minidefinição** da acepção para a qual se remete – síntese curta, geralmente em uma ou duas palavras, entre parênteses e aspas simples –, para que o leitor saiba imediatamente do que se trata ou, desejando, possa ir à definição completa no outro verbete, encontrando-a com facilidade:

fi.na.lís.si.ma *s.f. final* ('última prova')

5.11 O emprego dos parênteses nas definições do dicionário seguiu o seguinte padrão:

a) usados nas palavras que podem ser consideradas ou desconsideradas no texto de uma definição (ver **afiar**, acp. 1, em seguida);

b) usados nos sujeitos e objetos potenciais nos verbos (ver **afiar**, acp. 2 em seguida);

c) usados nas acepções verbais que são objetivas diretas conjuntamente com a voz pronominal, quando o *-se* é indicado parenteticamente (ver **afiar**, acp. 4 em seguida);

d) usado nas acepções verbais que são objetivas diretas, conjuntamente com outras regências, onde o *fazer* interparentético vale pela regência

objetiva direta (ver **acrescer**, acp. 1, em seguida)

e) usado para identificar a partícula que a regência pede (ver **acrescer**, acp. 1, em seguida);

a.fiar *v. [mod. 1] t.d.* 1 tornar (mais) cortante o gume de; amolar 2 tornar fino na ponta; afilar (*a. a. haste da flecha*) 3 tornar (o que se diz) mordaz, ferino □ *t.d. e pron. fig.* 4 tornar(-se) apurado, refinado; aprimorar(-se) (*a. o ouvido*) ~ *afiador* *adj. s.m.*

a.cres.cer *v. [mod. 8] t.d. t.d.i. e mt.* 1 (prep. *de, a*) [fazer] crescer, esp. pela adição de elementos; aumentar □ *t.i. t.d.i. e pron.* 2 (prep. *a*) juntar-se (uma coisa) [a outra]; acrescentar(-se) □ *t.i. mt. e pron.* 3 (prep. *a*) ser condição ou fato complementar a ser considerado (*acresce (a isso) que foi impossível convencê-lo*)

NOTA: todas as vezes que parênteses ocorrem dentro de parênteses ou parênteses são colocados ao lado de outros segmentos também interparentéticos, um par deles torna-se colchetes (ver **acrescer** acp. 1 e 2, aqui acima)

CAMPO DAS OBSERVAÇÕES

6 Este campo, sinalizado por um índice (☞), contém informações que ger. não são da natureza da gramática ou do uso vocabular ou locucional. Eis as suas utilizações neste minidicionário:

a) indicações de maiusculização (ver o item 1.3);

b) indicação, em certas palavras compostas por hífen e locuções, de que existe uma forma reduzida também usada (*tb. se diz apenas*):

li.te.ra.tu.ra *s.f.* 1 arte da utilização estética da linguagem (...) □ *l. de cordel loc.subst.* 1 literatura popular (esp. novelas e poesias), de impressão barata, exposta à venda em cordéis 2 *p.ext.* pequeno livro contendo esse material ☞ *tb. se diz apenas cordel*

c) sugestão de que se confira outro verbete (cf.), por se tratar, por exemplo, de um parônimo, ou por sua definição ter a ver com o verbete que se está consultando etc.:

ab.sol.ver *v. [mod. 8] t.d. e t.d.i.* 1 (prep. *de*) isen. (alguém) [de acusação, crime, pena etc.] □ *denar* □ *t.d. t.d.i. e pron.* 2 (prep. *de*) perdoar, desconsiderando erros passados □ *castigar(-se)* cf. *absorver* ~ *absolvição* *s.f.*

d) remissões à enciclopédia, que faz parte da segunda parte do volume:

plu.tão *s.m.* nome do nono planeta do sist. solar ☞ inicial maiúsc.; cf. *Plutão* na parte enciclopédica

e) no caso dos verbos, informação sobre algum fenômeno morfológico peculiar ligado a determinada acepção (ver 8.1):

f) informação sobre o emprego mais freqüente de uma palavra ou acepção no plural (ver 1.3)

su.i.ça *s.f.* cada uma das faixas de barba mascu. junto à orelha; costeleta ☞ mais us. no pl.

g) indicação da natureza adverbial de certos complementos verbais (ver 5.3.3 NOTAS)

h) remissão de um verbete de elemento químico para a *tabela periódica*:

pa.lá.dio *s.m.* elemento químico metálico, us. diferentes ligas e em trabalhos de joalheria, odontária etc. [símb.: Pd] ☞ cf. *tabela periódica* (no do dicionário)

CAMPO DO PLURAL COM SENTIDO PRÓPRIO

7 Este campo vem englobado no corpo do verbete, antes das locuções, e este triângulo invertido (▼) indica o seu início

Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Organizado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2ª ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 20-21.

ANEXO 6: TEXTOS DOS LIVROS DIDÁTICOS

Com todas as características Mendel repetiu o mesmo procedimento:

O primeiro cruzamento era sempre entre plantas puras, com manifestações diferentes, obtidas a partir de autofecundação. A esta geração inicial damos o nome de **geração parental**;

Os descendentes, chamados de F_1 , que resultavam desse primeiro cruzamento eram cruzados entre si, e a geração seguinte (F_2) analisada.

Para melhor ilustrar, usaremos como exemplo a cor da vagem. Acompanhe o esquema:

P:	plantas com vagem verde	x	planta com vagem amarela
F₁:	100% de plantas com vagem verde		
F₁ x F₁:	plantas com vagem verde	x	plantas com vagem verde
F₂:	75% de plantas com vagem verde e 25% de plantas com vagem amarela		

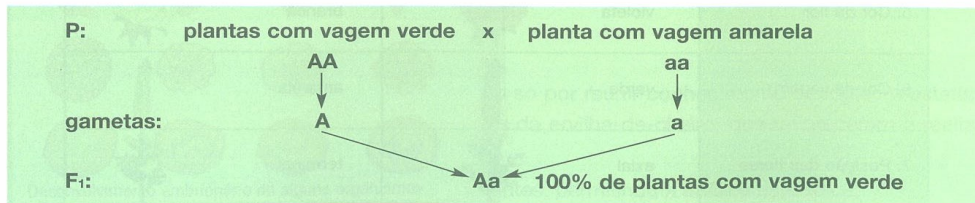
Mendel, observando que os mesmos resultados estatísticos eram obtidos cada vez que repetia o experimento com cada uma das outras seis características, chegou, então, às seguintes conclusões:

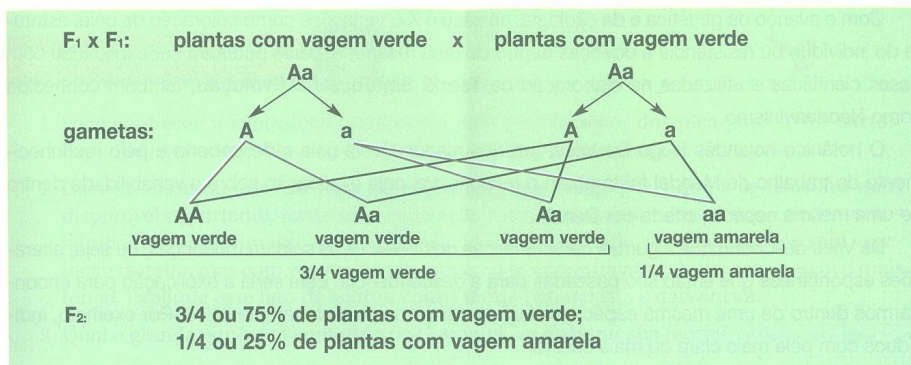
- cada característica é determinada por dois fatores ou elementos (o que hoje chamamos de genes);
- esses fatores não se misturam e passam inalterados para as gerações seguintes;
- existe entre esses fatores uma relação de **dominância**, isto é, embora todo indivíduo tenha dois fatores para cada característica, no caso de os fatores serem diferentes, apenas um deles se manifesta; o fator capaz de se manifestar, mesmo na presença do outro, é chamado de **dominante** e é representado por uma letra maiúscula, enquanto aquele que tem a sua manifestação inibida é chamado de **recessivo** e é representado pela mesma letra, só que minúscula.

*Observação: utilizamos a primeira letra da manifestação recessiva para indicar a característica. Por exemplo, vagem amarela é determinada por um gene recessivo, portanto, usamos **A** para o gene que determina vagem verde e **a** para o gene que determina vagem amarela.*

- os fatores se separam no momento de formação dos gametas. Assim, cada gameta carrega apenas um fator para cada característica;
- o indivíduo que se forma a partir da fecundação (encontro dos gametas) volta a ter dois fatores: um trazido pelo gameta masculino e outro pelo gameta feminino.

Retornando ao exemplo da cor da vagem, vamos chamar de “A” o fator (gene) que determina vagem verde e de “a” o fator que determina vagem amarela; teremos o seguinte:





Mendel morreu sem ver seu talento reconhecido. Ao apresentar o resultado de seus trabalhos, em 1865, para cientistas reunidos na Sociedade de Naturalistas de Brno, pouco interesse despertou na platéia presente. Na realidade, apenas 16 anos após sua morte é que cientistas como Carl Correns e Hugo de Vries chegaram aos mesmos resultados que ele. Inicia-se, então, a estruturação da genética como ciência, e a qualidade de seu trabalho foi, finalmente, reconhecida.

Outros termos utilizados em genética

Informação

Cromossomos homólogos: cromossomos que carregam genes que determinam uma mesma característica;

Genes alelos: são genes localizados em um mesmo *locus* (lugar) só que em cromossomos homólogos;

Indivíduo homocigoto: indivíduo portador de dois genes alelos iguais;

Indivíduo heterocigoto: indivíduo portador de dois genes alelos diferentes;

Fenótipo: manifestação de uma característica determinada geneticamente. Essa manifestação resulta da interação do genótipo com o meio ambiente;

Genótipo: um ou mais pares de genes alelos que determinam uma ou mais características no indivíduo.

TEORIA SINTÉTICA DA EVOLUÇÃO

Informação

Darwin em seu livro *Origem das Espécies* explica que dentro de uma mesma espécie encontramos variações entre os indivíduos e que essas variações são selecionadas (positiva ou negativamente) pelo meio em que vive, levando à sobrevivência do mais apto, ou seja, dos que melhor se adaptam às condições ambientais. O fato de não haver, no entanto, uma explicação satisfatória para o aparecimento de tais variações, abriu espaço para que sua teoria fosse contestada e rejeitada por muitos.

Mãos à obra



Procure em jornais e revistas, mesmo antigos, manchetes de reportagens que cite os termos vistos anteriormente. Anote que notícia lhe chamou mais a atenção e escreva o que você sabe sobre ela.

Resposta pessoal.

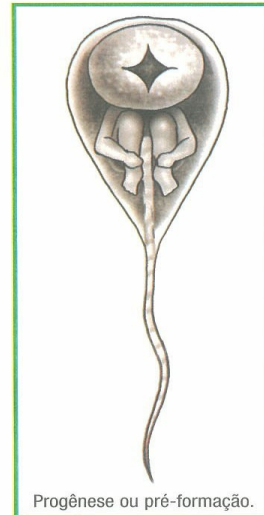
Informação



Desde a Antiguidade o ser humano se preocupa em explicar a semelhança entre pais e filhos.

Muitas foram as hipóteses levantadas para tal semelhança. Hipócrates, médico grego conhecido como pai da medicina, propôs uma explicação que ficou conhecida como **pangênese**: minúsculas cópias dos órgãos do corpo eram transportadas até os óvulos e espermatozoides e transmitidos para os descendentes.

Já a hipótese que foi batizada como **progênese ou pré-formação**, defendia que no interior dos gametas havia homúnculos, miniaturas de seres humanos, que passariam a crescer após a fecundação. Os defensores dessa hipótese se dividiam em spermistas – aqueles que acreditavam que o homúnculo estivesse no espermatozoide e ovistas – aqueles que defendiam que o homúnculo fosse transportado pelo óvulo. Francis Gatton, na Inglaterra, no fim do século XIX, sugeriu que a transmissão dessas características se desse através do sangue dos pais.



Ulisses Cirina

Progênese ou pré-formação.

Mendel e a genética

O caminho para uma teoria que permitisse chegar aos conhecimentos atuais no estudo da **hereditariedade** foram abertos por Gregor Mendel. Filho de camponeses, nascido em 1822, na Áustria, ainda jovem, Mendel ingressou para a Ordem dos Monges Agostinianos, na cidade de Altbrünn, atual Brno, na República Tcheca. Em Viena, aprofundou-se nos estudos das Ciências Naturais e da Matemática. De volta a Brno, como abade do Mosteiro de Santo Tomás, Mendel desenvolveu durante oito anos experimentos com ervilhas-de-cheiro (*Pisum sativum*) associando seus conhecimentos em Biologia com um minucioso estudo estatístico dos resultados obtidos.

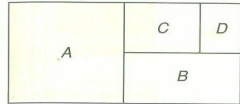
Características do material estudado

Mendel obteve sucesso em seu trabalho não só por reunir conhecimento biológico e estatístico, mas também pela escolha das características da ervilha-de-cheiro, que favoreceram a realização dos experimentos:

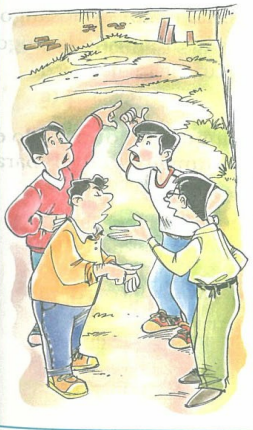
- produzem uma grande quantidade de descendentes, permitindo a análise estatística;

Desafio

Quatro irmãos receberam de herança um terreno, que foi dividido entre eles da seguinte forma:

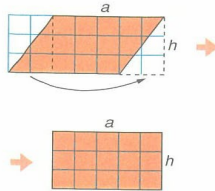


Adão ficou com uma área maior que a destinada a Luís. Bento ficou com uma área menor que a de Carlos, que por sua vez ficou com uma área maior que a de Luís, porém menor que a de Adão. Qual é a parte do terreno de cada um?



Há duas respostas:
 Adão: A Adão: A
 Carlos: B ou Carlos: B
 Bento: C Luís: C
 Luís: D Bento: D

Área do paralelogramo



O paralelogramo foi decomposto para, em seguida, compor um retângulo.



Após a decomposição e a composição das figuras, observe que:

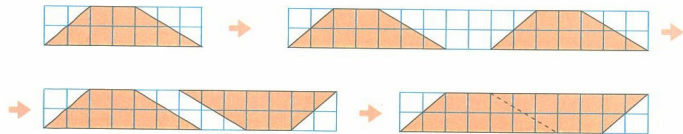
- o paralelogramo e o retângulo têm a mesma altura;
- o paralelogramo e o retângulo têm a mesma medida da **base**;
- o paralelogramo e o retângulo têm a mesma área.

Dessa forma, temos:

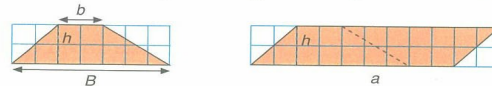
$$A_p = A_r \Rightarrow A_p = a \cdot h \quad \left\{ \begin{array}{l} A_p: \text{área do paralelogramo} \\ a: \text{medida da base do paralelogramo} \\ h: \text{altura do paralelogramo} \end{array} \right.$$

Área do trapézio

Observe a seqüência abaixo, em que o trapézio foi duplicado e depois um dos trapézios resultantes sofreu um giro de 180° para compor um paralelogramo.



Após a composição do paralelogramo, é possível observar que:



- o trapézio e o paralelogramo têm a mesma altura;
- o comprimento da base do paralelogramo é equivalente à soma das medidas da **base** menor e da base maior do trapézio ($a = B + b$);
- a área do trapézio é igual à metade da área do paralelogramo.

Assim, temos:

$$A_t = \frac{A_p}{2} \Rightarrow A_t = \frac{a \cdot h}{2} \Rightarrow A_t = \frac{(B + b) \cdot h}{2} \quad \left\{ \begin{array}{l} A_t: \text{área do trapézio} \\ B: \text{medida da base maior do trapézio} \\ b: \text{medida da base menor do trapézio} \\ h: \text{altura do trapézio} \end{array} \right.$$

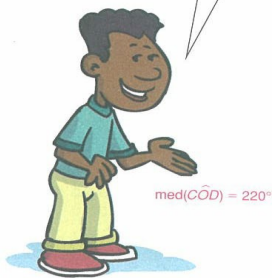
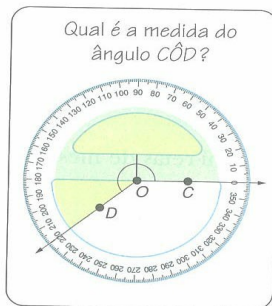
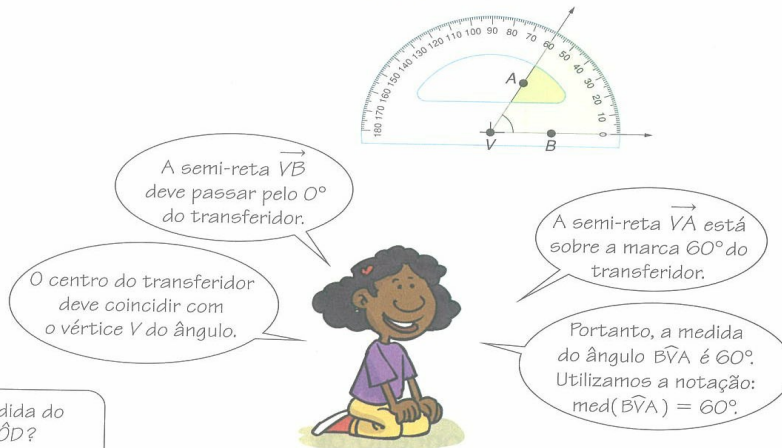
Medida de ângulo

Na medida de um ângulo não importa a área da região que ele determina nem o comprimento das semi-retas, mas apenas a abertura entre elas.

Os ângulos podem ser medidos em **graus**. Um instrumento que usamos para medi-los é o transferidor.

Cada uma das divisões do transferidor corresponde a um ângulo de medida 1° (lê-se: um grau).

Veja como Marina **mediu** o ângulo abaixo:



Observação:

A unidade de medida grau tem submúltiplos: o **minuto** e o **segundo**.

- 1 minuto é $\frac{1}{60}$ do grau, ou seja, $1^\circ = 60'$.
- 1 segundo é $\frac{1}{60}$ do minuto, ou seja, $1' = 60''$.

Ângulos reto, agudo e obtuso

Destacamos os ângulos a seguir:

Ângulos retos	Ângulos agudos	Ângulos obtusos
São ângulos cuja medida é 90° .	São ângulos cuja medida está entre 0° e 90° .	São ângulos cuja medida é maior que 90° e menor que 180° .

Processe a sua lanchonete

“A obesidade também é uma doença e nos EUA alcança níveis de epidemia.”

Se você gosta de pizza no fim de semana, esqueça. O mesmo vale para o hambúrguer que você está pensando em consumir depois do cinema e para aquele biscoito comprado no supermercado. A menos que você tenha a intenção de ganhar muito dinheiro unindo-se aos milhões de obesos, clientes em potencial de advogados dispostos a entrar na Justiça contra as cadeias de lanchonete e empresas de alimentação. Parece absurdo? Não para os americanos. Eles se baseiam nas ações bem-sucedidas contra as companhias de tabaco, consideradas responsáveis pelos problemas de saúde dos fumantes inveterados.

Já existem ações contra grandes redes de lanchonetes. As supostas vítimas são homens de cerca de cinquenta anos com vários problemas de saúde devidos à obesidade. Apesar de todos os conselhos médicos, costumam, nas palavras de seu advogado, empanturrar-se de *cheeseburgers*, *milk-shakes*, fritas, *bacon* e tortas doces “pelo menos quatro ou cinco vezes por semana”. E, citando o advogado entrevistado por jornais americanos, “não sabiam que *fast-food* podia causar tantos problemas à saúde”.

Em pleno século 21, é preciso ser cego, surdo ou muito ignorante para desconhecer que comida gordurosa e doces em excesso não constituem uma dieta saudável. Mesmo assim, após algum tempo desse cardápio indigesto, só uma pessoa muito distraída não vai **notar** seus efeitos nocivos — se não à saúde, pelo menos à silhueta.



TIM BOYLE/GETTY NEWS-GETTY IMAGES

Restaurante *fast-food* no estado de Illinois, Estados Unidos.

Não há nada de mal em comer um sanduíche ou um sorvete de chocolate de vez em quando. O problema é tentar esconder a auto-indulgência e gula culpando os outros. Está na hora de as pessoas perceberem que comem mal porque querem.

O ato de ir até a lanchonete, pagar o sanduíche, levá-lo à boca, digeri-lo e repetir a dose com frequência é voluntário — faz quem se arrisca. O ato de assistir a programas de TV de baixo nível, ouvir música com letra medonha, seguir modas extravagantes também é voluntário. Faz quem quer.

Nas ações contra as empresas de tabaco havia um argumento forte a favor das vítimas. Apesar de os fabricantes negarem durante anos, cigarros contêm nicotina, uma substância altamente viciante. É muito difícil para um fumante largar o vício. Os médicos admitem que a maioria dos fumantes não fuma por escolha, mas porque é viciada em nicotina. Alertam que o tabagismo é uma doença que precisa ser tratada como qualquer outra e vista como outras dependências, como cocaína e álcool.

A obesidade também é uma doença e nos EUA alcança níveis de epidemia. Cerca de trezentas mil pessoas morrem todo ano naquele país de doenças causadas pela obesidade e agravadas pelo excesso de peso. Cerca de 60% dos adultos e 13% das crianças americanas são obesas. E isso ocorre porque favorecem uma dieta rica em calorias, ou simplificando, preferem hambúrgueres e pizzas a frutas e vegetais. Mas a ligação entre a indústria alimentícia e os riscos à saúde certamente não é a mesma que serviu para condenar as companhias de tabaco e a dependência do cigarro.

Qualquer tipo de alimento tem um papel importante numa dieta balanceada, inclusive as gorduras. A obesidade é uma doença resultante do desequilíbrio energético, ou seja, quando a energia ingerida (quantidade de calorias) é maior que a energia despendida (calorias usadas na atividade física e na formação de calor). Esse desequilíbrio é facilitado em pessoas com predisposição **genética** de acumular gorduras. Por isso, o controle de peso bem-sucedido requer mudanças de longo prazo no estilo de vida, na alimentação, exercícios físicos e muita conscientização. Processar as lanchonetes não vai ajudar ninguém a emagrecer, embora seja a longo prazo uma possível mina de ouro.

MARITHA SAN JUAN FRANÇA.
Galileu, São Paulo, n. 140, mar. 2003.



Alimentos calóricos servidos em lanchonetes americanas.

BRIAN LEATY/FOOD PIX/GETTY IMAGES

à

ci-
ei
ne
or

al,
In-
ni-
ça
os:
s.
que
aci-
mi-
Só
nar:
ção
ual.
a é
ornar
a do
a tra-
abe-
o etc.
desse
ntade

m. O
até se
a). Na
ntran-
ar, em
belos

m evi-
cil sair.
quanto é
nantes,
hos de
em de-

Resumo da obra: A obra do Colégio Petrarca é um livro de 19 páginas de fevereiro de 1996.
Resumo da obra: A obra do Colégio Petrarca é um livro de 19 páginas de fevereiro de 1996.

2. Que texto é esse?

- 2) Sim, porque o autor do texto é médico e o texto foi publicado em um veículo de circulação nacional, lido por milhares de pessoas diariamente, o que aumenta sua responsabilidade pelo que publica e pelos articulistas que seleciona.
- 3) Idéia principal: Não se deve comprar o primeiro maço de cigarros (ou não se deve fumar). Argumento 1: O cigarro contém nicotina, que causa dependência. Argumento 2: Outros elementos químicos no cigarro provocam várias doenças graves. Argumento 3: Superar o vício leva muito tempo, o suficiente para o organismo sofrer impactos negativos da droga. Argumento 4: O cigarro não torna ninguém mais maduro ou mais legal.

Que tal inverter o jogo e pedir que eles também deixem o cigarro?

Hoje, novos métodos (remédios que controlam a vontade de fumar), terapia de **apoio** e reposição de nicotina são alternativas para facilitar a vida do fumante que quer largar o cigarro. Sugira a eles que procurem um médico.

Só para terminar: em raras ocasiões a gente diz aqui o que a pessoa deve ou não fazer. Se a gente disse isso hoje para você, é por convicção absoluta de que você não precisa comprar seu primeiro maço de cigarros para se sentir mais legal. Muito pelo contrário, esse é um passo para anos de muita dor de cabeça. É isso!

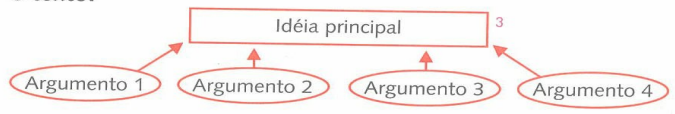
JAIRO BOUER.
Folha de S.Paulo, São Paulo, 07 mar. 2003. Folhateen.

O texto que você leu faz parte de uma coluna assinada, publicada em um jornal.

Ele foi escrito pelo médico e psiquiatra Jairo Bouer. Na coluna ele comenta cartas de leitores ou responde a elas, expressando sua opinião e defendendo-a com argumentos.

A coluna é uma seção de jornal ou revista, assinada em geral por um jornalista ou um especialista em determinado assunto e publicada periodicamente.

- 2 Observe a fonte e a autoria do texto. O texto merece credibilidade? Por quê? ²
- 3 Faça este esquema no caderno e complete-o de acordo com o texto.



- 4 Que recursos são utilizados no texto para desenvolver a argumentação? *Pesquisas, fatos, vivência como especialista.*
- Transcreva no caderno as *estratégias* de argumentação utilizadas pelo autor.
 - Para convencer o adolescente de que não deve comprar seu primeiro maço de cigarros, o texto mostra as vantagens e desvantagens de fumar.
 - ✗ Para convencer o adolescente de que não deve comprar seu primeiro maço de cigarros, o autor justifica sua tomada de posição mostrando as conseqüências do ato de fumar.
 - ✗ Para convencer o adolescente de que não deve comprar seu primeiro maço de cigarros, o autor apresenta contra-argumentos para rebater os argumentos apresentados pelo leitor, fazendo um contraponto entre suas opiniões e as do adolescente.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)